

XXX SEMANA DE
ESTUDOS CLÁSSICOS &
X ENCONTRO NACIONAL DE
PROFESSORES DE LATIM (ABPL)



ECOS DE MILÊNIO,
VOZES DE HOJE

De 06 a 10 de abril de 2026

Faculdade de Ciências e Letras,
câmpus de Araraquara

Comissão organizadora

Alexandre Agnolon (UFOP)
Anise de Abreu Gonçalves (UNESP)
Beatriz Araujo Morandini (UNESP)
Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP)
Emerson Cerdas (UNESP)
Giovanna Longo (UNESP)
Jhyovana Almeida Rocha (UFRR)
João Batista Toledo Prado (UNESP)
Jonathan de Sousa Petita (UNESP)
Marcio Natalino Thamos (UNESP)
Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (UNESP)
Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (UFRR)

Comissão científica

Prof. Dr. Alexandre Agnolon (UFOP)
Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira (UNESP)
Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP)
Prof. Dr. Emerson Cerdas (UNESP)
Profa. Dra. Giovanna Longo (UNESP)
Prof. Dr. João Batista Toledo Prado (UNESP)
Prof. Dr. Marcio Natalino Thamos (UNESP)
Prof. Dr. Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (UNESP)
Profa. Dra. Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (UFRR)

Diretoria ABPL – 2024-2026

Presidente: Weberson Fernandes Grizoste (UEA)
Vice-presidente: Camila Machado Reis (Universidade de Coimbra)
Primeiro secretário: Adilio Junior de Souza (URCA)
Segundo secretário: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp)
Primeiro tesoureiro: Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)
Segundo tesoureiro: Francisco de Assis Costa de Lima (UEA)

Conselho fiscal

Primeiro conselheiro: Guilherme Gontijo Flores (UFPR)
Segunda conselheira: Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)
Terceira conselheira: Charlene Martins Miotti (UFJF)

Suplentes do Conselho

Pedro Baroni Schmidt (UFRJ)
Gilson Charles dos Santos (UNB)
Vivian Gregores Carneiro Simões (UFRR)

Promovido por

Conselho de Curso de Letras - FCLAr
Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa
Faculdade de Ciências e Letras (UNESP-Araraquara)
Programa de Pós-Graduação em Letras (UFOP)
Associação Brasileira de Professores de Latim

Apoio técnico FCLAr

Direção
Gráfica
Copa
Diretoria de Serviços

Sejam todas e todos bem-vindos!

Há encontros que não são apenas datas no calendário — são marcos na memória coletiva de uma área, de uma comunidade, de uma tradição que insiste em permanecer viva. Hoje celebramos um desses momentos.

A *XXX Semana de Estudos Clássicos da UNESP – Araraquara* não é apenas a trigésima edição de um evento acadêmico. É a continuidade de um projeto intelectual que, há três décadas, faz de Araraquara um território de reflexão, partilha e formação nos Estudos Clássicos. Ao longo desses anos, a SEC consolidou-se como espaço de excelência acadêmica e, ao mesmo tempo, de acolhimento: aqui se formaram gerações de pesquisadoras e pesquisadores, aqui se cruzaram a linguística com a filologia, a poética clássica com a semiótica, ensino e liberdade, aqui se reafirmou que o antigo nunca é apenas passado — é presença ativa no modo como pensamos o mundo.

Neste ano, a celebração se amplia e se fortalece com o *X Encontro Nacional de Professores de Latim da Associação Brasileira de Professores de Latim (ABPL)*. Ao completar dez anos, a ABPL reafirma seu caráter profundamente formativo e dialógico. Nascida do compromisso com o ensino, com a sala de aula e com a democratização dos saberes clássicos, a Associação tem sido ponte entre universidade e educação básica, entre pesquisa e prática docente, entre tradição e reinvenção. Se a SEC representa a força de uma trajetória consolidada, a ABPL simboliza o movimento, o diálogo e a construção coletiva de um futuro possível para o ensino de Latim no Brasil.

Reunidos sob o tema **“Ecos de Milênios, Vozes de Hoje”**, celebramos mais do que efemérides. Celebramos a persistência das perguntas antigas que continuam a nos desafiar: sobre poder e justiça, sobre linguagem e verdade, sobre memória e transformação. Celebramos também a coragem de ensinar, pesquisar e aprender em tempos que exigem pensamento crítico, sensibilidade histórica e compromisso social.

Que estes dias em Araraquara — essa morada do sol que tantas vezes acolheu os Estudos Clássicos — sejam um verdadeiro *symposion* contemporâneo: espaço plural, vibrante, rigoroso e generoso. Que possamos renovar vínculos, criar parcerias, inspirar estudantes, fortalecer professores e, sobretudo, reafirmar que os ecos do passado não nos aprisionam — eles nos convocam.

É tempo de celebrar: trinta edições da SEC, dez anos da ABPL, incontáveis vozes que mantêm viva a chama das Humanidades.

Sejam todas e todos muito bem-vindos. Que esta história, que atravessa milênios, continue a pulsar em cada encontro, em cada debate e em cada sala de aula que aqui se projeta para o futuro.

A Comissão Organizadora

DIA/HORA	SEGUNDA	TERÇA
9h	Credenciamento Vão dos Anfis.	
9h30	Solenidade de Abertura do evento Anf. A	
10h-12h	Mesa de Abertura: <i>Práticas extensionistas nos Estudos Clássicos</i> Anf. A	Mesa redonda: <i>Tecnologia e Linguística: Grego e Latim virtuais</i> Anf. A
12h-14h	ALMOÇO	
14h-16h	SC 01 – Sala 10	SC 05 – Sala 10
	SC 02 – Sala 11	SC 06 – Sala 11
	SC 03 – Sala 12	SC 07 – Sala 12
	SC 04 – Sala 13	SC 08 – Sala 13
16h-16h30	COFFEE	
16h30-19h	Observatório de grupos de Pesquisas e Estudos - 01 Anf. C	SC 09 – Sala 10
		SC 10 – Sala 11
		SC 12 – Sala 12
		SC 12 – Sala 13
19h – 20h30	MINICURSO 1 <i>Epigrama Helenístico & Elegia Romana</i> Prof. Dr. Alexandre Agnolon (ICHS-POSLETRAS-UFOP) Anf. C	MINICURSO 1 <i>Epigrama Helenístico & Elegia Romana</i> Prof. Dr. Alexandre Agnolon (ICHS-POSLETRAS-UFOP) Anf. C
	MINICURSO 2 <i>Repensando o “monstro” na Antiguidade: categorias modernas e problematização conceitual</i> Profa. Dra. Camila Aline Zanon (USP/Unicamp) Sala 35	MINICURSO 2 <i>Repensando o “monstro” na Antiguidade: categorias modernas e problematização conceitual</i> Profa. Dra. Camila Aline Zanon (USP/Unicamp) Sala 35

QUARTA	QUINTA	SEXTA
	<p>Mesa Redonda</p> <p><i>O erudito e o popular na recepção dos clássicos</i></p> <p>Anf. A</p>	<p>Observatório de grupos de Pesquisas e Estudos - 03</p> <p>Anf. C</p>
ALMOÇO		
	<p>Assembleia da ABPL</p> <p>Anf A</p>	<p>SC 13 – Sala 10</p> <p>SC 14 – Sala 11</p> <p>SC 15 – Sala 12</p> <p>SC 16 – Sala 13</p>
		<p>SC 17– Sala 10</p> <p>SC 18 – Sala 11</p> <p>SC 19 – Sala 12</p>
COFFEE		
<p><i>"Roda de Conversa para uma rede de brasileiras nos Estudos Clássicos"</i></p> <p>Evento híbrido</p> <p>Anf. C</p>	<p>Observatório de grupos de Pesquisas e Estudos - 02</p> <p>Anf. C</p>	<p>Mesa de encerramento</p> <p><i>Poéticas e retóricas em foco</i></p> <p>Anf. A</p>
<p>Grupo <i>Giz-en-Scène</i> - Unesp - Faculdade de Ciências e Letras</p> <p>Anf A.</p>	<p>MINICURSO 1</p> <p><i>Epigrama Helenístico & Elegia Romana</i></p> <p>Prof. Dr. Alexandre Agnolon (ICHS-POSLETRAS-UFOP)</p> <p>Anf. C</p>	
	<p>MINICURSO 2</p> <p><i>Repensando o "monstro" na Antiguidade: categorias modernas e problematização conceitual</i></p> <p>Profa. Dra. Camila Aline Zanon (USP/Unicamp)</p> <p>Sala 35</p>	



Caros participantes, as atividades do evento terão certificação individual. Para receber seu certificado, é necessário inscrever-se diretamente no site oficial do evento. Atente para inscrever-se em cada atividade que deseja receber certificação. Acesse o site do evento pelo QR Code e confira ainda o Caderno de Resumos.



SEGUNDA-FEIRA (06/04) – das 9h30 às 10h
Anf. A

Solenidade de abertura

Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
(Pres. Comissão organizadora/2.o Secr. ABPL 2024-6)
Prof. Dr. Claudio Cesar de Paiva
(Diretor FCLAr-UNESP)
Prof. Dr. Weberson Grizoste (Presidente ABPL 2024-6)
Marco Aurélio Rodrigues
(Vice-Pres. Comissão organizadora)

SEGUNDA-FEIRA (06/04) – das 10h às 12h
Anf. A

Mesa de Abertura

Práticas extensionistas nos Estudos Clássicos
Mediador: Profa. Dra. Giovanna Longo

Ludi Insulae: Teatro Clássico na ilha de Parintins
Prof. Dr. Weberson Grizoste (UEA)

“A σχολή para além da escola: extensão em tradução de línguas clássicas no Museu Mariano Procópio”
Profa. Dra. Charlene Miotti (UFJF)

“A dimensão formativa da extensão universitária nas Letras Clássicas”
Profa. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ)



SEGUNDA-FEIRA (06/04) das 14h às 16h

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

SC01 *Leituras e leitores da Antiguidade*

Local: Sala 10

Coordenador: Prof. Dr. Luiz Henrique Queriquelli (D-UFSC)

1. Genus, species et forma: o idioma de uma geração e a identidade estilística do orador em Cícero - Wanessa Almeida Ramos (PG-UNICAMP);
2. Reavaliando a autoria das Fábulas atribuídas a Higino: evidências linguísticas e estilísticas - Luiz Henrique Queriquelli (D-UFSC);
3. De outros autores ilustres: comentários sobre os prefácios de Valério Máximo e Justino - Jéssica Frutuoso Mello (D-UERJ);
4. Considerações sobre o leitor moderno frente às edições de Jerônimo de Estridão como mediadoras intertextuais: estudo de caso a partir do segundo prefácio dos Comentários a Miqueias - Marcello Peres Zanfra (D-UFF).

SC02 *Mito e tradição literária em Virgílio e Ovídio*

Local: Sala 11

Coordenador: Márcio Thamos (D-UNESP-FCLAr)

1. A poética da semelhança e da contiguidade: figuras de linguagem na Eneida - Isabela Tauber Moreira (G-UNESP-FCLAr);
2. Afetos e persuasão: Um estudo retórico-semiótico da carta “Dido a Eneias” (Ovídio, Heroides, VII) - Beatriz Araujo Morandini (PG-UNESP-FCLAr).
3. Da épica náutica ao trote da mula: quatro traduções do Catalepton X - Márcio Thamos (D-UNESP-FCLAr);

SC03 *Temas clássicos na narrativa moderno-contemporânea*

Local: Sala 12

Coordenadora: Thaís de Carvalho Eduardo (PG-UNESP-FCLAr)

1. A recepção clássica e o modo fantástico em “A decadência de dois grandes homens” (1873), de Machado de Assis - Maylah Longo Gonçalves Menezes Esteves (PG-UNESP-FCLAr);
2. Olhares velados: a cegueira trágica (ἄτη) e a epifania do feminino entre Hécuba e a modernidade literária lispectoriana - Maria Eduarda Vergilio Giarrante (G-UNESP-FCLAr).
3. Ecos da Tradição clássica em Baudelaire e as vozes do exílio: Andrômaca, os homens de Ovídio e o Cisne - Thaís de Carvalho Eduardo (PG-UNESP-FCLAr);
4. Os diálogos entre Ana Martins Marques e a cultura clássica no poema “A outra noite” - Danilo Santos Fernandes (PG-UNESP-FCLAr);

SC04 *Recepções da Antiguidade*

Local: Sala 13

Coordenador: Hélio Fellipe Dalle Piagge (PG-UNESP-FCLAr)

1. Novas auroras: os epigramas de Marcial traduzidos por Rodrigo Garcia Lopes - Cecil Silva de Oliveira (G-UNESP-FCLAr);
2. A poética pastoril de Francisca Possolo da Costa: intertextualidades da antiguidade latina com o arcadismo português em Francília, pastora do Tejo (1816) - Hélio Fellipe Dalle Piagge (PG-UNESP-FCLAr);
3. Ritmo e elocutio na lírica galego-portuguesa: a presença da oratio numerosa nas cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade - Jayane Caroline Queiroz Sampaio (PG-UNESP-FCLAr).
4. Evemerismo e fake news etimológicas na Edda em Prosa - Samuel Renato Siqueira Sant'Ana (PG-UNESP-FCLAr);

SEGUNDA-FEIRA (06/04) das 16h30 às 19h

**OBSERVATÓRIO DE GRUPOS DE ESTUDOS E PESQUISAS
(ABPL)**

OBS01 Sessão plenária presencial/ remota 01

Local: Anf. C

Debatedor: Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)

Debatedora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF) ANF. C

1. Giz-en-Scène: teatro antigo, divulgação e extensão universitária – Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (D- UNESP-FCLAr)
2. Latinitates: As representações do gênero e da sexualidade – Weberson Grizoste (D-UEA-PPGL/UFAM); Elivelton Souza da Silva (PG-UFAM); Geovanne Amaral Borges (PG-UFAM); Taylla Larissa Leite Barbosa (PG-UFAM)
3. Tradução e recepção: breve panorama de atividades do LEC-UFF – Beethoven Alvarez (D-LEC-UFF), Renata Cazarini de Freitas (D-LEC-UFF), Marcello Peres Zanfra (D-LEC-UFF)
4. Pecora Loca - Grupo de tradução e(m) performance – Guilherme Gontijo Flores (D-CNPq/UFPR); Fábio Paifer Cairolli (D- CNPq/UFPR); Guilherme Bernardes (PG-UFPR)

TERÇA-FEIRA (07/04) – das 10h às 12h

Anf. A

Mesa redonda

Tecnologia e Linguística: Grego e Latim virtuais

Mediador: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D' Orange Ferreira

Beyond the False Divide: AI, Antiquity, and the Future of the Humanities

(Além da Falsa Divisão: IA, Antiguidade e o Futuro das Humanidades)

Profa. Dra. Eleni Bozia

O de sempre, só que diferente: potencial científico e pedagógico da análise morfossintática nas Clássicas Digitais

Prof. Dr. Lucas Consolin Dezotti (UFPB)

TERÇA-FEIRA (07/04) das 14h às 16h

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

SC05 *Tradição clássica e Estudos Literários*

Local: Sala 10

Coordenadora: Laura Ribeiro da Silveira (D-UFES)

1. O romance anglófono contemporâneo de autoria feminina na recepção dos clássicos: Natalie Haynes e as novas vozes - Laura Ribeiro da Silveira (D-UFES);
2. A face de horror de Medusa: uma análise dos aspectos definidores da monstrosidade e divindade das górgonas - Bruna Paquier Cestari (PG-UNESP-FCLAR);
3. Edith Bruck e a pedra de Sísifo - Cláudia Fernanda de Campos Mauro (D-UNESP-FCLAR);
4. A voz das mulheres na Antiguidade: literatura como prática cultural e o teatro clássico como espaço de reflexão social - Jhyovana Almeida Rocha (G-UFRR); Eliaine de Moraes Belford (D-UFRR); Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (D-UFRR).

SC06 *Variações sobre tradução em Letras Clássicas*

Local: Sala 11

Coordenador: Beethoven Alvarez (D-UFF)

1. Questões sobre o tratamento do estrangeiro no Punicozinho, de Plauto - Beethoven Alvarez (D-UFF);
2. Tradução, discurso e autoria: a “função tradutor” nas notas tradutórias do Satyricon de Petrônio - Lívia Mendes Pereira (D-UNESP-FCLAR);
3. Há espaço para novas propostas de tradução poética do verso hexamétrico em português brasileiro? - Fábio Gerônimo Mota Diniz (D-ETEC);
4. Imitação servil e emulação na Epístola 1.19 de Horácio - Eduarda Wandermuren Thompson (PG-UFOP).

SC08 *Ethos em Ovídio: gêneros e personae*

Local: Sala 13

Coordenador: Luiz Pedro da Silva Barbosa (D-UFF)

1. Enone a Páris: um estudo discursivo da argumentação na carta V, das Heroides de Ovídio - Bárbara Roberta Restagno (G-UNESP-FCLAr);
2. Acôncio: a construção de um perfil obstinado (Ovídio, Heroides, XX) - Blair Lily Janguas Alves (PG-UNESP-FCLAr);
3. Uma ameaça velada: figurativização e argumentação na carta XVI, "Páris a Helena", das Heroides, de Ovídio - Raquel da Fonseca David (PG-UNESP-FCLAr);
4. Relações elegíacas nas Metamorfoses de Ovídio - Luiz Pedro da Silva Barbosa (D-UFF).

TERÇA-FEIRA (07/04) das 16h30 às 18h30

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

SC09 *Exílio e abandono na obra ovidiana*

Local: Sala 10

Coordenador: Iara Cristina Costa (PG-UNESP-FCLAr)

1. A angústia da espera: estudo sobre a dimensão persuasiva em "Penélope a Ulisses" (Ovídio, Heroides, I) - Iara Cristina Costa (PG-UNESP-FCLAr);
2. Estudo da dimensão argumentativa na carta XXI "Cidipe a Acôncio", das Heroides de Ovídio - Lavínea Gomes Campos (G-UNESP-FCLAr);
3. O Latim na sala de aula da Escola Pública - Ronie Pétersen Leite da Silva (D-SEED-PR);
4. A espera de Dejanira: análise do percurso passional e persuasivo de um trecho da Carta IX "Dejanira a Hércules" (Ovídio, Heroides, IX) - Lucca Mollo Brasileiro de Carvalho (PG-UNESP-FCLAr).

SC10 *Recepção e tradução clássica no séc. XIX*

Local: Sala 11

Coordenador: Weberson Fernandes Grizoste (UEA-CESP)

1. A Eneida e Os Timbiras: o canto da América Infeliz - Weberson Fernandes Grizoste (UEA-CESP);
2. "Athenas Brasileira": o lugar da Antiguidade e do Brasil na cena literária maranhense do séc. XIX - Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (D-UNESP-FCLAr);
3. Eneida de João Gualberto: a primeira tradução brasileira da épica virgiliana - Márcio Thamos (D-UNESP-FCLAr);
4. A Farsália de Lucano por José Feliciano de Castilho: tratamento editorial do conjunto de manuscritos e estudos de tradução - Gabriel Felix da Silva Santana (G-UNESP-FCLAr).

SC11 *Questões de gênero na Antiguidade e em sua recepção*

Local: Sala 12

Coordenadora: Carol Martins da Rocha (D-UFJF)

1. Obsequio plurima vincet amor: a representação do homoerotismo na elegia Tibuliana - Marllon César Isidorio Borges (G-UFOP); Alexandre Agnolon (D-UFOP);
2. Ecos de dominação: o herói antigo sob a lente das masculinidades de hoje - Johnwill Costa Faria (D-UEG);
3. Adultério e masculinidades romanas em Marcial, Juvenal e Petrônio - Diogo Moraes Leite (PG-UNICAMP);
4. A transição de gênero de Cênis nas Metamorfoses de Ovídio - Carol Martins da Rocha (D-UFJF).

SC12 *Usos dos clássicos no passado e no presente*

Local: Sala 13

Coordenador: Izis Cavalcanti Albuquerque de Souza Queiroz (PG-UNESP-FCLAr)

1. A pluralidade dos mitos fundadores: o conceito de “discurso fundador” na Grécia Clássica e diálogos contemporâneos – Izis Cavalcanti Albuquerque de Souza Queiroz (PG-UNESP-FCLAr);
2. A(s) horrível(is) bela(s) morte(s) do(s) herói(s) clássico(s) – Lucas Eduardo Silva De Brito (G-UNIFAL-MG);
3. O percurso do ‘eu’ ficcional do Ocidente encetado no verso de Menelau: “Mas o que o meu estimado thumos me diz? (Ilíada, XVII, 97) – Gabriel Galdino Fortuna (PG-UFRJ);



QUARTA-FEIRA (08/04) – das 16h30 às 19h
Anf A.

Roda de Conversa para uma rede de brasileiras nos Estudos Clássicos

Esta roda de conversa tem como objetivo reunir mulheres que atuam nos Estudos Clássicos para um momento de diálogo, troca de experiências e construção coletiva. A proposta dá continuidade às discussões iniciadas na assembleia da SBEC, em dezembro de 2025, ampliando esse espaço de escuta e articulação entre pesquisadoras, professoras e estudantes.

Durante o encontro, serão compartilhadas ideias e acolhidas reflexões a fim de subsidiar encaminhamentos iniciais para a organização em conjunto, alguns encaminhamentos iniciais para a organização de uma rede de brasileiras na área, fortalecendo vínculos e incentivando a colaboração entre as participantes.

As inscrições para participação devem ser realizadas pelo site do evento:
<https://www.event3.com.br/xxx-semana-de-estudos-classicos-x-encontro-nacional-de-professores-de-latim-664693/>





QUARTA-FEIRA (08/04) – das 19h às 20h30
Anf A.

*O Grupo Giz-em-Scène de Leituras Dramatizadas (FCLAr-UNESP)
orgulhosamente apresenta sua montagem de*

Lisístrata, de Aristófanes
Entrada gratuita





QUINTA-FEIRA (09/04) – das 10h às 12h

Anf. A

Mesa redonda

O erudito e o popular na recepção dos clássicos

Mediador: Prof. Dr. Márcio Thamos

O episódio da Matrona de Éfeso (Satyricon, de Petronio) em libreto: questões de tradução e invenção para a ópera.

Prof. Dr. Paulo Eduardo de Barros Veiga (USP-RP)

A Eneida de Virgílio na corda bamba de um cordel

Prof. Dr. Fábio Paifer Cairolli (UFPR)

QUINTA-FEIRA (09/04) das 14h às 16h

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

SC13 *Fantasmagoria e tragicidade*

Local: Sala 10

Coordenador: Afonso Junior Ferreira De Lima (PG-UNB)

1. Gótico senequiano - formas monstruosas e estética da escuridão - Afonso Junior Ferreira De Lima (PG-UNB);
2. A construção da heroína na “tragédia de escape” e no romance grego antigo: uma proposta de pesquisa - Gabriela de Lima Mazochi (PG-UNESP-FCLAr);
3. Afrodite entre o mito e a tragédia: poder, desejo e punição na obra de Eurípides - Yasmim Magri (G-UNESP-FCLAr);
4. O conceito da phantasia e seus usos no período Imperial Romano - Samira Costa Jorge (G-UNESP-FCLAR).

SC14 *Clássicas digitais*

Local: Sala 11

Coordenadora: Anise de Abreu Gonçalves D’Orange Ferreira (D-UNESP-FCLAr)

1. Adicionando análise lexical ao Dicionário Digital Grego-Português: o caso de um app web em menos de 50 'commits' - Anise de Abreu Gonçalves D’Orange Ferreira (D-UNESP-FCLAr);
2. Epigrafia grega digital: uma introdução - Paula Camargo Boschiero (PG-UNESP-FCLAr);
3. Entre a comédia e o dicionário: o tratamento lexicográfico obsceno em Acarnenses - Cezar Augustus Auriquio (PG-UNESP-FCLAr);
4. Quando os termos não têm refúgio: por uma tradição terminológica do grego clássico no Brasil - Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (D-UNESP-FCLAr).

SC15 *Tradução de textos da Antiguidade Tardia ao Renascimento*

Local: Sala 12

Coordenador: Celso Henrique Siller Baptisti (PG-UFPR)

1. Traduzir Prudêncio, hoje: uma voz para a Psychomachia - Celso Henrique Siller Baptisti (PG-UFPR);
2. Apontamentos para tradução e introdução do poema Sobre a Esfera de George Buchanan - Rafael Serpa Antunes dos Santos (G-UFF);
3. Invocação das musas: A épica miltoniana em relação à Virgiliana e Homérica segundo C. S. Lewis - Rafael Carrer Ferreira (PG-UNESP-FCLAr)
4. De Lingua Latina, de Varro - Virna Pedrosa Sobral (PG-UNB);

SC16 *Romance antigo greco-romano e seus desdobramentos*

Local: Sala 13

Coordenador: Emerson Cerdas (D-UNESP-FCLAR)

1. Beleza, violência e a cumplicidade do leitor nas écfrases de Leucipe e Clitofonte - Emerson Cerdas (D-UNESP-FCLAR);
2. A astúcia feminina no romance Grego Antigo: uma análise da métiis em Leucipe e Clitofonte de Aquiles Tácio - Melissa de Castro Vitorelli (PG-UNESP-FCLAr);
3. O casamento de Peleu e Tétis em Excidium Troiae: tradução e comentários - Gelbart Souza Silva (D-UNESP-IBILCE);
4. Traduzindo Suetônio e Dión Cássio: uma aproximação de trechos da "Vita Neronis" e da "História Romana" - Jonathan de Sousa Petita (PG-UNESP-FCLAr).

QUINTA-FEIRA (09/04) das 16h30 às 19h

**OBSERVATÓRIO DE GRUPOS DE ESTUDOS E PESQUISAS
(ABPL)**

OBS02 Sessão plenária presencial/ remota 02

Local: Anf. C

Debatedor: Renata Cazarini de Freitas (UFF)

Debatedor: Profa. Dra. Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (UFRR)

1. Por que (ainda) ler os Clássicos? Uma experiência com os estudos clássicos na URCA Adílio Junior de Souza (URCA), Cicera Viviany Samara da Silva Monteiro, Maria das Graças Inácio dos Santos, Tiago Nascimento Silva;
2. Minas com Rio no Círculo de Estudos da Antiguidade (CirceA/CNPq/SBEC) – Charlene Miotti (D-UFJF), Ana Clara Vizeu Lopes (PG-UFJF), Isadora de Souza Belli (PG-UFJF), Luiza Diniz Araújo (PG-UFJF), Emmanuele Souza Sales de Lima (G-UFJF-Ext.), Isabella Guimarães Silva (G-UFJF/IC), Laura Prates Bellozi Monteiro (G-UFJF/IC).
3. Pesquisas em gramática e retórica no Amazonas: desafios e avanços – Carlos Renato Rosário de Jesus (D-UEA), Francisco de Assis (D-UEA), Leillane Regina dos Santos (PG-UEA), Fernanda Santos da Silva (PG- UEA/UFJF)



QUINTA-FEIRA (09/04) – A partir das 21h

A apresentação será também uma confraternização entre os participantes do evento.
Atenção para o fato de o local ser externo à universidade: Bar do Bigode, Rua Voluntários da Pátria, 2380, Centro, Araraquara.



Show com o Grupo Pecora Loca (UFPR)

Com Guilherme Gontijo Flores, Fábio Paifer Cairolli e Guilherme Bernardes

Adesão: R\$ 15,00 (vendas antecipadas durante o evento)

SEXTA-FEIRA (10/04) das 10h às 12h

**OBSERVATÓRIO DE GRUPOS DE ESTUDOS E PESQUISAS
(ABPL)**

OBS03 Sessão plenária presencial/ remota 03

Local: Anf. C

Debatedor: Prof. Dr. Weberson Grizoste (UEA)

Debatedor: Prof. Dr. Brunno Vinícius Gonçalves Vieira (UNESP/FCLAr)

1. A Presença do Latim no Curso de Letras da Unicamp: de 1988 a 2026 - Isabella Tardin Cardoso (D-CNPq/UNICAMP), Patricia Prata(D-UNICAMP), Paulo Vasconcellos(D-UNICAMP), Marcos Aurelio Pereira (D-UNICAMP)
2. Ensinar latim na Amazônia: quando o texto vira exercício e o aluno vira autor - Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (D-UFRR), Sissi Wiecheteck (G-UFRR/IC), Jhyovana Almeida Rocha (G-UFRR/PET), Lucas da Silva de Sá do Nascimento(G-UFRR/IC), Willian Barros Afonseca (G-UFRR/ Ext.)
3. *De magistro*: reconfigurar a formação de professores de latim para os desafios do século XXI Fátima Ferreira (FTC/FLUC-Coimbra-Portugal), Inês Lopes (FLUC), Letícia Miranda (FLUC)

SEXTA-FEIRA (10/04) das 14h às 16h

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

SC17 *Usos e reusos da tradição greco-romana*

Local: Sala 10

Coordenadora: Renata Cazarini de Freitas (D-UFF)

1. As vozes da Medeia latina no palco paulista - Renata Cazarini de Freitas (D-UFF);
2. Corpos autorais: por uma autoria diacrônica da poesia grega arcaica - Guilherme Gontijo Flores (D-UFPR);
3. Sentidos da tradução de Ycamiabas por Amazonas: colonização nos usos de um mito greco-romano - Brunno Vinícius Gonçalves Vieira (D-UNESP-FCLAr);
4. Elementos da épica em A história de Tsorá, mito de origem do povo Apurinã - Daniel dos Santos Robledo (PG-UNESP-FCLAr).

SC18 *Homero paradigmático*

Local: Sala 11

Coordenador: Sarah Ramos Rezende (PG-UNESP-FCLAr)

1. Súplica e risibilidade: a prece mendicante na poesia grega arcaica - Guilherme Alvarez Ferreira (PG-USP-FFLCH); Paula da Cunha Corrêa (D-USP-FFLCH);
2. Liderança e heroísmo na aristéia de Agamêmnon na *Iliada* - Sarah Ramos Rezende (PG-UNESP-FCLAr);
3. Heroikos de Filóstrato: Um Decamerão Homérico? - Douglas Prestes Penha (PG-UNESP-FCLAr);
4. A utilização do intertexto e do interdiscurso como recursos para a construção da dimensão argumentativa-persuasiva na Carta III (“Briseida a Aquiles”) das *Heroides*, de Ovídio - Gabriel Martins Naves Câncio (PG-UNESP-FCLAr).

SC19 *Prosa grega: retórica, história e geografia*

Local: Sala 12

Coordenadora: Maria Ester Cacchi (PG-UNESP-FCLAr)

1. Apontamentos sobre a gênese da prosa artística em Górgias de Leontinos - Ana Paula de Sousa Abecassis (PG-UEM);
2. Ecos homéricos na historiografia bizantina medieval: a retórica épica na *Alexiada* de Ana Comnena - Ana Luiza Gomes Rangel (PG-USP);
3. Formas de descrever o passado: análise do livro II de *A descrição da Grécia* de Pausânias - Maria Leticia de Albuquerque Falcão Silva (G-UNESP-FCLAr);
4. Akribeia e permanência na historiografia tucidideana - Maria Ester Cacchi (PG-UNESP-FCLAr).

SEXTA-FEIRA (10/04) – das 16h30 às 19h

Anf. A

Mesa de encerramento

Poéticas e retóricas em foco

Mediador: Prof. Dr. Alexandre Agnolon

Mimese e teoria poética na Poética de Aristóteles: notas a partir de uma nova tradução

Prof. Dr. Rafael Brunhara (USP-FFLCH)

Alegorias de leitor, autor e intérprete: a noção de alegoria entre a retórica, poética e teologia.

Prof. Dr. Artur Costrino (UFOP)

Araraquara para aproveitar

Que tal aproveitar sua estadia em Araraquara para além da programação do evento? Preparamos, com carinho, uma seleção de sugestões de hospedagem, restaurantes e atividades culturais para que você possa conhecer melhor a cidade e viver tudo o que a Morada do Sol tem a oferecer. Entre uma mesa e outra, permita-se explorar novos caminhos, experimentar sabores locais, visitar espaços culturais e aproveitar encontros que também ocorrerão fora da universidade — muitas vezes, são essas ocasiões que tornam a experiência ainda mais especial.

Para facilitar o acesso, você encontrará nesta página QR Codes que direcionam para os materiais e indicações reunidos. Basta apontar a câmera do celular e começar a planejar sua estadia.

Aproveite cada momento — dentro e fora do evento.

Seja muito bem-vindo(a) a Araraquara!

HOSPEDAGEM



RESTAURANTES



ATIVIDADES CULTURAIS E PASSEIOS



COMUNICAÇÕES ORAIS

RESUMOS



Gótico senequiano: formas monstruosas e estética da escuridão

Afonso Junior Ferreira de Lima (UnB)
afonsojrf@gmail.com
Aldo Lopes Dinucci (UFES)

RESUMO: Nesta comunicação, vamos pensar sobre o gótico (visto aqui como modo literário) como uma escrita da paixão, reflexo de ansiedades de épocas de transformação e em como as figurações de monstruosidades geram perguntas sobre o mundo. No primeiro tópico, tentamos relacionar a pesquisa estoica sobre a paixão com o gótico enquanto forma de “escrita do excesso”, que acaba demonstrando familiaridade com as tragédias de Sêneca, que o inspiraram. No segundo tópico, refletiremos sobre a sociedade romana de sua época e como o terror da tirania pode refletir-se em uma ansiedade social. No terceiro tópico, pensaremos sobre os sofrimentos do corpo e a nostalgia de uma era passada como temas que relacionam as obras senequianas e o universo gótico. Quando as situações estranhas parecem colocar em xeque a ordem do mundo, as figurações de monstruosidades geram um desencaixe e se sente a falta de uma teoria unificadora, surgem espaços para perguntas filosóficas.

Palavras-chave: Sêneca; tragédia romana; gótico; paixões; estoicismo.

Ecoss homéricos na historiografia bizantina medieval: a retórica épica na *Alexiada* de Ana Comnena

Ana Luiza Gomes Rangel (USP)
CAPES
ana.rangel@usp.br
Daniel Rossi Nunes Lopes (USP)

RESUMO: Esta comunicação pretende analisar as influências retóricas da épica homérica na *Alexiada* de Ana Comnena, obra historiográfica bizantina datada do século XII EC. A *Alexiada*, concluída por volta de 1148 EC, documenta o reinado do imperador Aleixo I Comneno por meio da perspectiva de sua filha, a princesa Ana Comnena. A obra, composta por um prólogo e quinze livros, é considerada uma fonte valiosa para a reconstrução do reinado desse imperador, já que é um dos únicos relatos que se dedica exclusivamente ao período, além de fornecer informações sobre a estrutura familiar e as relações de poder no Império Bizantino do século XII. A organização estrutural da obra revela profunda influência dos padrões retóricos e narrativos estabelecidos pela tradição clássica, demonstrando como Ana Comnena adaptou modelos antigos para construir sua narrativa historiográfica. Visto isso, a análise desta comunicação tem como objetivo destacar como a autora adapta modelos épicos da *Iliada* e *Odisseia* para construir uma historiografia persuasiva sobre o reinado de seu pai. Por meio de símiles épicos, discursos heroicos e a comparação de Aleixo I Comneno com Aquiles e Odisseu, Ana Comnena evoca a tradição homérica para legitimar o poder imperial e defender sua narrativa contra acusações de parcialidade. Essa fusão de épica grega e historiografia bizantina evidencia a continuidade da retórica clássica na Bizâncio medieval, oferecendo novas perspectivas sobre a autoria feminina e a recepção homérica na historiografia bizantina do século XII. Esta comunicação baseia-se em uma análise textual comparativa de passagens selecionadas, como, por exemplo, as vitórias de Aleixo I Comneno no livro III, bem como ele se apodera da astúcia de Odisseu na diplomacia com os “bárbaros” nos livros VI e VII. Na *Alexiada*, Ana Comnena elaborou táticas retóricas para negociar seu papel como historiadora e “uma boa mulher medieval”, enfrentando o desafio da questão da autoria em Bizâncio, e os interditos culturais ao autoengrandecimento: a autora teve que cuidadosamente contrabalancear sua imagem de historiadora confiável e as acusações de arrogância e imodéstia por escrever uma obra historiográfica. A combinação entre épica grega e historiografia bizantina constitui uma sofisticada estratégia retórica de Ana Comnena para enfrentar o desafio sem precedentes de ser uma mulher a escrever historiografia na Idade Média.

Palavras-chave: retórica homérica; autoria feminina; historiografia bizantina do século XII.

Apontamentos sobre a gênese da prosa artística em Górgias de Leontinos

Ana Paula de Sousa Abecassis (UEA)
CAPES
abecassis01@gmail.com
Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)

RESUMO: A retórica de Górgias de Leontinos (c. 483-375 a.C.) é amplamente reconhecida pela historiografia clássica como um marco na estilização da prosa artística na Antiguidade. O presente trabalho, recorte de uma tese de doutoramento dedicada à teoria das figuras, tem como objetivo central investigar o processo pelo qual Górgias adaptou e instrumentalizou recursos rítmicos e sonoros, originalmente exclusivos da poesia, para o domínio da prosa. A proposta centra-se num mapeamento teórico que procura compreender a transição de uma prática oratória intuitiva para a constituição de uma técnica (*téchnē*) sistematizada, voltada para a produção de um impacto deliberado sobre o auditório. A metodologia adotada consiste numa revisão crítica da literatura especializada, fundamentando-se em autores como Norden (1986), Romilly (1975) e Cassin (2005). Através desta perspectiva historiográfica, investiga-se como as chamadas figuras gorgianas, tais como o isócolon, o parison, a antítese e o homoioteleuton, deixam de ser aplicadas apenas como adornos ornamentais da poesia para serem compreendidas e aplicadas como ferramentas de deleite ou estilização do discurso, o que visa, em última instância, a persuasão. O estudo discute como a busca pela eficácia do discurso responde à necessidade de fabricar manifestações persuasivas (*apatē*) capazes de mover os afetos da alma, transformando a palavra num instrumento de poder e controle sobre a psique do ouvinte. Neste sentido, recorre-se às análises de Guthrie (1971) e Segal (1962) para demonstrar que, na interpretação destes especialistas, a inovação de Górgias reside na consciência de que a prosa poderia exercer um fascínio análogo ao dos versos, moldando a disposição emocional do público independentemente do conteúdo. Conclui-se que a sistematização gorgiana não só alterou a dignidade da retórica em Atenas, como também estabeleceu as bases técnicas concretas para o desenvolvimento da prosa artística posterior.

Palavras-chave: figuras gorgianas; Górgias de Leontinos; prosa artística.

Adicionando análise lexical ao Dicionário Digital Grego-Português: o caso de um app web em menos de 50 'commits'

Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira (Unesp-FCLAr)
CNPq/PQ
anise.ferreira@unesp.br

RESUMO: Muito se discute sobre as implicações do uso de inteligência artificial generativa nas atividades acadêmicas (Ng et al. 2025), sobre o efeito que pode haver na aprendizagem de um modo geral, como o usuário delegar funções cognitivas para a máquina subtraindo o esforço do raciocínio, e assim por diante (Fan et al. 2024). Mas pouco se fala das necessárias competências computacionais no âmbito das Humanas e Humanidades Digitais e sua inserção nas letras clássicas, em contexto nacional, embora há muitas décadas, universidades estrangeiras se dediquem à manutenção infraestrutura digital para clássicas (Novokhatko & Maier, 2020; Ferreira, 2015) e agora começam a incorporar as IAs (Tu & Crane, 2025; Morrice et al. 2025; Peddar, 2025). Venho apontando em relatórios de pesquisa a dificuldade de obter bolsistas da área da computação e, mesmo de profissionais ou serviços da programação voltados para línguas clássicas, especialmente, para grego antigo, que não seja elaborado por parceiros de universidades estrangeiras por duas razões principais. De um lado, as atividades profissionais são mais atraentes ao programador do que os projetos universitários. De outro, as línguas históricas trazem uma dificuldade extra na elaboração de códigos, pela natureza da própria língua, exigindo uma expertise especializada e mais tempo de preparo. Esta comunicação trata do relato de experiência de um caso de desenvolvimento de aplicativo para web utilizando apoio técnico de inteligência artificial generativa que precisou de menos de 50 alterações dos códigos necessários, por parte desta professora de grego, co-autora do aplicativo e responsável pela versão digital do Dicionário Digital Grego-Português (DDGP) que não tem formação em computação. As solicitações via prompts foram feitas primeiramente ao ChatGPT.5.2, uma versão paga no nível mais simples, usando as plataformas de acesso gratuito GitHub e Streamlit, com resultados insatisfatórios. Posteriormente, as solicitações via prompts foram feitas ao Gemini do Google Workspace, vinculado à conta institucional da universidade, e usando a plataforma de acesso gratuito Hugging Face com resultado mais bem sucedido. Serão relatadas as etapas do desenvolvimento, o comportamento verbal da IA, os problemas encontrados, os resultados obtidos e as lições aprendidas. A disponibilidade das IAs tornou possível estender a elaboração de aplicações a docentes e pesquisadores na área de clássicas que não tenham formação em computação.

Palavras-chave: grego antigo; aplicativo em web; dicionário digital grego-português; inteligência artificial.

Enone a Páris: um estudo discursivo da argumentação na carta V, das *Heroides* de Ovídio

Bárbara Roberta Restagno (Unesp-FCLAr)
PIBIC/PROPE
barbara.restagno@unesp.br
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Visando o acesso à cultura greco-romana a partir texto, principal meio de perpetuação das vozes da antiguidade, a presente pesquisa busca na Semiótica, proposta por Greimas, o aparato teórico necessário para compreender as estruturas sintáticas e semânticas do enunciado (escrito), que nesse caso é a Carta V, “Enone a Páris”, presente na obra *Heroides* do poeta latino Ovídio. Sob essa ótica, descreve-se o nível discursivo do texto, no âmbito do percurso gerativo de sentido, observando a dimensão argumentativa do enunciado, para assim captar as relações entre enunciador e enunciatário, que fundam na persuasão. O *corpus* dessa análise é o simulacro de uma carta redigida pela personagem mítica Enone, ninfa da Frígia, que escreve à Páris, seu marido, após o julgamento das três grandes deusas e o rapto de Helena. Nesta epístola a narradora-personagem queixa-se de ter sido trocada pela jovem espartana e clama pela volta do amado. De maneira geral, o estudo irá analisar as projeções da enunciação (ato de enunciar) no enunciado (produto da enunciação), ou seja, observa a maneira com que a pessoa, o tempo e o espaço do ato de enunciar estão colocados linguisticamente no enunciado e quais efeitos de sentido elas produzem no texto; e também explora os recursos de persuasão usadas pelo enunciador para com o enunciatário, que retomam a retórica antiga para concebê-la, também, como recursos discursivos usados para a produção de sentido, e não só como artifícios estilísticos. Nesse sentido, será apresentada uma síntese da teoria utilizada para o estudo, juntamente com a análise geral do *corpus* e alguns resultados dessa análise acompanhados de trechos da carta.

Palavras-chave: *Heroides*; Ovídio; semiótica discursiva; argumentação.

Afetos e persuasão: Um estudo retórico-semiótico da carta “Dido a Eneias” (Ovídio, *Heroides*, VII)

Beatriz Araujo Morandini (Unesp-FCLAr)
FAPESP
b.morandini@unesp.br
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: *Heroides* ou *Epistulae Heroidum* (c. 20 a 15 a.C.) é uma coleção de 21 cartas de amor em versos elegíacos que simulam uma correspondência entre figuras mitológicas da cultura greco-romana, composta ao final do século I a.C. pelo poeta romano Ovídio (43 a.C. a 17 d.C.). Esta carta é uma recriação dos acontecimentos da primeira parte da *Eneida* (Virgílio, 70 a 19 a.C.) cuja narrativa simula que a rainha Dido, antes do episódio de sua morte, escreve uma carta para Eneias reclamando-lhe a presença no reino de Cartago junto a si. Isso aconteceria simultaneamente ao momento em que Eneias e os guerreiros troianos navegam para longe do reino de Cartago para cumprir a missão do herói de fundar a nova Troia. Consequentemente, há a construção de uma subjetividade feminina no interior do enunciado latino, pois os acontecimentos conhecidos da epopeia passam a ser narrados a partir do ponto de vista da heroína abandonada. Nessa perspectiva, o sofrimento da rainha cartaginesa decorre da ausência do amado e a carta apresenta-se como uma medida para reavê-lo por meio da persuasão. O objetivo geral deste trabalho é reconhecer e descrever as manifestações do sofrimento feminino enunciado pela narradora-personagem, analisando as relações entre os efeitos de sentido e a persuasão. Investiga-se a dimensão argumentativa do discurso amoroso, posto que as figuras de retórica do enunciado da carta elegíaca atuam como procedimentos discursivos que visam fazer-criar. Inicialmente, aplica-se o Percorso Gerativo de Sentido, simulacro metodológico estabelecido pela Semiótica Discursiva, em especial, operacionalizando com os mecanismos da sintaxe e semântica do nível discursivo. Contudo, a discussão deve ser desenvolvida às concepções teóricas da Semiótica Tensiva na elaboração final do trabalho, considerando as estratégias persuasivas dos afetos para a construção de um discurso de ordem sensível e inteligível. Espera-se demonstrar com a descrição metalinguística própria da teoria semiótica como os estados de alma da narradora-personagem Dido podem contribuir para o gerenciamento do percurso persuasivo do enunciado latino.

Palavras-chave: Ovídio; persuasão; semiótica; retórica; latim.

Questões sobre o tratamento do estrangeiro no *Punicozinho*, de Plauto

Beethoven Alvarez (UFF)
FAPERJ/CNPq
balvarez@id.uff.br

RESUMO: *Poenulus* é uma das 21 peças de T. M. Plauto (c.255-184 AEC) que chegaram até nós e uma das menos afortunadas em termos de crítica e recepção. O enredo de *Poenulus* (em português, por mim traduzido como *Punicozinho*, ou *o Tio de Cartago*) é complexo e duplo. Combina partes de uma de uma intriga de engano com elementos de uma comédia de reconhecimento. Sua trama, mesmo cheia de esquemas típicos e abusando do metateatro, desde muito suscitou dúvidas a respeito dos possíveis originais gregos de onde derivaria. Contudo, com certeza, o tema que mais suscitou discussão em relação a esta comédia foi o tratamento dado por Plauto, em uma Roma pós-Segunda Guerra Púnica, por volta do ano de 189 AEC, ao estrangeiro personagem-título Hanon, o “pequeno púnico”, um *senex* em busca da filhas raptadas. No *Poenulus*, constrói-se um elaborado jogo de identidades, duplicações e estereótipos em torno do cartaginês Hanon, cuja caracterização oscila entre a xenofobia herdada das Guerras Púnicas e uma representação cômica ambivalente do “outro”. Essa ambiguidade gerou leituras divergentes: parte da crítica (Gratwick, 1982; Duckworth, 1994; Brandão, 2016, Barrios-Lech, 2020) enxerga uma figura simpática e humanizada; outros, como Franko (1995, 1996), identificam uma caracterização na qual traços positivos coexistem com estereótipos ofensivos (falsidade, luxúria, políglotismo suspeito) que se sobressaem. Hofmann (1992) interpreta a farsa como banalização do inimigo púnico, enquanto Starks (2000) propõe a noção de “humor étnico balanceado”, destacando que as ofensas partem sobretudo de personagens ridicularizados, como o *seruus callidus* e o *miles gloriosus*, derrotados ao final. A crítica também debate os múltiplos papéis assumidos por Hanon, como *pater pius*, *senex lepidus* e *seruus subdolos*. Nesta comunicação, sobre essa complicada questão, apresento minha leitura, que incorpora algumas ideias de Melo (2012) e Gregoris (2012), mas, sobretudo, segue a proposta de Lisa Maurice (2004), que privilegia uma interpretação metateatral: Hanon deve ser compreendido como um “ator” astuto, cuja habilidade em representar papéis e manipular a linguagem, elemento central da peça, o torna vencedor. Sua astúcia não dissolve o estereótipo, mas o reelabora no interior de uma dramaturgia tipificada. Assim, a vitória final não consagra um estrangeiro virtuoso, mas um personagem que domina a arte do fingimento e as convencionalidades da comédia *palliata*.

Palavras-chave: comédia romana; metateatro; interpretação crítica; tratamento do estrangeiro; humor xenofóbico.

Acôncio: a construção de um perfil obstinado (Ovídio, *Heroides*, XX)

Blair Lily Janguas Alves (Unesp-FCLAr)
CAPES/PROEX
blair.janguas@unesp.br
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Com vistas à análise da dimensão argumentativa-persuasiva, o presente trabalho toma a Carta XX, “Acôncio a Cídipe”, das *Heroides*, de Ovídio (43 AEC – 18 EC) como seu *corpus*. A carta é escrita por Acôncio que, apaixonado à primeira vista por Cídipe, elaborou uma artimanha para que a jovem com ele se casasse; no templo da deusa Diana, inscreveu uma promessa de amor em primeira pessoa em uma maçã e lançou-a à mulher, que leu a inscrição em voz alta, realizando um juramento não intencional a ele. Defensor de seus supostos direitos sobre Cídipe, o jovem, então, constrói um discurso amoroso com marcas de discurso jurídico. Desse modo, plena de argumentos marcados por um tom autoritário, a carta se caracteriza por uma postura obstinada do narrador, que apresenta uma defesa de sua causa, como um advogado diante de um tribunal. A semiótica discursiva, com seu Percorso Gerativo do Sentido, oferece um modelo de análise e descrição adequado dos componentes sintáticos e semânticos, viabilizando que seja compreendido como Acôncio, o narrador-personagem, busca se absolver da responsabilidade de suas ações e convencer sua narratária à submissão. A noção de paixão, inserida no campo dos estudos semióticos, em *Semiótica das Paixões* (Greimas e Fontanille 1993), levou à compreensão de que textos (verbais e não verbais) mais “complexos” exigiam uma análise mais apurada, já que não se restringiam apenas ao *fazer* do sujeito, mas às transformações do *ser*. Essa discussão será relevante ao delineamento do perfil do herói, pois permite destacar os efeitos afetivos e/ou passionais do discurso. Nesta pesquisa, a paixão, no entanto, não é residual à análise narratológica da *ação*, do *fazer*, se estabelecendo como uma problemática tensiva e sensível. Logo, a semiótica, ambicionando a compreensão de questões colocadas em suspenso por modelos clássicos, passa a se preocupar com dois domínios da significação: o *inteligível* e o *sensível*. Dimensões que, operando em conjunto, revelam como o afeto e a forma são dotados de uma reciprocidade ininterrupta. O afeto se constitui na e pela linguagem e, portanto, é gramaticalizável; a afetividade é o termo essencial, a *intensidade*, e baliza a *extensidade*, eixos que definem o campo tensivo e suas modulações, que delimitam a racionalidade das paixões, cuja discursivização se ocupa justamente dessas categorias da presença. Assim, com base na *Semiótica do discurso* (2007) de Fontanille e nos *Elementos de Semiótica Tensiva* (2011) de Claude Zilberberg, a semiótica passa de uma sintaxe narrativa à tensiva. Como todo texto, o discurso de Acôncio é permeado pelas paixões, sendo a *obstinação* a mais relevante, destacada quando, entre os versos 53-70, o jovem atesta que fará o impossível pelo que deseja, isto é, ser aquele que se casa com Cídipe, elencando os atributos físicos da narratária, considera-a, portanto, a maior responsável/culpada por sua busca. À luz da Semiótica, destarte, buscamos identificar como a *culpa* e a *obsessão* do narrador-personagem se manifestam por meio de figuras e de argumentos, atuando na construção de seu perfil obstinado e na sua dinâmica argumentativa.

Palavras-chave: persuasão; semiótica discursiva; obstinação; Ovídio.

A face de horror de Medusa: uma análise dos aspectos definidores da monstruosidade e divindade das Górgonas

Bruna Paquier Cestari (Unesp-FCLAr)
bruna.p.cestari@unesp.br
Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Pertencentes à progênie de Fórcis e Ceto, conforme a *Teogonia* de Hesíodo (c. 700 a.C.), as três górgonas são criaturas imortais, à exceção de Medusa, a única irmã mortal. Descritas por diversos autores da Antiguidade, como Hesíodo, Píndaro e Ésquilo, suas características físicas associam-se ao grotesco e ao monstruoso: possuem cabelos de serpentes, asas de couro, garras afiadas, presas de javali e pele de ouro, segundo a compilação de Pseudo-Apolodoro. Medusa, em particular, é considerada a górgona por excelência e, após sua decapitação pelas mãos de Perseu, seu sangue apresentou propriedades de cura e envenenamento, conforme Eurípides (c. 424 a.C.), e ainda o potencial de gerar vida, como registrado nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (c. 300 a.C.). Vale notar, entretanto, que a representação do *gorgoneion* já aparecia na arquitetura antes mesmo da apresentação das três irmãs por Hesíodo. O objetivo desta apresentação é explorar o simbolismo do *gorgoneion*, buscaremos ressaltar a formação simbólica dessa figura popular desde suas primeiras aparições, bem como sua preservação até as representações como progênie do mar. Com base nas reflexões sobre mito, símbolo e religião presentes nos trabalhos de Vernant (1988), Jesi (1972) e Meletínski (2024), realizaremos uma discussão aprofundada desses elementos, integrando também a análise de Zanon (2018) sobre a monstruosidade nos mitos greco-romanos, a fim de refletir sobre a concepção de monstruosidade entre os povos antigos.

Palavras-chave: mitologia; símbolo; Medusa.

“Athenas Brasileira”: o lugar da Antiguidade e do Brasil na cena literária maranhense do séc. XIX

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)
brunno.vg.vieira@unesp.br

RESUMO: Nos momentos que sucederam o reconhecimento do Brasil como nação independente de Portugal e nas décadas seguintes, São Luís do Maranhão se destacou como um pólo (uma *pólis*) de discussão (jornal *Argos da Lei*, 1825, de Odorico Mendes) e de reflexão (*Jornal de Timon*, 1852-3, 1858, de João Francisco Lisboa) sobre o Brasil do Futuro. Se foi assentado ali um culto da Antiguidade clássica por obra de alguns intelectuais aristocratas, houve também a fundação de um primeiro tratamento dos problemas brasileiros que muito derivou do cultuado saber no qual se acreditavam proficientes seus cidadãos (desde Odorico Mendes e Sotero dos Reis até chegar na próxima geração composta por Gonçalves Dias e João Francisco Lisboa, depois por Maria Firmina dos Reis e Sousândrade). O manuseio dos modelos da Antiguidade não era em vão, já que, tal como as instituições escolares da época ensinavam, este conhecimento fundamentava metodologicamente todas as ciências, de modo que seu exercício habilitava os brasileiros a tratarem, segundo as regras vigentes de escrita e pensamento, dos novos contextos humanos, sócio-políticos e literários que a colonização gerou no Brasil. Foi esse método que permitiu a Odorico e Lisboa, no jornalismo, e também Gonçalves Dias, Maria Firmina e Sousândrade, na esfera literária, a ensaiarem uma autonomia de pensamento e também de linguagem para falarem sobre o Brasil e no Brasil. Foram esses atores e nesse cenário que os brasileiros puderam pela primeira vez contradizer a tradição, expressando uma nova voz que buscava não repetir as fórmulas e os acentos metropolitanos e que, outrossim, reivindicava maneiras possíveis de pensar por si. Esta comunicação pretende aprofundar algumas nuances importantes do conceito de “contradição” com que tenho trabalhado a fim de fundamentar as primícias de uma identidade linguística e cultural brasileiras.

Palavras-chave: recepção clássica; Atenas brasileira; Maranhão; Brasil imperial.

Sentidos da tradução de Ycamiabas por Amazonas: colonização nos usos de um mito greco-romano

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)
brunno.vg.vieira@unesp.br

RESUMO: Refletir sobre a incorporação do pensamento europeu entre os sulamericanos desde seu primeiro beligerante encontro é uma tarefa difícil. Quando se define um lugar habitado, à medida que se reconhece uma fundação unívoca, unifamiliar, unisocietária, tudo fica envolto no risco da verdade do Antropoceno, conjuntura que poderia nos levar a repetir canhestamente o mesmo trivial lugar-comum onde, para não pouca gente, Adão insiste em pôr o pé, inclusive pelo fato de o Paraíso Terreal ter sido imaginado nestas paragens subequatoriais. Quando – e este é o caso aqui – o lugar habitado foi inventado como narrativa justamente no momento do confronto e do debate-combate de alteridades (entre múltiplas línguas, nações e interesses), tudo fica mais brumoso e obscuro, condição difícil para se divisar um porto, uma sede ou um marco-zero, que não leve ao precipício. A nomeação do rio e os significados dela derivados oferecem testemunhos da profunda cova coletiva em que a cultura e os corpos dos povos originários da América do Sul foram enterrados sob absoluta desumanidade. A memória da tradução de Ycamiabas por Amazonas merece ser revisitada em busca de um melhor (re)conhecimento de civilizações ao qual o tempo talvez um dia conceda alguma impressão de totalidade. Assim, no confronto entre 1) relatos de cronistas dos séculos XVI e XVII, 2) revisões da antropologia e etnografia mais recentes, e 3) releituras literárias românticas e modernistas dessas narrativas, proponho oferecer uma interpretação de questões ideológicas e identitárias que envolvem a exploração do mais caudaloso rio do mundo, procurando abrir picadas nesta basta floresta que lhe margeia e, assim, desmitificar alguns mitos ao mesmo tempo, remitificar formas de liberdade e de resistência possíveis para a construção de um futuro ancestral mais sustentável ecológica e humanamente.

Palavras-chave: recepção clássica; Ycamiabas; Amazonas; colonização; mitologias.

A transição de gênero de Cênis nas *Metamorfoses* de Ovídio

Carol Martins da Rocha (UFJF)
FAPEMIG
carol.rocha@ufjf.br

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo geral discutir aspectos relacionados à identidades de gênero e, ainda, à sexualidade, por meio da análise de um episódio das *Metamorfoses* de Públio Ovídio Nasão (séc. I AEC). Trata-se de uma passagem presente no décimo segundo livro deste poema épico. Entre os versos 168 e 209 do livro XII nos é apresentada a transição de gênero de Cênis, a belíssima filha de Élato. Depois de ser estuprada pelo deus do mar, Netuno, a jovem pede ao seu algoz que lhe conceda não ser mais mulher (*da femina ne sim; Met. 12, 202*), de modo que lhe seja possível não passar mais por tal situação (*tale pati iam posse nihil; Met. 12, 202*). Depois de ouvir o pedido da jovem, o deus a transforma em um homem. Assim, Cênis passa, então, a Ceneu, um guerreiro capaz de suportar todas as feridas e que não pode ser penetrado por espada alguma. Mais tarde, depois de ter vivido em atividades viris (*Met. 12, 208-9*), Ceneu é derrotado sob ataque de centauros e é transformado em *avis unica*, possivelmente uma fênix (*Met. 12, 459-535*). Por meio de uma discussão pormenorizada desse episódio, em diálogo com bibliografia secundária sobre o tema, intenta-se fomentar a discussão sobre a percepção, no contexto romano, dos limites entre o gênero masculino e feminino (e também de aspectos relacionados à sexualidade). Por fim, procura-se avaliar de que modo se configuram e se representam questões ligadas à possibilidade de uma transição de gênero no contexto da narrativa épica ovidiana.

Palavras-chave: *Metamorfoses*; Ovídio; identidade de gênero.

Novas Auroras: os epigramas de Marcial traduzidos por Rodrigo Garcia Lopes

Cecil Silva de Oliveira (Unesp-FCLAr)
PIBIC

cecil.s.oliveira@unesp.br

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Marco Valério Marcial (c. 40–104 d.C.) possui um opulento trabalho na escrita de epigramas, popularizado pela sua ‘lasciva franqueza das palavras’ (Oliva Neto, 2010). Assim, a transmissão poética desse domínio lascivo da jocosidade será tema deste trabalho que aborda o poeta latino por meio do recorte de poemas traduzidos por Rodrigo Garcia Lopes em *Epigramas* (2017), publicado pela Ateliê Editora. A obra traduzida constitui o *corpus* de nosso projeto de Iniciação Científica, cujo objetivo visa a discutir modos contemporâneos de interagir com a tradição clássica e, dessa forma, investigar e catalogar formas de abordagem tradutória em diálogo poético e cultural com a contemporaneidade. Em seu trabalho de tradução, Lopes parece buscar a preservação dos aspectos poéticos e sociais presentes na obra original ao mesmo tempo em que exerce uma renovação dessas instâncias. Deste modo, ao traduzir Marcial, o poeta brasileiro se aproxima da estrutura já estabelecida pela tradição do dístico elegíaco para o ritmo lusófono, servindo-se de cadência dodecassilábica, mas extrapola os limites do convencional quanto ao vocabulário e a certas liberdades rítmicas. Como se nota no verso “*offendor cunni garrulitate tui*” (Marcial, 1961, 7.18.8), em tradução livre “sou ofendido pela tagarelice da tua vulva” e, poeticamente traduzido por Garcia Lopes como “esse seu grelo falante me incomoda” (Marcial, 2017, p.116). Deste pequeno excerto nota-se o apelo do tradutor para a sátira quando opta pela metonímia do ‘grelô’, gíria para clitóris, e pela alusão ao grilo falante, personagem do conto do Pinóquio, presente no imaginário popular contemporâneo, porém inexistente no período clássico. Tais recursos buscam aproximar o leitor comum por meio da linguagem popular e de uma fruição estética atenta ao cotidiano de quem lê. Para Lopes, (2018) “em tempos de *twitter*, *whatsapp* e comunicação instantânea, muitas vezes irrelevante, Marcial tem muito a nos dizer.” Ao recorrer a essas ferramentas, Lopes franqueia a entrada da poesia clássica em ambientes não acadêmicos, possibilitando que a poesia de Marcial permaneça sendo recitada em jantares e ambientes descontraídos, reintegrando a sociabilidade do cômico e do jocosos em situações semelhantes àquelas audiências que receberam esses epigramas pela primeira vez.

Palavras-chave: tradução; *Epigramas*; Marcial.

Traduzir Prudêncio, hoje: uma voz para a *Psychomachia*

Celso Henrique Siller Baptisti (UFPR)
CAPES/PROEX
celsobaptis@gmail.com
Guilherme Gontijo Flores (UFPR)

RESUMO: O poeta tardo-antigo Aurélio Prudêncio Clemente (séc. IV-V) foi, não poucas vezes, visto como um dos autores mais importantes da poesia latina tardo-antiga e medieval, sendo o autor de uma obra polimétrica e diversa genericamente, orientada pela acomodação das formas clássicas nos parâmetros estéticos e morais, sobretudo de natureza cristã, de seu tempo. Todavia, sua recepção em português-brasileiro é ainda incipiente, com poucas traduções, quando existentes, e sobretudo em prosa ou em linhas quebradas, apenas com aparência de verso. Entende-se, portanto, que a recepção em traduções métricas e de pretensão literária se configura como uma atividade relevante para a recepção da poesia prudenciana em língua portuguesa, tendo em vista os atuais movimentos literários de tradução de poesia romana, sobretudo dos períodos da República e do Principado, cuja contínua produção em muito contrasta com as múltiplas lacunas de recepção dos autores dos períodos posteriores da literatura latina. Dessa maneira, esta comunicação visa apresentar um de seus poemas mais conhecidos, a *Psychomachia*, obra épico-didática do *corpus* prudenciano. Por obras teóricas de referência acerca das tendências literárias do período, serão utilizados os trabalhos de Charlet (1988), Consolino (2017) e Kaufmann (2022), principalmente. A apresentação da obra será acompanhada de excertos de traduções em verso, utilizando o dodecassílabo como equivalente paramórfico ao hexâmetro datílico latino, modelo já empregado no Brasil por outros poeta-tradutores, como nas traduções de João Angelo Oliva Neto de Catulo LXIV (1996, 2024), de Raimundo Carvalho das *Bucólicas* de Virgílio (2005) e *Metamorfoses* de Ovídio (2010), com suas respectivas variações rítmicas, bem como nas traduções de Haroldo de Campos da *Iliada* (2002) e nas *Iliada* (2020) e *Odisseia* (2022) vertidas por Trajano Vieira, no domínio da língua grega. Os comentários sobre os excertos em tradução serão orientados por procedimentos formais e fundamentações teóricas a partir sobretudo de Antoine Berman (2009; 2013) e Haroldo de Campos (1992, 2008, 2015): a tradução, portanto, torna-se uma via de crítica para a recepção das obras de Prudêncio em língua portuguesa.

Palavras-chave: tradução poética; Prudêncio; verso vernáculo; *Psychomachia*; transcrição.

Entre a comédia e o dicionário: o tratamento lexicográfico obsceno em *Acarnenses*

César Augustus Auriquio (Unesp-FCLAr)

cezar.auriquio@unesp.br

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (Unesp-FCLAR)

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise quantitativa e comparativa do vocabulário obsceno e injurioso na *Acarnenses* de Aristófanes, partindo do pressuposto de que a obscenidade constitui elemento estrutural da comédia antiga e desempenha função estética, ritual e pragmática central no gênero. Longe de representar mero recurso marginal ou efeito cômico superficial, o léxico obsceno integra a dinâmica discursiva da comédia e participa ativamente da construção de personagens, da sátira política e da performance teatral. Tomando como corpus a totalidade da peça, será realizado um levantamento dos lemas, seguido da identificação, classificação semântica e quantificação das ocorrências. A partir dessa base quantitativa, procederemos à análise comparativa do tratamento lexicográfico desses termos em três obras de referência: *A greek-english lexicon* (Liddell–Scott–Jones), o *Dictionnaire grec-français* (Bailly) e o *Vocabolario della lingua greca* (Montanari). O confronto entre essas tradições, já que duas foram produzidas no século XIX e uma em contexto contemporâneo, permitirá avaliar em que medida os dicionários registram adequadamente o léxico obsceno da comédia e identificar possíveis divergências semânticas, tais como eufemização, neutralização de registro, reorganização hierárquica das acepções, omissões ou reformulações interpretativas. Busca-se, assim, verificar se condicionamentos culturais e históricos influenciam o modo como esse campo lexical é descrito e traduzido, especialmente no que se refere à explicitação de seu valor pragmático e performativo. Ao articular levantamento quantitativo do corpus e análise filológico-lexicográfica comparativa, o estudo pretende contribuir para a compreensão da linguagem da comédia antiga e para a reflexão crítica acerca do papel da tradição lexicográfica na mediação e transmissão do léxico grego clássico, evidenciando como escolhas lexicográficas podem impactar a recepção e interpretação de textos cômicos da Atenas clássica.

Palavras-chave: *Acarnenses*; Aristófanes; comédia; léxico.

Edith Bruck e a pedra de Sísifo

Claudia Fernanda de Campos Mauro (Unesp-FCLAr)

claudia.mauro@unesp.br

RESUMO: O objetivo dessa apresentação é analisar o percurso de produção narrativa da escritora/testemunha Edith Bruck, à luz do mito de Sísifo. Após sobreviver aos campos de concentração e chegar na Itália, elege o país como sua casa e a língua italiana como sua língua de escritura. Como Sísifo, Bruck desafia o “deus do mal”, sobrevive e tem como “castigo” o dever moral da memória. Herda de Sísifo a força da repetição: a cada obra concluída, a cada pedra conduzida ao topo da montanha, retoma a pedra-palavra e reinicia a subida vencendo, com sua força de testemunha, as adversidades da montanha da memória. Bruck pode ser vista como uma herdeira de Sísifo. Porém, na obra da escritora, essa figura mítica não está no texto. Sísifo está antes do texto, na sua feitura, na repetição do processo de composição. A nossa heroína performa por meio do incansável movimento de criação. Assim, o mito se desloca para o próprio fazer literário. O mito de Sísifo comparece, desse modo, na obra de Edith Bruck, por meio do embate permanente entre a escritora, a palavra e a memória de Auschwitz. Viver, para ela, se compara ao esforço contínuo de rolar a pedra-palavra. Edith Bruck concentrou sua vida nesse esforço da repetição do ato de narrar. A repetição para a escritora está ligada a essa busca pela palavra que responda, pelo discurso totalizador, que atenda à necessidade de elaboração, de representação e de explicação. Para Bruck-Sísifo a repetição não é inócua, não é ingênua, pois tem uma função, um objetivo, que é o de conservar a memória e evitar o esquecimento. Nossa heroína encontra, na repetição, sentido para a própria existência. Sísifo não pode existir separado do seu fardo.

Palavras-chave: literatura italiana; memória do Holocausto; Edith Bruck; mito de Sísifo.

Elementos da épica em *A história de Tzorá*, mito de origem do povo Apurinã

Daniel dos Santos Robledo (Unesp-FCLAr)

daniel.robledo@unesp.br

Edmundo Antonio Peggion (Unesp-CEIMAM)

RESUMO: A *Bertholletia excelsa*, árvore amazônica conhecida popularmente como “Castanha-da-amazônia” ou “Castanha-do-pará” é uma espécie de fundamental importância para muitos dos povos originários que habitam a floresta equatorial. Em seu ambiente nativo, onde ocorre em maciços, destaca-se entre as maiores árvores da floresta. *Bertholletia excelsa* é um ente fundamental na cosmogonia dos indígenas Apurinã, habitantes do noroeste amazônico, ao longo do rio Purus. O mito de criação desse povo é conhecido como *A história de Tzorá*, e possui a *Bertholletia* como uma de suas divindades fulcrais. Esse é o mito central dos Apurinã, pois trata da origem do tempo e do mundo. Consideradas as devidas diferenças, os indígenas desse grupo veem Tzorá como uma figura semelhante a Deus, e sua história é comparada à narrativa da Bíblia. A contação completa da história demanda vários dias e noites e precisa ser narrada na sequência correta, sem que o narrador esqueça ou confunda os episódios (Fernandes; Oliveira et. al., p. 252, 2020). Em muitos aspectos, *A história de Tzorá* possui características do gênero épico, no sentido em que há um conjunto de personagens heroicos, porém, conta com um herói principal: Tzorá. A título de comparação, pode-se pensar na *Iliada*, epopeia homérica. Dentre os argivos que foram lutar em Tróia, uma plêiade de ilustres campeões se destaca, como Odisseu, Diomedes, Pátroclo, Ajax, entre outros, no entanto, o grande herói é Aquiles. Outro aspecto definidor do épico é relativo ao tema: “[...] a poesia, para ser considerada épica, deve ser de assunto nacional” (Leoni; Assis, p. 18, 1959). O mito de Tzorá trata do surgimento do povo Apurinã, exercendo, ainda, a função social da epopeia segundo definida por Aristóteles em *Poética* (Pinheiro trad., 2017), no sentido em que fornece um mito fundacional e percepção de existência e união, em outras palavras: sentido de identidade nacional.

Palavras-chave: épica; narrativa de origem; mito; Apurinã; *Bertholletia excelsa*.

Os diálogos entre Ana Martins Marques e a cultura clássica no poema “A outra noite”

Danilo Santos Fernandes (Unesp-FCLAr)
danilo.s.fernandes@unesp.br
Fabiane Renata Borsato (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Esta comunicação aborda, por meio de análise, as relações estabelecidas entre o poema “A outra noite”, da poeta contemporânea Ana Martins Marques, e o imaginário mítico-literário clássico. Um vínculo estabelecido inicialmente pela presença em epígrafe de um fragmento da poeta mélica Safo, a partir do qual são criadas as metáforas sobre o amor, o tempo e a poesia. A análise do poema possibilita, portanto, observar como a autora mineira estabelece esse diálogo por meio da estrutura rítmico-sonora, do trabalho citacional e das escolhas minuciosas do léxico utilizado. Como resultado da análise, observa-se que o poema é constituído por estruturas duais, notoriamente organizadas em dois blocos: o primeiro formado por três dísticos de estruturas rítmicas regulares e o segundo formado por dois tercetos que constroem um encadeamento lógico entre si, constituindo uma imagem segmentada por *enjambements*. Esta disposição estrófica aliada ao conteúdo dos versos termina por criar o que acreditamos ser a reencenação da noite abordada no fragmento de Safo, uma noite que dura por duas. Nesta noite engendrada convergem a mitologia, o encontro amoroso e o alargamento do tempo propiciados pelo discurso poético. Para tal análise são utilizados os trabalhos acerca da citação e demais processos intertextuais desenvolvidos por Tiphaine Samoyault (2008), Antoine Compagnon (1996) e Leonardo Villa-Forte; bem como os trabalhos que abordam a obra de Safo e outros poetas mélicos desenvolvidos por Guilherme Gontijo Flores (2017) e Giuliana Ragusa (2005; 2013).

Palavras-chave: poesia contemporânea; Safo; intertextualidade; Ana Martins Marques; cultura clássica.

Adultério e masculinidades romanas em Marcial, Juvenal e Petrónio

Diogo Moraes Leite (Unicamp)
diogoleite@uol.com.br
Marcos Aurélio Pereira (Unicamp)

RESUMO: Este trabalho examina *epigramas* de Marco Valério Marcial, epigramatista latino do século I E.C., excertos de *Sátiras* de Juvenal, escritor ativo em fins do século I e início do século II E.C., e trechos do *Satyricon*, de Petrónio, escrito provavelmente no início da segunda metade do século I; com o objetivo de discutir representações sobre o adultério. A análise concentra-se em trechos selecionados a partir da leitura minuciosa do texto latino e de aparato crítico, apresentados em tradução própria. A historiografia sobre virilidade romana aponta para a existência de um modelo idealizado de masculinidade, fundamentado em princípios morais da aristocracia e que tem como principal característica a impenetrabilidade do homem romano. Para além dessa característica, em nossa pesquisa identificamos outras, como o controle que os homens deveriam exercer sobre suas esposas, prevenindo adultérios, tema do presente trabalho. Nesta apresentação analisaremos excertos da *Sátira VI* de Juvenal, *epigramas* de Marcial e passagens do *Satyricon* de Petrónio, selecionados e identificados através da leitura minuciosa do original latino e de aparato crítico. A partir destes trechos, que apresentaremos em tradução nossa, analisaremos como esses autores, que exploram como o comportamento das mulheres, acompanhado de uma suposta leniência dos esposos, constituem um desvio ao modelo de masculinidade romana. Através da descrição de atitudes e comportamentos, Marcial, Juvenal e Petrónio criam uma imagem negativa desses indivíduos, destacando suas diferenças em relação àquilo que a historiografia sobre o tema aponta como modelos de masculinidades romanas dominantes. Ao denunciar publicamente essas práticas consideradas desviantes, o texto reforça os padrões sociais. Ao criar um contraste claro entre o comportamento "normal" e o "desviante", a sátira, aqui considerada em sentido lato, contribui para a construção e manutenção de uma identidade masculina idealizada. Analisaremos esses excertos a partir das ideias de Judith Butler sobre normatização e performatividade de gênero; assim como Butler argumenta que o gênero é uma construção social, Marcial, Juvenal e Petrónio apresentam um conjunto de normas e expectativas que definem o que é ser homem em Roma. A sátira, ao ridicularizar e condenar aqueles que não se encaixam no padrão masculino, demonstra como a não conformidade é punida socialmente. Essa ideia se conecta com a noção de Butler de que o gênero é regulamentado por um sistema de poder.

Palavras-chave: Juvenal; Marcial; Petrónio; adultério; masculinidades.

***Heroikos* de Filóstrato: um Decamerão Homérico?**

Douglas Prestes Penha (Unesp-FCLAr)

CAPES

douglas.p.penha@unesp.br

Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: *Heroikos* trata-se de um diálogo a respeito da “correção de Homero”, que, nas palavras dos estudiosos Aitken e Maclean (2001), havia tornado-se um “*esporte literário*” na Antiguidade tardia, época na qual o diálogo foi escrito. O diálogo nos apresenta um rol de narrativas paralelas a respeito dos heróis presentes em Troia, que muitas vezes contradizem aquilo que está presente nos poemas homéricos, às vezes de maneira radical e irreverente. Porém, como observam também estes mesmos autores, é difícil enquadrar o *Heroikos* apenas como um diálogo, pois ele apresenta temas e técnicas narrativas mais comuns a outro gênero que se desenvolveu nesta mesma época, o chamado “romance antigo”. Além disso, o *Heroikos* encontra-se esvaziado tanto do conteúdo filosófico quanto do elemento propriamente dialógico que se esperaria de um diálogo, tal qual discutido por Bakhtin (2010), tendo reduzido-se a uma série de “mitos platônicos”; ou seja, trata-se de um diálogo no qual o potencial narrativo foi levado ao máximo, e mais se assemelha a uma antologia de contos. Assim como afirma Selden (1994), autores durante a antiguidade trabalhavam com um conceito de gênero bastante elaborado, normativo e fixo, e desvios dessa norma não poderiam deixar de causar estranhamento. Ao mesmo tempo, enquanto que o *Heroikos* pode ser entendido como um diálogo atípico, o já mencionado “romance antigo” não possuía nem mesmo classificação formal, assim como observa Morales (2009). O diálogo também é contemporâneo ao que Bakhtin define como a sátira menipeia, outro gênero que como muitos outros, assim como observa Relihan (1993), escapou da atenção dos gramáticos. Apresentaremos, então, uma discussão a respeito do conceito de gênero, utilizando o *Heroikos* como ponto de partida, devido ao seu caráter excêntrico. Contrastaremos, então, a definição antiga de gênero com a contemporânea e partiremos dos pressupostos apresentados por Relihan (1993) para iniciar a nossa discussão: “gênero”, neste contexto, trata-se de uma série de convenções de estrutura e estilo, dos quais o leitor presta atenção a variações, desvios ou conformidade, e de que um texto apenas faz sentido no contexto de sua tradição genérica. Assim como também afirma Morales (2009), a noção de “gênero” é essencial tanto para a história literária quanto para a interpretação de um texto e, portanto, olhar para fora, para as relações que o diálogo mantém com outros textos, nos permite não apenas realizar frutíferos questionamentos, mas também caminhar para uma interpretação para este texto que continua controverso e que resiste a classificações.

Palavras-chave: grego antigo; narrativa antiga; Homero; antiguidade tardia; Filóstrato de Atenas.

Imitação servil e emulação na epístola 1.19 de Horácio

Eduarda Wandermuren Thompson (UFOP)
CAPES

eduardawthompson@outlook.com

Alexandre Agnolon (UFOP)

RESUMO: O presente trabalho apresenta parte da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado intitulada “*O imitatores, servum pecus*: poesia e poética horaciana à luz de Hor. Ep. 1.19”. A epístola 1.19 trata-se de uma defesa feita por Horácio de suas obras, em especial as Odes e os Epodos, contra os críticos que o acusavam de imitar predecessores gregos, nesta carta, Horácio apresenta, então, a diferença entre um *servum pecus* e um bom imitador mostrando que o trabalho realizado por ele em suas obras não se caracteriza como sendo uma imitação servil. Ele ainda condena os seus imitadores, afirmando que eles sim cometem a falácia da qual acusam Horácio, são um "gado servil", logo, maus poetas. O recorte feito para a seguinte comunicação centra-se na diferenciação estabelecida por Horácio entre imitação servil e emulação poética. O estudo demonstra que Horácio não rejeita a tradição, mas a reinscreve sob o signo da seleção crítica e da reelaboração criativa, distinguindo a repetição mecânica — associada à dependência acrítica dos modelos — da verdadeira *aemulatio*, entendida como confronto produtivo com os predecessores. Nesse sentido, a reflexão horaciana dialoga com a tradição grega, especialmente com a herança helenística, em particular calimaquiiana, que privilegia a erudição, a brevidade e a consciência metapoética. Ao analisar os procedimentos retóricos e intertextuais presentes na epístola, argumenta-se que Horácio afirma sua inserção na linhagem literária grega, mas reivindica simultaneamente espaço autoral próprio. A comunicação pretende, assim, contribuir para a compreensão da poética horaciana como espaço de tensão entre tradição e inovação, em que a emulação se configura como princípio estruturante da criação literária.

Palavras-chave: Horácio; epístola; imitação; emulação; período helenístico; poesia.

Beleza, violência e a cumplicidade do leitor nas écfrases de Leucipe e Clitofonte

Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)
emerson.cerdas@unesp.br

RESUMO: Aquiles Tácio, autor do século II d.C., é um representante da Segunda Sofística, período em que o romance grego absorve o virtuosismo dos manuais de retórica, transformando a narrativa em um palco de domínio plástico da linguagem. Nesse contexto, observa-se um interesse renovado pela natureza da descrição, consolidando-a como técnica literária de primeira ordem. Essa preocupação teórica ganha corpo nos *Progymnasmata*, manuais de exercícios que moldavam a composição dos estudantes, nos quais a écfrase se firma como um dispositivo autônomo, dotado de ambição estética própria. Embora muitas vezes as descrições presentes no romance de Tácio tenham sido interpretadas como meros ornamentos retóricos ou exibicionismo espúrio do autor, as análises de Bartsch (1989), Morales (2004) e Reeves (2007) demonstraram que as écfrases operam como guias interpretativos do leitor, promovendo processos prolépticos, articulando temas que dialogam com a narrativa principal e criando identificação entre os personagens do romance e os das cenas descritas. Nosso intuito nesta apresentação é, focando apenas nas écfrases pictóricas – Europa, Andrômeda, Prometeu e Filomela – discutir como elas funcionam como orientadoras da experiência estética e emocional do leitor, que, guiado pelo olhar erotizado do narrador Clitofonte, participa de um jogo de cumplicidade ambivalente, em que o prazer proporcionado pela contemplação da beleza se entrelaça com a tensão provocada pela representação da violência, especialmente aquela que afeta a protagonista Leucipe. Nesse sentido, o narrador mobiliza a imaginação do leitor, estabelecendo uma disposição anímica capaz de intensificar o *páthos* e orientar sua resposta afetiva. Assim, o leitor experimenta simultaneamente a tensão entre prazer estético e ameaça de violência, numa prática cognitiva em que visualização e emoção se tornam indissociáveis, sempre mediada pela segurança das convenções do gênero romanesco.

Palavras-chave: Aquiles Tácio; segunda sofística; écfrase; romance grego.

Há espaço para novas propostas de tradução poética do verso hexamétrico em português brasileiro?

Fábio Gerônimo Mota Diniz (CPS-Etec/Unesp-FCLAr-Egresso)
fabiogeronimo@gmail.com

RESUMO: O texto desta apresentação é, primeiramente, uma proposta de tradução para o verso hexamétrico valorizando o plano da expressão poética em língua portuguesa, por meio de uma construção poética tradicional, o verso de sete sílabas, conhecido popularmente como redondilha maior, justapostos como um único verso de 12/14 sílabas. A experiência, que já apresentei anteriormente em artigo para a revista *Rónai* intitulado *A tradução à luz da tradição: as traduções neoclássicas do poema Éros Drapétēs, de Mosco*, e o espaço para novas propostas de tradução, recentemente foi apresentada pelo professor André Malta em sua obra *Homero Portátil*, que traz cantos da *Ilíada* e da *Odisseia* de Homero seguindo formato similar. Aqui, defendo a viabilidade da proposta a partir de exemplos do introito do poema épico helenístico *Argonáutica* I, vv.1-233, de Apolônio de Rodes, apontando algumas diferenças em relação ao que sugere o professor Malta, e algumas reflexões sobre a possibilidade que abre tal experiência no contexto da tradução de poemas hexamétricos.

Palavras-chave: tradução; hexâmetro; Argonáutica; Apolônio de Rodes; redondilha maior.

A *Farsália* de Lucano por José Feliciano de Castilho: tratamento editorial do conjunto de manuscritos e estudos de tradução

Gabriel Felix da Silva Santana (Unesp-FCLAr)
CNPq

gabriel.f.santana@unesp.br

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Realizar uma história da tradução latino-portuguesa compreende um desafio que vem sendo realizado aos poucos à medida que tradutores contemporâneos vão tomando consciência da importância das formatações lusófonas precedentes para a produção de uma tradução nova. O olhar para a história da tradução é também um olhar para a história de uma obra de arte, Walter Benjamin (2024) preconizou que este olhar fosse uma das tarefas de um tradutor, pois a tradução, mais do que apenas um meio de transmissão de conteúdos, é a sobrevivência de uma obra, nela a vitalidade do texto original se renova e se desenvolve de maneira mais ampla. É partindo destes preceitos que o presente trabalho aborda questões de tradução em torno do poema épico *Farsália* (ou *Guerra Civil*), do poeta romano Lucano, cuja versão em português, elaborada e publicada parcialmente no Brasil, tem por autor José Feliciano de Castilho, literato lusitano do século XIX, radicado na corte de D. Pedro II entre 1847 e 1879, ano de sua morte (Vieira, 2010). A pesquisa apresenta transcrições diplomáticas para as versões traduzidas do canto II da epopeia a partir do conjunto de manuscritos que se encontram na Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Araraquara. Além disso, busca-se fazer um breve estudo sobre a prática tradutória castilhiana, observando como o poeta traduz os hexâmetros latinos em decassílabos portugueses, o modo como ele recria o texto latino em língua portuguesa. Embasam este estudo teóricos de crítica textual como Antonio Candido (2005), Bárbara Spaggiari e Maurizio Perugi (2004), bem como pensadores da tradução como Antoine Berman (2002; 2007), Haroldo de Campos (1975; 2006) e o supracitado Walter Benjamin (2024).

Palavras-chave: José Feliciano de Castilho; tradução; transcrição diplomática; crítica textual.

O percurso do ‘eu’ ficcional do Ocidente encetado no verso de Menelau: “Mas o que o meu estimado *thumos* me diz?” (*Iliada*, XVII, 97)

Gabriel Galdino Fortuna (UFRJ)
gabriel.fortuna@unesp.br
Rainer Guggenberger (UFRJ)

RESUMO: Esta comunicação almeja incitar uma leitura sobre a *Iliada* que aproxime a obra homérica das concepções modernas de personagem e indivíduo criadas a partir de um arcabouço filosófico que detém os princípios de autorreflexão, deliberação, tensão e profundidade, elementos presentes, respectivamente, nos tratados cartesianos (1637), hegelianos (1835), kantianos (1788) e heraclíticos (V a.C) responsáveis por influenciar o que o século XX e XXI propôs em seus manuais literários a respeito do nível de desenvolvimento estético das personagens. Para confrontar as características do *homo fictus* iliádico que utiliza o verso formular “ἀλλὰ τί ἦ μοι ταῦτα φίλος διελέξατο θυμός; / mas o que o meu estimado thumos me diz” (XVII, 97) dentro dos monólogos interiores com aquilo que a crítica moderna considera como uma construção psicológica verossímil e sofisticada em seus romances, utilizaremos os parâmetros propostos pelos críticos Forster ([1927]1985, p.67) e Antonio Cândido (1998, p.58) sobre o nível de arredondamento das personagens e a abordagem narratológica apresentada por Bernard Fenik (1978), Bal (1985), Richardson (1990), De Jong (2004), Ready (2014) e Bonifazi (2018), autores responsáveis por adotar uma metodologia moderna e empregá-la no primeiro documento literário da cultura ocidental - a *Iliada*. A adoção de uma perspectiva contemporânea em um texto antigo evidenciará que muitas técnicas discursivas consideradas como patrimônio inalienável dos romances modernos, dentre elas, as digressões silenciosas que valorizavam a vida subjetiva das personagens e os momentos de introspecção que expunham rupturas sociais e conflitos psicológicos, já existiam na *Iliada* em sua essência e detinham o protótipo do indivíduo moderno, instaurado na forma como Homero expôs as revoluções psicológicas de suas personagens. Esse diagnóstico responde a correntes mais tradicionais como a filologia e a teoria oralista oriundas dos séculos XIX e XX que, a partir de interpretações reducionistas baseadas em um método puramente lexical, tratavam o texto homérico como um artefato provindo de uma cultura alienígena e um passado remoto.

Palavras-chave: *Iliada*; solilóquio; personagem.

A utilização do intertexto e do interdiscurso como recursos para a construção da dimensão argumentativa-persuasiva na Carta III (“Briseida a Aquiles”) das *Heroides*, de Ovídio

Gabriel Martins Naves Câncio (Unesp-FCLAr)
g.cancio@unesp.br
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: A apresentação (um recorte de um trabalho maior) analisa o intertexto e o interdiscurso como fundamentos da dimensão argumentativa-persuasiva na Carta III (“Briseida a Aquiles”) das *Heroides*, de Ovídio. Parte-se da hipótese de que a epístola estabelece diálogo direto com a *Ilíada*, atribuída a Homero, especialmente com o Canto IX, em que Agamêmnon oferece presentes a Aquiles para persuadi-lo a retornar ao combate. Sustenta-se que a epístola não apenas retoma o episódio, mas o reconfigura discursivamente: enquanto na épica a persuasão se ancora na lógica da honra (*timé*) e da compensação material, na elegia a argumentação desloca-se para a memória, a queixa e a reelaboração do abandono como violência simbólica, como um erro que, não pelos anseios pessoais da heroína (Briseida), mas sim pelos valores culturais daquela sociedade (certo e errado), deve ser remediado pelo enunciatário (Aquiles) por ser uma obrigação moral. Assim, tanto o intertexto quanto o interdiscurso com o texto homérico atuam como campo de tensão, no qual a voz ficcional feminina reinscreve e problematiza os valores heroicos. Conclui-se que o interdiscurso entre épica e elegia estrutura a carta como espaço de disputa retórica, convertendo a cena homérica em instrumento de reinterpretação dos códigos da guerra e da honra para que os objetivos persuasivos de Briseida sejam atingidos.

Palavras-chave: intertexto; interdiscurso; *Ilíada*; persuasão; Agamêmnon.

A construção da heroína na “tragédia de escape” e no romance grego antigo: uma proposta de pesquisa

Gabriela de Lima Mazochi (Unesp-FCLAr)
gabriela.mazochi@unesp.br
Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: A presente pesquisa propõe uma análise comparativa da construção das personagens femininas na tragédia *Helena*, de Eurípides, e no romance grego antigo *Efesiacas*, de Xenofonte de Éfeso, com o objetivo de investigar as continuidades e rupturas na representação do feminino entre dois gêneros literários distintos da Antiguidade. Inserido no contexto social da Grécia clássica e helenística, marcado por uma estrutura patriarcal que restringia a atuação feminina ao espaço doméstico, o estudo parte do contraste entre a condição histórica da mulher e o protagonismo que ela assume nas respectivas obras literárias. Nesse sentido, a pesquisa dialoga com o conceito de “tragédias de fuga”, aplicado a algumas peças euripidianas que se afastam do modelo trágico tradicional ao apresentar planos de escape e desfechos não catastróficos, aproximando-se de estruturas narrativas que mais tarde serão desenvolvidas no romance antigo. A investigação concentra-se na atuação das heroínas diante de situações de perigo extremo, analisando como elas mobilizam a *métis*, entendida como uma forma de inteligência astuciosa, flexível e estratégica, para enfrentar o destino adverso. Paralelamente, examina-se o papel de *moira* (destino) e *týchē* (acaso) na organização da narrativa, observando como essas forças ora impõem limites à ação das personagens, ora criam brechas para o exercício da agência feminina. A metodologia adotada é qualitativa e comparativa, baseada na leitura dos textos gregos e de traduções modernas, articulada a aportes da teoria da tragédia, da teoria do romance e dos estudos de gênero. Ao colocar em diálogo a tragédia euripidiana e o romance grego antigo, o trabalho busca demonstrar como a figura da heroína transita entre submissão às forças externas e ação deliberada, revelando uma reconfiguração do protagonismo feminino que reflete transformações estéticas, narrativas e sociais da cultura grega antiga.

Palavras-chave: tragédia grega; romance grego antigo; protagonismo feminino; destino e acaso; *métis*.

O casamento de Peleu e Tétis em *Excidium Troiae*: tradução e comentários

Gelbart Souza Silva (Unesp-IBILCE)
E-mail: gelbart.silva@gmail.com

RESUMO: No senso comum, a Guerra de Troia teve seu início no rapto (ou fuga) de Helena, a mulher mais bela do mundo, seduzida pelo príncipe troiano Páris. Contudo, há um episódio mitológico que, além de anteceder a partida de Helena para Troia, também justifica com um fundamento divino os acontecimentos posteriores: o casamento de Peleu e Tétis, pais de Aquiles. Peleu, herói participante da expedição dos argonautas sob a liderança de Jasão, une-se à nereida Tétis, que despertara o interesse de Júpiter. É na celebração dessa união que ocorre o início da discórdia entre as deusas, desencadeando eventos decisivos para o futuro conflito troiano. Esse pano de fundo insere a guerra em um horizonte providencial e mítico, tornando o substrato divino solo para as ações humanas. Nesta comunicação, apresento uma tradução inédita, do latim para o português, desse relato presente em *Excidium Troiae* (1-26; ed. Atwood; Whitaker, 1944), obra anônima da produção tardia (provavelmente entre os séculos IV e VI), escrita em prosa e de caráter mitológico. Além de uma introdução breve sobre a trajetória do mito troiano na literatura ocidental, com base nas contribuições de Highet (2015), Young (1948), Landa (2004), Thompson (2013) e outros, com o fito de situar a obra em foco nessa transmissão, proponho uma análise do texto no tocante ao latim e aos recursos literários empregados. Também objetivo a comparação com os textos precedentes da literatura greco-latina a fim de cotejar temas, motivos e dispositivos linguístico-literários. Por fim, a partir da análise empreendida, demonstro como as características estruturais do episódio inaugural da obra reforçam a consideração de que *Excidium Troiae* se configura como um manual mitológico.

Palavras-chave: guerra de Troia; tradução do latim; *Excidium Troiae*; mitologia.

Súplica e risibilidade: a prece mendicante na poesia grega arcaica

Guilherme Alvarez Ferreira (USP)
FAPESP
guilhermealvarez@usp.br
Paula da Cunha Corrêa (USP)

RESUMO: As preces de Hipônax a Hermes, embora breves, constituem um conjunto excepcionalmente fértil para a sua análise formal e temática. Notamos que reproduzem fielmente a estrutura identificada pela crítica como típica da prece convencional, tal como identificada na súplica de Crises a Apolo na *Iliada*. Nesses fragmentos reconhecem-se os elementos canônicos: a invocação no vocativo, os epítetos ou aretologias que qualificam a divindade, a autorreferencialidade do suplicante e o núcleo do pedido formulado em imperativos. Contudo, um componente estrutural fundamental — a referência explícita à reciprocidade cultural, isto é, às oferendas ou sacrifícios prévios que fundamentam a barganha — está ausente em Hipônax. A explicação imediata seria atribuir tal lacuna ao estatuto mendicante da *persona* poética: um miserável não teria o que oferecer para reivindicar sua contrapartida. Embora plausível, essa leitura desfigura a lógica convencional da prece, pois anula justamente sua dicção de barganha. Se a súplica preserva todos os demais elementos formais, por que o mecanismo de reciprocidade teria sido simplesmente eliminado? A dificuldade é intensificada pelo fato de que tratamos de Hermes, deus cuja atuação é recorrentemente associada a trocas e negociações. Esta comunicação propõe uma segunda hipótese, mais coerente com o modelo convencional de prece: haveria, sim, uma troca. O bem oferecido ao deus não seria material, mas simbólico — a risibilidade (*geloíos*) da própria figura mendicante. A condição degradada do suplicante suscita o riso, que se converte, assim, no capital simbólico oferecido ao interlocutor. Para examinar essa possibilidade, proponho o estudo comparativo das representações risíveis de mendigos na poesia grega arcaica: Hipônax (frs. 2, 42, 43), Homero (*Od.* XVIII, 1-123), Epicarmo (fr. 32) e Ásio (fr. 1). O *corpus* sugere que a mendicância não é apenas um marcador social, mas um recurso poético capaz de produzir a risibilidade que pode sustentar a dinâmica da barganha. Complementarmente, analiso essa perspectiva também no rebaixamento simbólico de dois deuses, Plutão e Hermes, em Hipônax (fr. 44), Timocreonte (fr. 731) e Aristófanes.

Palavras-chave: poesia grega arcaica; prece; mendicância; risibilidade; Hipônax.

Corpos autorais: por uma autoria diacrônica da poesia grega arcaica

Guilherme Gontijo Flores (UFPR)
CNPq
ggontijof@gmail.com

RESUMO: Os estudos de Milman Parry e Albert Lord, levados a cabo entre os anos 1930 e 1960, certamente levaram a uma revisão profunda sobre as possibilidades de encarmos no presente os textos da poesia assinada sob o nome de Homero, no caso a *Iliada* e a *Odisseia*. Trata-se de uma poética comparativa entre bardos improvisadores dos Bálcãs (quase plenamente ágrafos) e o texto das épicas homéricas, que demonstra de modo bastante inequívoco as fontes orais e improvisativas da tradição épica grega, transmitida por séculos através de aedos e rapsodos. Se para grande parte dos especialistas isso, de certo modo, abalou a noção de uma autoria única e individual de um suposto poeta-gênio Homero (não todos, já que Martin West continuou defendendo a criação escrita das obras, por exemplo), e levou a novos passos interpretativos nas mãos de estudiosos como John Miles Foley, Richard Martin e Gregory Nagy, entre outros, a partir de finais dos anos 1980; por outro lado, as implicações de uma cultura grega arcaica e clássica, eminentemente oral, parece não ter até o momento recebido a devida radicalidade para a leitura do *corpus* da poesia lírica, elegíaca e iâmbica, a não ser em momentos indiscutíveis como o *corpus* hoje conhecido como *Theognidea*, originalmente atribuído a Teógnis. A minha proposta aqui é tentarmos ler os efeitos de um estabelecimento diacrônico dos textos transmitidos e atribuídos a Safo, Arquíloco, Tirteu, Anacreonte etc. Longe de simplesmente descartar qualquer noção de autoria, busco sugerir que estamos diante de *corpora* que se estabelecem diacronicamente com notável coerência e coesão internas, que por sua vez funcionam como um *lugar de autoria*, sem que necessitemos de apenas um indivíduo ou uma data e local absolutamente definidos para seu funcionamento pleno.

Palavras-chave: poesia grega arcaica; lírica; elegia; iambo; autoria.

A poética pastoril de Francisca Possolo da Costa: intertextualidades da antiguidade latina com o arcadismo português em *Francília, pastora do Tejo* (1816)

Hélio Fellipe Dalle Piagge (Unesp-FCLAr)

hellio.piagge@unesp.br

Renata Soares Junqueira (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho propõe analisar as relações intertextuais e o diálogo crítico que a obra *Francília, Pastora do Tejo* (1816), da escritora portuguesa Francisca de Paula Possolo da Costa (1783-1838), estabelece com a tradição da poesia clássica, notadamente o bucolismo latino, e o arcadismo lusitano. Embora a autora tenha sido historicamente relegada à marginalidade pelo cânone tradicional, a sua poesia pastoril revela uma profunda apropriação e subversão das convenções estéticas de seus predecessores. Em um gênero poético tradicionalmente dominado pela voz masculina do pastor árcaico que canta suas mágoas e amores, Possolo da Costa realiza um ato transgressor ao outorgar a enunciação lírica a uma pastora, inaugurando um espaço de subjetividade feminina. Ao enunciar “a lyra tomo” (Possolo da Costa, 1816), a escritora não apenas ecoa as matrizes literárias da antiguidade, mas apropria-se do instrumento musical masculino para articular a experiência do mundo a partir de uma voz lírica feminina. Por isso, articula-se a análise literária com a revisão historiográfica para compreender o agenciamento da autora no seio das assembleias intelectuais lisboetas, espaços de sociabilidade literária onde contornava as rígidas barreiras impostas à publicação de autoria feminina da época. Assim, busca-se investigar como a poeta se apropria do repertório clássico não como mero artificialismo estético, mas como estratégia criativa para questionar a idealização da figura masculina e os papéis de gênero cristalizados. Dessa forma, a análise também evidencia a resistência da obra ao processo de silenciamento conduzido por biógrafos oitocentistas, como António Feliciano de Castilho, que tentaram confinar a estatura intelectual da autora aos estritos limites da domesticidade. A comunicação demonstrará, portanto, como a obra transita pelo crepúsculo do arcadismo e pelas heranças latinas, reinventando o *locus amoenus* para que a mulher rompa com os códigos tradicionais e se coloque no texto por seu próprio movimento.

Palavras-chave: Francisca Possolo da Costa; poesia pastoril; arcadismo; recepção clássica; autoria feminina.

**A angústia da espera: estudo sobre a dimensão persuasiva em "Penélope a Ulisses"
(Ovídio, *Heroides*, I)**

Iara Cristina Costa (Unesp-FCLAr)
iccosta9@hotmail.com
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho apresenta as discussões de um projeto que toma como objeto a Carta I, "Penélope a Ulisses", das *Heroides*, de Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), para propor uma análise da dimensão argumentativa-persuasiva do discurso latino e para investigar como a linguagem figurativa e a mobilização das paixões (sentimentos) são construídas no discurso para servir ao propósito da persuasão. As *Heroides* caracterizam-se como um conjunto de vinte e uma cartas fictícias compostas em dísticos elegíacos, em que a voz feminina é predominante. A primeira, objeto de análise da pesquisa, é escrita por Penélope, conhecida personagem da *Odisseia* de Homero. No texto, a rainha de Ítaca expressa sua angústia e aflição com a demora do marido Ulisses, após o fim da Guerra de Troia. A carta, então, se apresenta plena de argumentos marcados por um tom de aflição, salientando uma postura angustiada da narradora. O projeto tem em vista a análise da sintaxe e semântica do nível discursivo para entender como as figuras retóricas revestem os sentidos da narrativa e esse estado de angústia. Assim, com base em estudos da Semiótica Discursiva e da Retórica Clássica, que permitem tomar figuras como ferramentas de expressão empregadas para a criação de efeitos de sentido que, em última análise, servem ao propósito da persuasão, a presente comunicação demonstrará como a pesquisa procurará se aprofundar na estrutura semiótica do texto latino, ambicionando, através de uma análise voltada aos conceitos da sintaxe e da semântica do nível discursivo do Percorso Gerativo do Sentido, revelar as nuances da persuasão incorporadas à narrativa, particularmente por meio da linguagem figurativa, e as formas em que as paixões mobilizadas pela narradora são figurativizadas em seu discurso.

Palavras-chave: Ovídio; *Heroides*; persuasão; figurativização.

A poética da semelhança e da contiguidade: figuras de linguagem na Eneida

Isabela Tauber Moreira (Unesp-FCLAr)
isabela.tauber@unesp.br
Márcio Thamos (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Em seu ensaio “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, Jakobson demonstra que metáfora e metonímia constituem modos fundamentais de organização do enunciado e da própria capacidade verbal. A metáfora é vinculada ao eixo paradigmático das relações de similaridade, e a metonímia, ao eixo sintagmático das relações de contiguidade. A pesquisa em andamento propõe investigar de que maneira as figuras de retórica contribuem para a elaboração imagética e a economia semântica na *Eneida*, com ênfase nos processos metafóricos e metonímicos. O *corpus* selecionado inicialmente corresponde ao Livro I, no qual são apresentados os temas centrais da epopeia, a caracterização de Eneias e os principais eixos simbólicos da narrativa. Para o desenvolvimento da análise, parte-se da hipótese de que as figuras baseadas nos princípios de similaridade e de contiguidade desempenham papel fundamental na expressividade e organização simbólica do texto. Esses recursos conferem densidade e força poética ao discurso, sendo analisados a partir de duas vertentes teóricas complementares: a tradição da retórica e poética antigas e as contribuições da linguística e semiótica literária contemporâneas. O estudo fundamenta-se na estilística e retórica literária (Marouzeau, Lausberg, Reboul), na crítica virgiliana (Conington, Hardie, Conte) e na linguística e semiótica modernas (Jakobson, Lima, Fiorin). Serão examinadas, no contexto da obra e em suas possíveis relações intertextuais, as figuras associadas à similaridade (metáfora, símile, personificação e alegoria) e à contiguidade (metonímia, sinédoque e antonomásia). Assim, o estudo busca demonstrar que os processos de semelhança e de contiguidade, ao modular o significado, intensificando sua visualidade, não apenas ornamentam o discurso, mas constituem elementos fundamentais da construção poética, pois atuam como recursos para a organização semântica e simbólica da narrativa épica, contribuindo para a expressividade do texto.

Palavras-chave: figuras de retórica; metáfora; metonímia; Virgílio; *Eneida*.

A pluralidade dos mitos fundadores: o conceito de "discurso fundador" na Grécia Clássica e diálogos contemporâneos

Izis Cavalcanti Albuquerque de Souza Queiroz (Unesp-FCLAr)
CAPES

izis.cavalcanti@unesp.br

Fernando Brandão dos Santos (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise dos mitos de fundação na Antiguidade grega, pautada na premissa de que tais narrativas constituem o que Naoise Mac Sweeney denomina "discursos fundadores": redes plurais de histórias que coexistiam para negociar identidades complexas. Utilizando a tripartição de níveis proposta por Irad Malkin, a comunicação diferencia as etapas de formação da identidade cívica da *pólis* ateniense. Primeiramente, aborda-se o nível natural e pré-fundacional, exemplificado pelo embate entre Atena e Poseidon. Argumenta-se que este mito atua na definição da topografia sagrada e da identidade primordial do espaço, estabelecendo a posse divina do território antes da organização política estrita. Como uma etapa intermediária, apresentamos o mito autóctone de Ericônio, caracterizado como mito heróico de fundação. Em contraste, identifica-se na figura de Teseu o verdadeiro agente do nível político explícito. Através do processo de *synoikismos* (sinoicismo), Teseu transcende o papel de herói lendário para fundar a estrutura institucional e social da *pólis*. A análise de Susanne Turner sobre a paternidade ambígua de Teseu — oscilando entre a linhagem terrena de Egeu e a divina de Poseidon — é explorada como um recurso de negociação identitária fundamental para a Atenas do século V a.C.: enquanto o vínculo com Egeu reforçava a autoctonia e a legitimidade local, a filiação a Poseidon fundamentava a projeção marítima e a hegemonia imperial da cidade. Alinhando-se à temática "Ecos de milênios, vozes de hoje", a pesquisa estabelece uma ponte com a contemporaneidade ao aproximar estas tensões da crise de imigração nos Estados Unidos sob a administração Trump (2026), período marcado pelo recrudescimento de políticas nativistas e ações sistemáticas de deportação. O conflito ideológico entre o nativismo exclusivista (análogo à autoctonia) e o mito da "nação de imigrantes" (análogo à *ktisis* ou fundação estrangeira) revela que a disputa por um discurso fundador, assim como a gestão de seus silêncios, permanece no centro das crises de identidade nacionais. Conclui-se que a coesão de uma sociedade depende da sua capacidade de negociar versões contraditórias de si mesma, transformando mitos divergentes em um discurso coletivo funcional.

Palavras-chave: mitologia grega; mitos de fundação; autoctonia; Atenas; Teseu.

Ritmo e *elocutio* na lírica galego-portuguesa: a presença da *oratio numerosa* nas cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade

Jayane Caroline Queiroz Sampaio (Unesp-FCLAr)
jc.sampaio@unesp.br
Gladis Massini-Cagliari (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a investigar, sob perspectiva teórico-analítica rigorosamente ancorada na tradição retórica clássica, a presença e a função dos preceitos rítmico-estilísticos que, associados à *elocutio* ciceroniana e à *oratio numerosa*, participam da constituição formal das cantigas medievais galego-portuguesas. Parte-se da hipótese de que o sistema retórico elaborado na Antiguidade greco-romana teria sido, em realidade, reelaborado, reconfigurado e funcionalmente incorporado à produção poética em língua romance, de modo a operar como princípio estruturante da expressividade lírica medieval. Interroga-se, assim, em que medida categorias tradicionalmente vinculadas ao discurso persuasivo poderiam ter sido transpostas, com as devidas inflexões, para o campo da composição trovadoresca. O corpus selecionado compreende cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade, trovador do século XIII. A análise concentra-se na articulação entre *compositio*, *concinnitas* e *numerus*, examinando-se de que modo os elementos retóricos-estilísticos podem ser compreendidos não como expedientes ornamentais contingentes, mas como dispositivos de intensificação expressiva, de ordenação interna do discurso e de orientação da recepção. Demonstra-se, nesse sentido, que tais elementos configuram mecanismos de organização discursiva que potencializam o *páthos*, estruturam a progressão argumentativa implícita e modulam a experiência do auditório, sobretudo quando se considera o contexto performático no qual essas cantigas eram executadas. Evidencia-se, ademais, que o ritmo, concebido não apenas como regularidade métrica, mas como ordenação estratégica das unidades linguísticas em sua dimensão sintática, fônica e cadencial, atua como princípio articulador entre forma e efeito, instaurando uma cadência que simultaneamente estrutura o discurso e amplia sua eficácia estética e persuasiva. Ao identificar, nas cantigas analisadas, traços característicos da *oratio numerosa*, sustenta-se que a lírica galego-portuguesa manifesta continuidade substantiva com a tradição retórica clássica. Conclui-se, portanto, que a leitura das cantigas medievais à luz da *elocutio* permite compreender sua sofisticação formal não como resultado espontâneo da musicalidade trovadoresca, mas como expressão de uma tradição técnico-discursiva de longa duração, na qual ritmo, estilo e persuasão se integram em uma mesma operação estética.

Palavras-chave: retórica; *elocutio*; *oratio numerosa*; cantigas medievais.

De outros autores ilustres: comentários sobre os prefácios de Valério Máximo e Justino

Jéssica Frutuoso Mello (UERJ)
jessicafrutuoso.m@gmail.com

RESUMO: A abreviação era uma prática comum ao longo da antiguidade grega e latina e podia servir para diferentes fins, como a consulta rápida em estudos particulares ou como material didático. Muitas vezes, as obras utilizadas como fontes para tal acabaram se perdendo com o decorrer do tempo, e a crítica passou a receber essas abreviações e antologias de modo negativo, como se fossem responsáveis por essa interrupção de transmissão. Mais recentemente, estudos sobre esse tipo de trabalho têm destacado suas especificidades e sua relevância tanto em seu contexto de produção, como enquanto fonte acerca de determinados elementos culturais. Aqui, propõe-se uma discussão sobre aquilo que dois autores têm a dizer sobre suas próprias obras: Valério Máximo, do século I EC, em seus *Feitos e ditos memoráveis*, e Justino, entre os séculos II e IV EC, no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*. Embora sejam textos que se organizam de modos diversos – Valério Máximo recolhe de fontes variadas, enquanto Justino abrevia uma única, por exemplo –, apresentam características que as aproximam, como o fato de serem vistas como fonte de *exempla* para uso em declamações e de terem exercido influência durante a Idade Média e o Renascimento até serem relegadas às margens. Como referencial para a análise, são utilizadas as proposições de Marietta Horster e Christiane Reitz (2010) sobre abreviação; Rebecca Langlands (2018) sobre a configuração de *exempla*; e algo de *Excerpta rhetorica* quanto à abertura de obras que tratam de matéria histórica. Nota-se que os autores demarcam seu controle sobre suas fontes, construindo sua autoria e a independência de suas produções, e, ainda que estas possam ser utilizadas para consulta isolada, sua leitura integral permite uma interligação dos eventos narrados, enriquecendo a formação de sentidos.

Palavras-chave: Valério Máximo; *Feitos e ditos memoráveis*; Justino; *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*; abreviação.

A voz das mulheres na Antiguidade: literatura como prática cultural e o teatro clássico como espaço de reflexão social

Jhyovana Almeida Rocha (UFRR)

jhyovanarocho@gmail.com

Eliaine de Moraes Belford Gomes (UFRR)

Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (UFRR)

RESUMO: A presente comunicação apresenta um recorte da pesquisa em desenvolvimento no curso de Letras da Universidade Federal de Roraima, realizada no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso em articulação com o Estágio Supervisionado, intitulada “A voz das mulheres na Antiguidade: comédia, tragédia e resistência”. O projeto propõe uma sequência didática voltada às séries finais do Ensino Fundamental, tendo como eixo central a discussão do papel da mulher na sociedade a partir da literatura clássica. Inserida no campo dos estudos de ensino de literatura, a pesquisa parte da compreensão de que o texto literário é um componente estruturante do trabalho pedagógico da Educação Básica, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse sentido, a proposta busca compreender a literatura como prática cultural capaz de ampliar o repertório simbólico dos estudantes e de promover o desenvolvimento do pensamento crítico e social. Para tanto, o projeto prevê a elaboração e aplicação de uma sequência didática interdisciplinar fundamentada na leitura, análise e mediação pedagógica de duas obras canônicas do teatro antigo: a comédia latina *Anfitrião* (*Amphitruo*), de Plauto (séc. I a.C.), e a tragédia grega *Antígona*, de Sófocles (séc. V a.C.), com o objetivo de discutir e problematizar as relações de poder, as estruturas sociais e as formas de resistência feminina na Antiguidade, colocando essas representações em diálogo com as discussões contemporâneas sobre gênero e sociedade. A fundamentação teórica da pesquisa apoia-se nas diretrizes da BNCC e do Documento Curricular de Roraima (DCRR), bem como nas reflexões de Antonio Candido (2006; 2011) sobre a função social da literatura e nos estudos de Roger Chartier (1990) acerca da literatura enquanto prática cultural e espaço de construção de representações sociais. O recorte apresentado nesta comunicação concentra-se, especificamente, na discussão teórica que fundamenta a proposta pedagógica, examinando a literatura como prática cultural e o teatro clássico como espaço coletivo de reflexão social. A partir desse enfoque, procura-se evidenciar de que modo a comédia *palliata* latina e a tragédia grega podem ser compreendidas como documentos estéticos e históricos capazes de problematizar representações sociais, relações de poder e discursos sobre a condição feminina.

Palavras-chave: teatro clássico; literatura latina; vozes femininas; prática pedagógica.

Ecos de dominação: o herói antigo sob a lente das masculinidades de hoje

Johnwill Costa Faria (UEG)
johnwill.faria@ueg.br

RESUMO: Esta comunicação propõe uma análise crítica da figura do herói na mitologia greco-romana, investigando como a construção da *virtus* e da heroicidade clássica se fundamentou, historicamente, na dominação e no silenciamento do feminino. Partindo do tema central do evento, "Ecos de milênios, vozes de hoje", o trabalho busca desconstruir o arquétipo do herói civilizador — personificado em figuras canônicas como Perseu, Teseu e Enéias — para revelar as estruturas de poder patriarcal que sustentam seus feitos e sua legitimação social. Do ponto de vista filológico, a investigação dedica especial atenção ao conceito de *virtus* na língua latina, termo derivado de *vir* (homem), que intrinsecamente vincula o valor ético e a coragem política à identidade masculina, excluindo as mulheres dessa categoria de excelência. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica que cruza fontes primárias, com ênfase em passagens selecionadas das *Metamorfoses* de Ovídio e da *Eneida* de Virgílio, com as teorias contemporâneas sobre masculinidades e os estudos de recepção clássica. Discute-se como esses modelos arcaicos de virilidade, baseados na conquista e na objetificação do "outro", ainda ecoam nas estruturas sociais, educacionais e políticas do presente. O objetivo principal é demonstrar que revisitar o mito sob uma perspectiva crítica não é apenas um exercício de erudição acadêmica, mas uma necessidade ética para compreender e transformar as "vozes de hoje" que ainda replicam lógicas de opressão milenares sob o manto da tradição. Ao analisar o herói não como um modelo estático, mas como um constructo cultural, esta comunicação contribui para o debate sobre como os Estudos Clássicos podem ser ferramentas de reflexão sobre a equidade de gênero e a desconstrução de comportamentos tóxicos na contemporaneidade, promovendo um diálogo necessário entre a Antiguidade e os desafios do século XXI.

Palavras-chave: *virtus*; herói; identidade masculina; silenciamento do feminino.

Traduzindo Suetônio e Dión Cássio: uma aproximação de trechos da *Vita Neronis* e da *História Romana*

Jonathan de Sousa Petita (Unesp-FCLAr)
CAPES

j.petita@unesp.br

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)

Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Propõe-se desenvolver algumas considerações acerca de uma pesquisa em nível de mestrado em andamento: trata-se, até o momento, da tradução da *Vita Neronis*, livro VI da obra *De vita Caesarum* de Suetônio (69/72 - c. 126), uma biografia do imperador Nero (37-68), e do livro LXI da *Ρωμαϊκή Ιστορία (Romaiké Historía)*, de Dión Cássio (c. 165 - c. 235), texto historiográfico que abarca, no trecho em questão, do final do principado de Cláudio ao início do de Nero. O processo tradutório é direto - do latim e do grego para o português - e busca empregar o tom estrangeirizante sustentado por Antoine Berman em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007). Com tal empresa, deseja-se comparar a estruturação das duas obras, pertencentes a gêneros distintos, em termos de aproximações ou distanciamentos entre si - os episódios escolhidos, a ordenação destes, o nível de detalhamento, a escolha lexical, o uso de figuras de linguagem, dentre uma miríade de outros pontos a serem pensados. Outrossim, deseja-se ressaltar os desafios enfrentados por se tratar de duas composições da Antiguidade, porém tardios em comparação ao período clássico da literatura latina (século I a. C ao I d. C.) e da literatura grega (século V ao VI a. C.) e, por conseguinte, em estágios outros do desenvolvimento das respectivas línguas. Em adendo, Dión Cássio, inclusive, é duplamente estrangeiro, por tratar da história de Roma em um idioma que não o latim. Com isso posto, os aspectos que mais saltam à vista são os termos em latim transcritos em grego, os usos constantes de pronomes demonstrativos e relativos que dificultam a continuidade de leitura em português, as extensas cadeias de orações subordinadas a um único verbo e a organização temporal baseada no uso das categorias verbais para além das composições adverbiais. Em síntese, deseja-se mostrar de que modo a narração histórico-biográfica dista-se ou se assemelha entre as três línguas, e como, mais especificamente, o ato de traduzir verifica-o e pode lidar com isso. Para a análise, portanto, alguns excertos comuns a ambas as obras - e icônicos da literatura neroniana - serão selecionados, como os que relatam seu nascimento, sua relação com a mãe Agripina e o casamento com o jovem Esporo.

Palavras-chave: tradução; Dión Cássio; Suetônio; história; biografia.

**O romance anglófono contemporâneo de autoria feminina na recepção dos clássicos:
Natalie Haynes e as novas vozes**

Laura Ribeiro da Silveira (UFES)
laurardasilveira@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho é um recorte e aprofundamento de nossa pesquisa de pós-doutoramento recém-concluída, e pretende analisar dois romances da autora inglesa Natalie Haynes (nascida em 1974), com quem descobrimos uma voz inédita na recepção clássica: a da popularização da Antiguidade fora do meio acadêmico em diferentes mídias. Classicista de formação, ela trabalhou como comedianta de *stand-up* e conciliou os saberes apresentando o programa de rádio da *BBC* intitulado *Natalie Haynes Stands Up for the Classics*, onde mescla humor e erudição ao falar de personagens e obras clássicas, de uma perspectiva contemporânea, porém atenta aos textos e contextos antigos. Dentre os seis romances de recepção clássica de sua autoria, selecionamos dois - *Stone Blind* (traduzido como *Olhar Petrificante*) e *No Friend to this House* (ainda sem tradução), de temáticas distintas, e publicados respectivamente em 2022/2023 e 2025 (esse, apenas lançado, vem sendo recebido com entusiasmo na Inglaterra, em eventos que mesclam leitura e autógrafos, divulgados em seu perfil no *Instagram*), para este trabalho, e percebemos que o traço característico da Haynes é a erudição que perpassa todos os romances, independentemente do enredo. Além do apreço por personagens femininas (Medusa e Medeia, respectivamente, nessas duas obras), Haynes inclui inúmeros detalhes mitológicos, seja sobre deuses, pessoas, lugares ou eventos. O enredo emerge do encontro de várias pontas que constituem a matéria em si, em cada narrativa. Seu estilo une a velocidade do rádio com a intensidade da literatura, numa voz crítica e atual, ao gosto do público leitor deste século. Decidimos analisar textos que apresentam como protagonistas personagens tradicionalmente referidas como vilãs e que surgem em novas perspectivas nos romances contemporâneos, nos quais suas vozes se destacam e configuram novas possibilidades de interpretação dessas mulheres, condenadas desde sempre, ouvidas a partir de agora.

Palavras-chave: recepção clássica; romance anglófono; novas vozes; autoria feminina.

Estudo da dimensão argumentativa na carta XXI “Cidipe a Acôncio”, das *Heroides* de Ovídio

Lavínea Gomes Campos (Unesp-FCLAr)
PIBIC-PROPE
lavinea.gomes@unesp.br
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O projeto toma como base a teoria Semiótica Discursiva, para proceder ao estudo da dimensão argumentativa das *Heroides* de Ovídio. Esta obra é composta por vinte e uma cartas, sendo as quinze primeiras simples, nas quais tem-se uma personagem feminina da mitologia greco-romana dirigindo-se ao seu amado, e as seis últimas cartas duplas, formando três pares, com o herói escrevendo a sua amada, que o responde. Sendo assim, a presente pesquisa aplica conceitos semióticos à leitura da Carta XXI “Cidipe a Acôncio”, com o objetivo de estudar a argumentação presente no texto latino, observando, dessa forma, os procedimentos discursivos que visam à persuasão. Além disso, buscaremos entender como as paixões da mágoa e da opressão são figurativizadas no discurso. Na Carta XXI, temos como narradora-personagem Cidipe que responde a carta enviada por Acôncio (Carta XX “Acôncio a Cidipe”), na qual o rapaz tenta persuadir Cidipe a casar-se com ele, após um juramento que foi realizado sem o consentimento da jovem e deixou-a presa a Acôncio. Cidipe, desse modo, no momento que escreve sua resposta, está abatida pelas consequências de uma promessa não cumprida e demonstra seus sentimentos em relação aos acontecimentos. A jovem relembra sua visita a Delos – local onde ela foi vítima da artimanha realizada por Acôncio, crédulo de que ela lhe pertenceria – e reflete sobre sua beleza, que ela diz estar debilitada no momento que escreve por conta de sua pouca saúde, mas ter sido a responsável pelo desejo de Acôncio por ela. Demonstraremos como o estudo do texto latino por meio da Semiótica permite investigar a argumentação na Carta XXI.

Palavras-chave: *Heroides*; semiótica discursiva; persuasão.

Tradução, discurso e autoria: a “função tradutor” nas notas tradutórias do *Satyricon* de Petrônio

Lívia Mendes Pereira (Unesp-FCLAr)
liviamendesletras@gmail.com

RESUMO: Este trabalho realiza uma análise comparativa de duas traduções brasileiras do *Satyricon*, de Petrônio, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente dos pressupostos de Michel Pêcheux, e da noção de “função tradutor”, formulada por Solange Mittmann. Partimos do entendimento de que tanto o texto original quanto o texto traduzido constituem materialidades discursivas abertas ao interdiscurso, atravessadas por múltiplas vozes e efeitos de sentido, o que inviabiliza a concepção de tradução como simples transporte de significados entre línguas. Nosso objetivo é discutir as diferenças entre traduções de perfil tradicional e/ou acadêmico e traduções de viés contemporâneo e/ou criativo, tomando como *corpus* a versão de Paulo Leminski em contraste com a de Sandra Braga Bianchet. A análise é direcionada especialmente nas Notas de Tradutor (N.T.), compreendidas não como discurso marginal, mas como extensão do discurso da tradução, espaço privilegiado de manifestação da chamada “função tradutor”. Partimos do pressuposto de que as traduções acadêmicas tendem a sustentar a chamada “ilusão de transparência”, pois produzem o efeito de que o texto traduzido reproduz fielmente o sentido do original, como se a voz que fala no texto de chegada fosse exclusivamente a do autor antigo. Nessa perspectiva, as N.T. assumem caráter predominantemente explicativo, fundamentando-se em dicionários, comentários filológicos e discursos científicos, os quais são mobilizados para legitimar a interpretação apresentada como a mais correta ou verdadeira. O tradutor, assim, busca apagar sua intervenção, assumindo uma posição de mediador neutro e responsável por preservar a unidade e a homogeneidade do texto-fonte. Em contraste, as traduções criativas reconhecem a heterogeneidade constitutiva do discurso e assumem a tradução como gesto interpretativo e crítico. Inspirada em concepções como a de Haroldo de Campos, que entende a tradução como recriação, a prática tradutória de Leminski evidencia a opacidade do texto original e a reinscreve no texto de chegada. Suas N.T. não se limitam a esclarecer referências, mas tornam-se espaço de visibilidade autoral, no qual o tradutor explicita escolhas, tensiona sentidos e dialoga com o leitor contemporâneo. A comparação entre os dois tipos de tradução revela, portanto, dois modos distintos de funcionamento da função tradutor. No modelo tradicional, ela opera no sentido de controlar e estabilizar os sentidos, reforçando a responsabilidade do tradutor como guardião do original. No modelo criativo, a “função tradutor” organiza a heterogeneidade discursiva sem ocultá-la, evidenciando que a tradução é produção de sentidos situada histórica e culturalmente. Esse trabalho de análise nos faz perceber que as diferenças entre essas vertentes não se restringem a escolhas estilísticas, mas refletem concepções divergentes de linguagem, autoria e leitura. Enquanto a tradução acadêmica tende a sustentar a ilusão de unidade e transparência, a tradução criativa assume a pluralidade de vozes e a dimensão crítica do ato tradutório, reafirmando que toda tradução é, inevitavelmente, interpretação e recriação.

Palavras-chave: tradução; função tradutor; *Satyricon*; Paulo Leminski; recepção da antiguidade.

eLatim-vallex: uma ferramenta para consulta sintático-semântica de exemplos de *corpus*

Lucas Consolin Dezotti (UFPB)
lucas.dezotti@academico.ufpb.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar aos latinistas brasileiros uma ferramenta digital inovadora para a pesquisa em *corpora* de textos latinos. Batizada de “eLatim-vallex”, a ferramenta permite filtrar exemplos de uso em um *corpus* paralelo latim-português por meio de seletores baseados em propriedades sintático-semânticas dos termos dependentes. O interesse em observar o comportamento lexical a partir de bases sintático-semânticas encontra fundamento linguístico no caráter conceptual da sintaxe — isto é, no pressuposto de que a combinatória de formas de conteúdo produz determinados sentidos — e fundamento didático na relevância de abordagens dedutivas baseadas na observação de dados para o ensino-aprendizagem de línguas. O desenvolvimento da ferramenta é descrito em detalhes em duas frentes principais. A primeira diz respeito à criação de uma base de dados integrada, constituída a partir da compilação de *treebanks* preexistentes (isto é, *corpora* de textos latinos anotados sintaticamente) e do alinhamento de traduções para o português no nível da frase (*sentence alignment*). Esse processo envolve procedimentos como harmonização da lematização, acréscimo da camada de anotação semântica (traços) e extração de dados sobre os dependentes. A segunda frente refere-se à tecnologia empregada na interface de consulta (*ShinyApp*), que converte dados legíveis por máquina em informação acessível ao usuário. Por fim, são apresentadas as limitações da ferramenta e alguns caminhos para sua ampliação e aprimoramento. Espera-se que a ferramenta seja útil para: (I) pesquisadores testarem hipóteses com informações extraídas de *corpus*; (II) professores encontrarem exemplos autênticos para suas aulas (e lexicógrafos, para seus dicionários); e (III) estudantes complementarem o aprendizado sobre o léxico por meio da observação direta da linguagem em uso.

Palavras-chave: latim; abordagem sintático-semântica; gramática de dependências; *corpus* paralelo; exemplos de uso.

A espera de Dejanira: Análise do percurso passional e persuasivo de um trecho da Carta IX “Dejanira a Hércules” (Ovídio, *Heroides*, IX)

Lucca Mollo Brasileiro de Carvalho (Unesp-FCLAr)
CAPES

lucca.mollo@unesp.br

Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O trabalho a ser apresentado tem como objetivo a análise de um trecho da Carta IX “Dejanira a Hércules”, presente na obra *Heroides* do poeta romano Ovídio (séc. I AEC), na qual Dejanira, esposa de Hércules, expressa seu desespero diante ao abandono de seu marido, que vive a caçar monstros e se envolver com outras mulheres em terras distantes. Em razão disso, a heroína busca, por meio da carta, convencer o marido a regressar para ela. Para esta análise será utilizada a abordagem da teoria semiótica junto com seus avanços, principalmente na Semiótica das Paixões com os autores: Greimas e Fontanille (1993), Barros (1990) e Fiorin (2007), esse referencial teórico será utilizado para compreender como o percurso passional da narradora-personagem Dejanira se manifesta no texto e seus efeitos de sentido, assim como também caracterizar o estado de espera que ela se encontra no início da carta. Além disso, considerando as aproximações entre Semiótica e Retórica (Fiorin 2014; 2015), examina-se a dimensão argumentativa do discurso buscando compreender as estratégias persuasivas mobilizadas pela narradora-personagem para convencer o marido a regressar. Como exemplo de análise, será utilizado um trecho inicial da carta que compreende os versos 25 a 46 no qual Dejanira relata a condição aflita e incerta da espera do regresso de seu marido. A análise é centrada no nível discursivo, buscando apreender através da teoria os efeitos de sentido presentes na carta tanto do percurso passional da heroína como também das figuras retóricas empregadas. Com isso, pretende-se explicitar a argumentação de Dejanira que, mesclando o lamento e a acusação, com queixas contra marido e exposição de situações que contradizem seu status heroico, tenta convencê-lo a regressar.

Palavras-chave: Ovídio; semiótica; *Heroides*; persuasão; retórica.

Reavaliando a autoria das *Fábulas* atribuídas a Higino: evidências linguísticas e estilísticas

Luiz Henrique Queriquelli (UFSC)
luizqueriquelli@gmail.com

RESUMO: Por muito tempo, o autor das *Fábulas* tradicionalmente atribuídas a Higino foi identificado com o erudito augustano mencionado por Suetônio, associado à Biblioteca Palatina e à produção de uma vasta obra mitológica. Essa identificação, consolidada na historiografia filológica durante séculos, baseou-se sobretudo em uma confluência entre dados biográficos escassos e a autoridade cultural do período de Augusto. Estudos mais recentes, contudo, vêm questionando essa associação, propondo que o autor das *Fábulas* não seja o mesmo Higino da corte augustana, mas um escritor anônimo atuante em período posterior, possivelmente no século II d.C. O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida durante estágio de pós-doutorado, cujo objetivo principal foi traçar um perfil linguístico e estilístico do autor das *Fábulas* a partir da análise sistemática de seu latim. A investigação concentrou-se em fenômenos morfológicos, sintáticos e lexicais recorrentes no texto, bem como em traços estilísticos característicos, tais como padrões de formulação narrativa, recorrência de construções simplificadas e opções expressivas que se afastam do padrão normativo do latim do final da República e do início do Principado. Os dados levantados indicam que o latim das *Fábulas* apresenta características compatíveis com práticas linguísticas e estilísticas mais tardias, próximas ao latim de autores do século II d.C., em um contexto de maior flexibilidade formal e menor adesão a modelos clássicos estabilizados. Esse perfil contrasta de modo significativo com aquele esperado de um autor plenamente integrado ao círculo erudito augustano, cuja produção estaria mais alinhada aos ideais estilísticos e normativos do período. Com base nesse panorama, argumenta-se que as evidências linguísticas e estilísticas reforçam a hipótese de uma autoria posterior e anônima para as *Fábulas*, contribuindo para o abandono definitivo da identificação tradicional com o Higino augustano. O estudo propõe, assim, uma reavaliação do lugar das *Fábulas* no corpus da literatura latina, não como obra de um erudito clássico, mas como testemunho relevante da diversidade formal do latim imperial.

Palavras-chave: Higino; *Fábulas*; latim imperial; estilo literário; autoria textual.

Relações elegíacas nas *Metamorfoses* de Ovídio

Luiz Pedro da Silva Barbosa (UFF)
lpsbarbosa@id.uff.br

RESUMO: Este trabalho é a continuidade da pesquisa acerca do Apolo nas *Metamorfoses* de Ovídio, que explora o seu papel como personificação de uma etiologia elegíaca, de modo que a divindade figura como amante elegíaco primordial, em um poema épico etiológico, isto é, que explica as causas do mundo (Barbosa, 2022; Vieira & Barbosa, 2023). Entre diversas interpretações do mesmo objeto de investigação, boa parte delas apresenta a leitura de que o texto constrói, em Apolo, um deus fracassado em suas relações, deposto de seu lugar de poder, cujas artes perderam sua eficácia, que é utilizado por Ovídio para atacar o imperador Augusto, uma vez que a *gens Iulia* era grande cultora desse deus (Armstrong, 2004; Fulkerson, 2006; Wilkens, 2014; Hejduk, 2015). O presente trabalho, assim como a pesquisa inicial, busca o distanciamento da visão política do Apolo das *Metamorfoses*, a partir do argumento de que não apenas outras figuras divinas passam por situações semelhantes, com temáticas em comum, como também há diversas passagens que as abordam de maneira positiva. Entre essas temáticas, destaca-se a submissão de um sujeito a um sentimento que é rejeitado pela pessoa desejada. Assim, o poema fornece diversos elementos que apontam na direção contrária a visões unidirecionais de suas personagens. Para mostrar essas outras situações, o trabalho direciona seu *corpus* de análise às passagens de Dafne, Io e Siringe, mulheres que foram alvo do desejo dos deuses Apolo, Júpiter e Pã, respectivamente, cujas narrativas são apresentadas, em sequência, no primeiro livro do poema. Nessas passagens, as figuras divinas seguem caminhos similares àquele que havia sido inaugurado por Apolo e que o torna um amante elegíaco.

Palavras-chave: *Metamorfoses*; elegia; épica; deuses.

Considerações sobre o leitor moderno frente às edições de Jerônimo de Estridão como mediadoras intertextuais: estudo de caso a partir do segundo prefácio dos *Comentários a Miqueias*

Marcello Peres Zanfra (UFF)
marcellozanfra@id.uff.br

RESUMO: Na leitura das obras do autor patristico Jerônimo de Estridão, um dos traços mais evidentes é a copiosa atividade alusiva, quer em relação ao Velho e ao Novo Testamentos, quer em relação aos escritores ditos “pagãos”, como Virgílio, Horácio e Terêncio. A proposta desta comunicação é discutir, justamente, como os textos jeronimianos (acompanhando reflexões de Gryson e de Moreschini) influenciaram historicamente no reconhecimento dos mecanismos alusivos, que podem mobilizar interpretações intertextuais. Parte-se, pois, da discussão sobre o contexto material de produção da obra de Jerônimo (Arns, 2018), passando ao debate dos manuscritos mais antigos, tratando das edições Migne, do século XIX (*PL*, XXV, 480), das edições críticas (Ed. Brepols) e das ferramentas de linguística de *corpus* digitais para demonstrar como recursos como sinais de pontuação e notas de rodapé desempenham um papel condutor no reconhecimento de mecanismos alusivos. Destarte, propomo-nos a discutir, em primeiro lugar, como essas estratégias de editoração e/ou pontuação encaminham uma homogeneização ausente na articulação verbal jeronimiana, uma vez que existe, nos textos, uma alternância entre haver ou não haver anúncio alusivo (verbos *dicendi* ou indicações específicas de fontes), por exemplo. Ademais, romper-se-ia, assim, com uma das perspectivas fundamentais da discussão sobre mecanismos alusivos: a possibilidade de que um determinado leitor não identifique uma referência, ausente de seu repertório, de maneira que se rompe, também, com um caráter essencial dos efeitos intertextuais: a *possibilidade* do enriquecimento de interpretações diversas, ora contemplando o jogo intertextual, ora não. Ao contrário, a identificação explícita sugere uma padronização de leitores e uma consequente, ainda que não obrigatoriamente, homogeneização de leituras, uma vez que reconhecer tais alusões passaria a ser incontornável. Como lembra Paulo Vasconcellos (1999), os fenômenos intertextuais ganham em riqueza quando leituras diversas são produzidas sem a necessidade de um “leitor ideal”, como outrora já se concebeu, capaz de compreender toda e qualquer alusão, como, eventualmente, edições de Jerônimo (respeitabilíssimas e necessárias) tendem a produzir a partir da categorização completa das alusões para fins acadêmicos e exegeticos. Para fins de ilustração, propomos um breve estudo de caso do prefácio de Jerônimo a seu segundo livro de comentários a Miqueias, no qual sua autodefesa frente a rivais se constrói pelo inter-relacionamento de alusões aos prólogos de Terêncio e a passagens bíblicas. Por fim, buscamos demonstrar, neste exemplar específico, o quanto a identificação explícita de mecanismos alusivos rompe com uma possível sobreposição de vozes estilisticamente elaborada por Jerônimo, cuja articulação entre suas próprias declarações, trechos do comediógrafo latino e passagens bíblicas se integram, produzindo um discurso no qual a autolegitimação não dependeria apenas da indicação de erudição, mas da incorporação, em uma única *persona*, de perspectivas aparentemente antagônicas, prática descrita outrora por Hagendahl (1958) como *consensus omnium*, mas que adquire nos casos de prefácios jeronimianos um nível mais profundo de legitimação. Discute-se, por fim, a possibilidade de se buscar uma edição intertextual da obra, na qual a intervenção perante os efeitos tentaria ser reduzida ao máximo.

Palavras-chave: Jerônimo; intertextualidade; edição; Terêncio; Miqueias.

Da épica náutica ao trote da mula: quatro traduções do *Catalepton X*

Márcio Thamos (Unesp-FCLAr)
marcio.thamos@unesp.br

RESUMO: Esta comunicação apresenta um trabalho de tradução do *Catalepton X*, poema tradicionalmente transmitido na *Appendix Vergiliana* e amplamente reconhecido como paródia do poema 4 (do Livro) de Catulo. Partindo do reconhecimento do caráter intertextual e satírico do texto – que reencena, em chave rebaixada, a autocelebração náutica do *phaselus* catuliano por meio da figura de um *mulio* (isto é, um condutor de mulas) –, o trabalho propõe um experimento tradutório em quatro versões complementares, concebidas como etapas e variações de leitura. A primeira, denominada “antetradição”, consiste numa tradução ultraliteral, organizada verso a verso e primariamente tendente ao decalque e à ordem sintática dos termos em latim. Seu objetivo não é produzir um texto poético autônomo em vernáculo, mas oferecer um instrumento de reconhecimento estrutural das unidades morfossintáticas do original, funcionando como etapa didática e analítica do processo tradutório. A segunda versão, “à letra”, mantém a correspondência verso a verso, mas busca já uma formulação expressiva razoavelmente estabilizada em português, preservando conscientemente traços latinizantes da sintaxe. Essa modalidade dialoga com as reflexões de Antoine Berman sobre a tradução como prova do estrangeiro, assumindo certas tensões estruturais do texto latino. A terceira versão transpõe o poema para dodecassílabos, procurando manter a paridade estrita entre os versos, mas flexibilizando a rigidez sintática anterior. Aqui, o foco desloca-se para a construção de um equivalente métrico que permita certa fluência poética sem romper com o paralelismo estrutural do original. Por fim, a quarta versão adota o decassílabo, admitindo maior distensão lexical e sintática, ao mesmo tempo que se esforça para preservar a correspondência verso a verso. Essa última modalidade investiga até que ponto é possível recuperar o dinamismo paródico do poema em um registro mais naturalizado, sem perturbar sua arquitetura formal. O conjunto das quatro versões configura um percurso crítico de tradução, no qual cada modalidade parece iluminar aspectos distintos do texto latino – sua sintaxe, sua métrica implícita, sua intertextualidade e sua tonalidade paródica. A comunicação defende que a multiplicidade tradutória, longe de representar hesitação metodológica, constitui um modo produtivo de leitura(s), permitindo que o poema seja explorado como campo de tensões entre literalidade e recriação poética.

Palavras-chave: *Appendix vergiliana*; *Catalepton X*; Catulo; *phaselus ille*; tradução.

***Eneida* de João Gualberto: a primeira tradução brasileira da épica virgiliana**

Márcio Thamos (Unesp-FCLAr)
marcio.thamos@unesp.br

RESUMO: Esta comunicação tem como proposta uma apresentação da tradução da *Eneida* de Virgílio “traduzida em verso português” por João Gualberto Ferreira Santos Reis, “Lente jubilado de Língua Latina, e natural da Bahia”. Trata-se da primeira tradução brasileira da célebre epopeia romana mas, devido à raridade da publicação original, é ainda praticamente desconhecida. A obra completa foi impressa na “[cidade da] Bahia” entre 1845 e 1846, tendo sido editada em três tomos (o tomo I, formado pelos Cantos I a IV, saiu no ano de 1845; o tomo II, incluindo os Cantos V a VIII, e o tomo III, constituído pelos Cantos IX a XII, vieram a lume em 1846). A tradução se apresenta acompanhada do texto em língua latina (a edição dispõe, nas páginas ímpares, os versos em português e, nas pares, os versos latinos). Os hexâmetros virgilianos são vertidos em decassílabos brancos. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 12 de julho de 1787, e faleceu em Salvador, no ano de 1861; foi poeta, tradutor, filólogo e professor de latim. São escassas as informações sobre sua vida. Dado o interesse literário, histórico e documental da obra, foi produzida e publicada, em 2021, uma edição não comercial apenas do Canto I, incluindo a tradução e o texto latino que a acompanha (em pdf de acesso livre, disponível para download a partir do link: <https://sites.google.com/view/2coqueiros/titulos/a-eneida-de-gualberto>), de acordo com a publicação de 1845, em que se procurou manter a grafia original, a acentuação e a pontuação, reproduzindo, tanto quanto possível, características tipográficas da obra. Na comunicação, pretende-se explicitar um pouco o processo de edição dessa amostra da obra de João Gualberto, além de apresentar trechos selecionados de sua tradução, prestando assim uma singela homenagem ao tradutor baiano da *Eneida*.

Palavras-chave: *Eneida*; tradução; João Gualberto Ferreira Santos Reis.

Quando os termos não têm refúgio: por uma tradição terminológica do grego clássico no Brasil

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (Unesp-FCLAr)
marco.aurelio@unesp.br

RESUMO: Conhecida por seu papel decisivo na mediação entre língua, cultura e conhecimento, a terminologia, no caso dos estudos clássicos, e campos como filosofia, historiografia, retórica e literatura antiga permite uma outra percepção, vieses e significados nos estudos da tradução da Antiguidade. Nesse sentido, se por um lado, no Brasil, os estudos clássicos constituem uma tradição sólida, sustentada por décadas de pesquisa filológica, produção acadêmica contínua e uma quantidade expressiva de traduções do grego para o português brasileiro, por outro, no entanto, apesar dessa vitalidade se manifestar também em uma obra recente, de grande importância, como o Dicionário Grego-Português (Malhadas *et al.*, 2006-2010), elaborado e produzido na Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara, a tradição brasileira não avançou igualmente no campo da terminografia especializada, entendida como o estudo sistemático de termos em seus contextos conceituais próprios. Nesse sentido, faltam repertórios terminográficos voltados ao grego clássico em português brasileiro, o que resulta em uma espécie de dispersão interpretativa, na ausência de uma padronização conceitual e, principalmente, na dependência contínua de obras e traduções estrangeiras, fatos estes que acabam por moldar a leitura e a tradução dos textos gregos no país, fortemente vinculado a tradições de estudos de língua inglesa e de língua francesa. Sendo assim, a presente comunicação parte da distinção entre a terminologia linguística e a terminologia conceitual, fundamentando-se na Teoria Geral da Terminologia (TGT), proposta por Wüster (1931), e na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), formulada por Cabré (1993), para argumentar que a tradição brasileira se concentrou na descrição linguística e gramatical, mas não floresceu na construção de sistemas conceituais próprios. Dessa forma, reflete-se sobre a necessidade de desenvolver uma tradição terminológica brasileira que ofereça refúgio conceitual aos termos gregos, fortalecendo a autonomia intelectual dos estudos clássicos no país e ampliando as possibilidades de tradução, ensino e interpretação crítica em língua portuguesa.

Palavras-chave: teoria geral da terminologia (TGT); teoria comunicativa da terminologia (TCT); estudos clássicos; grego clássico; terminografia especializada.

Olhares velados: a cegueira trágica (ἄτη) e a epifania do feminino entre *Hécuba* e a modernidade literária lispectoriana

Maria Eduarda Vergilio Giarrante (Unesp-FCLAr)

m.giarrante@unesp.br

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise comparativa do conceito de cegueira simbólica, associado ao termo grego ἄτη (átē), na tragédia grega do século V A.E.C. e na literatura moderna brasileira, partindo do pressuposto de que a ἄτη constitui categoria estrutural do imaginário trágico e desempenha função decisiva na construção da subjetividade feminina. Longe de se restringir a um erro individual, a ἄτη configura-se, na tradição trágica, como força de desorientação ética, infortúnio e ruptura da ordem, articulando dimensões pessoais, políticas e religiosas. Tomando como corpus a tragédia *Hécuba* (c. 424 A.E.C.), de Eurípidés, realiza-se um exame semântico e contextual da ocorrência do termo ἄτη, considerando sua articulação com categorias como τύχη, δίκη e νόμος, bem como sua aproximação a verbos, como γινώσκω. No caso específico de *Hécuba*, cuja ocorrência do termo é singular, observa-se o deslocamento de seu campo semântico da obcecação divina para a noção de desgraça consumada, inserida em um contexto de debate racional e problematização ética no interior da pólis, o que permite compreender a progressiva intelectualização do conceito e sua inserção em um horizonte de reflexão sobre justiça, fortuna e responsabilidade humana. Em diálogo com esse universo trágico, o estudo incorpora a análise do conto *Amor*, de Clarice Lispector, no qual a experiência epifânica da protagonista Ana reconfigura a cegueira como suspensão da ordem cotidiana e catalisador de transformação subjetiva. A partir da cena do encontro com o cego, investiga-se como o trágico é resignificado em chave moderna, deslocando-se do âmbito mítico-político para a esfera íntima e existencial, sem perder sua potência disruptiva. Ao articular análise filológico-semântica do conceito de ἄτη na tragédia clássica e leitura interpretativa da narrativa lispectoriana, o trabalho busca evidenciar continuidades, deslocamentos e reconfigurações do imaginário trágico feminino na cultura ocidental, demonstrando que a cegueira, enquanto categoria simbólica, permanece operante como forma de revelar tensões entre consciência e desorientação, ordem e ruptura, e evidenciando o papel central das personagens femininas na dramatização da condição humana.

Palavras-chave: ἄτη; tragédia grega; personagens femininas; modernidade.

***Akribeia* e permanência na historiografia tucidideana**

Maria Ester Cacchi (Unesp-FCLAr)
me.cacchi@unesp.br

Fernando Brandão dos Santos (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Este trabalho examina o conceito de *akribeia* (ἀκρίβεια) como eixo estruturante do projeto historiográfico de Tucídides, com foco nos Livros I a III da *Guerra do Peloponeso*. Parte-se da conhecida passagem de 1.22.4, na qual o autor define sua obra como κτῆμα ἐς αἰεί, um “bem para sempre”, em oposição à narrativa concebida como ἀγώνισμα, destinada ao deleite momentâneo. Tal formulação não constitui mera declaração programática, mas sintetiza um posicionamento intelectual que articula método de investigação, crítica das tradições anteriores e elaboração consciente da linguagem histórica. A análise da descrição da peste em Atenas e dos discursos políticos dos primeiros livros, especialmente o debate sobre Mitilene, permite observar que a *akribeia* não se restringe à exatidão factual. Ela envolve seleção criteriosa de testemunhos, organização rigorosa do material e escolha precisa dos termos, configurando uma escrita que combina observação empírica, racionalização dos acontecimentos e construção formal cuidadosamente controlada. Nesse contexto, o *logos* assume dupla função: expressa o raciocínio político dos agentes históricos e, ao mesmo tempo, estrutura simbolicamente a experiência da crise. Analisa-se, assim, que a *akribeia* constitui o núcleo de uma nova consciência historiográfica, ao legitimar o saber produzido e ao demarcar a posição do historiador frente ao poeta e ao orador. Ao inscrever os acontecimentos da guerra em um horizonte de permanência, Tucídides consolida uma forma de escrita que equilibra herança e inovação, estabelecendo parâmetros duradouros para a reflexão histórica.

Palavras-chave: Tucídides; *akribeia*; historiografia.

Formas de descrever o passado: análise do livro II de *A descrição da Grécia*, de Pausânias

Maria Leticia de Albuquerque Falcão Silva (Unesp-FCLAr)
FAPESP
leticia.falcao@unesp.br
Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: As narrativas, em geral, utilizam-se dos espaços geográficos como uma ferramenta de materialização das subjetividades humanas, e é por meio delas que se consagram ou se recriam as etiologias locais. Ou seja, além de tudo, o espaço serve como um agente cristalizador dos costumes e como uma ferramenta de perpetuação das representações humanas ao longo da história. Assim, se por um lado o mito é a representação simbólica, por outro o espaço geográfico é a realidade concreta e carrega as camadas históricas dessas representações sociais, nele são realizados ritos, construção monumentos e toda constituição da vida humana. Portanto, a amplitude de um estudo sobre o espaço de uma narrativa abarca não apenas a análise da fatia descritiva em si, mas, sobretudo, das técnicas empregadas tanto na construção da descrição, quanto na sua relação com os outros aspectos narrativos, para se compreender a função das descrições não em seu contexto isolado, mas interligado à toda a narrativa, o que implica tanto a natureza narrativa quanto simbólica da descrição. A obra *A Descrição da Grécia* (*Περιηγήσις Ἑλλάδος*) de Pausânias, do século II d.C., tem na descrição o seu elemento primordial, como próprio título indica, porém há que se levar em conta que a Grécia que Pausânias observa e descreve não é apenas a de seu tempo, mas uma Grécia histórica cuja passagem do tempo se preserva nos monumentos e construções criadas pelo homem em sua trajetória. Nesta apresentação, traçaremos a relação entre as técnicas de descrição empregadas por Pausânias no Livro II de sua obra, especialmente as descrições de objetos da cultura material (templos, monumentos, estátuas etc.) por meio de estudos da narratologia literária e do entendimento da descrição na retórica antiga, com especial atenção para o caráter narrativo da descrição.

Palavras-chave: descrição; estudos clássicos; narrativa; *ékphrasis*;

Obsequio plurima vincet amor: a representação do homoerotismo na elegia Tibuliana

Marllon César Isidorio Borges (UFOP-PIP)
marllon.borges@aluno.ufop.edu.br
Alexandre Agnolon (UFOP)

RESUMO: A presente comunicação propõe uma análise da representação homoerótica na elegia latina, centrando-se no chamado “Ciclo de Márato”, que compreende as elegias 4, 8 e 9 do primeiro livro do *Corpus Tibulianum*. Partindo da premissa de que a elegia romana subverte os valores tradicionais da *virtus* e do *mos maiorum* ao apresentar a *persona* elegíaca em posição de submissão amorosa (a *seruitium amoris*), investiga-se como Tibulo constrói a figura do *puer delicatus*. O trabalho analisa mecanismos de persuasão e a retórica do desejo empregado pelo poeta, explorando a ideia de *obsequium* (“obséquio”, “graça”, “favor”) concedido como estratégia para vencer as resistências do amado - que se constitui em estratégia tópica da poesia amorosa, como ocorre, por exemplo, em Teócrito (*Id.* 11) e Virgílio (*Ecl.* 2), não à toa Tibulo precisamente faz convergir seu cenário elegíaco com o *locus amoenus* da tradição do *épos* bucólico. A comunicação é um desdobramento de nossa pesquisa de Iniciação Científica que tem como objetivo investigar o homoerotismo em gêneros correlatos, como o *épos* de Virgílio e Ovídio. No recorte aqui proposto, objetiva-se focar na “materialidade” do afeto e na construção estética de Márato, contrastando a vulnerabilidade do amante elegíaco, na posição inclusive de *magister* ou *praeceptor amoris*, com as experiências da virilidade da sociedade romana. Metodologicamente, a análise apoia-se em traduções diretas e no referencial teórico de autores como Amy Richlin (1993) e Aloni (2010), que discutem as nuances do gênero e as figurações do amor na Antiguidade. Somam-se ainda as contribuições de Pierre Grimal (1991), acerca da sensibilidade e dos costumes no mundo romano, e de Paul Veyne (1985), cuja leitura sobre a elegia permite compreender as convenções e a ludicidade desse gênero. Conclui-se que a elegia de Tibulo, ao cantar o amor pueril, não apenas expande os limites do gênero, mas estabelece uma ética amorosa onde a persistência e a concessão de favores se tornam ferramentas capitais para a conquista do objeto amado.

Palavras-chave: Tibulo; ciclo de Márato; elegia; homoerotismo; *puer delicatus*.

**A recepção clássica e o modo fantástico em “A decadência de dois grandes homens”
(1873), de Machado de Assis**

Maylah Longo Gonçalves Menezes Esteves (Unesp-FCLAr-Egressa)
m.esteves@unesp.br

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise detalhada da recepção da Antiguidade Clássica no conto “A decadência de dois grandes homens”, publicado originalmente em 1873 por Machado de Assis. A pesquisa investiga como a literatura fantástica oitocentista brasileira traz figuras históricas e literárias romanas para debater questões fundamentais de identidade, autoridade e originalidade no contexto nacional. Ambientada na realidade urbana e lúgubre do Rio de Janeiro do século XIX, a narrativa apresenta o encontro entre o narrador, Miranda, e a suposta metempsicose de Marco Brutus e Júlio César. Brutus surge reencarnado no personagem Jaime, enquanto César habita o corpo de Júlio, um gato preto. A partir dessa premissa, o trabalho explora a interdisciplinaridade entre os estudos clássicos e a literatura comparada, utilizando a transmigração de almas como motor narrativo. A estrutura do conto apoia-se na hesitação característica do fantástico, estabelecendo um diálogo entre o terror e o gótico em temporalidades distintas. A obra cria uma tensão na qual o narrador oscila entre a crença no sobrenatural e a suspeita da loucura, conceito que remete à definição de Tzvetan Todorov, para quem o fantástico exige que o leitor ou personagem hesite “entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural para os acontecimentos evocados” (TODOROV, 2008, p. 31, trad. Maria Clara Castello). No conto, essa hesitação coloca em xeque a própria validade e integridade da herança clássica em solo brasileiro. Machado desloca o embate político de Roma para um ambiente doméstico opressor na Rua da Misericórdia. Este cenário é lido como um *locus horribilis*, aproximando a narrativa de uma atmosfera gótica marcada pelo grotesco e pelo macabro. Para fundamentar essa transposição, recorre-se a Fred Botting, que define: “As paisagens góticas são desoladas, alienantes e cheias de sombras; sua arquitetura é ultrapassada e labiríntica, um repositório de segredos sombrios e crimes passados” (BOTTING, 2024, p. 17, trad. Cesar Silva). No conto, a casa de Jaime torna-se esse repositório, onde a história romana não é apenas lembrada, mas assombrosamente revivida entre alfarrábios e sombras que evocam o passado. O clímax apresenta uma inversão irônica da história: Jaime (Brutus) sofre uma metamorfose em rato e é devorado por seu gato preto (César). O desfecho é selado pela citação “*Tu quoque, Brute*”, que aqui deixa de ser um lamento trágico para se tornar um selo de ambiguidade inerente à prosa machadiana. Conclui-se que a presença dos clássicos em Machado de Assis opera como um mecanismo estético em que a tradição é colocada “em movimento” para formular uma crítica social. Ao animalizar os heróis romanos e inseri-los em uma caçada doméstica, o autor questiona a noção de originalidade literária, sugerindo que a história se repete não como epopeia, mas como um pesadelo fantástico.

Palavras-chave: Machado de Assis; recepção clássica; literatura fantástica; metempsicose; gótico.

A astúcia feminina no romance grego antigo: uma análise da *métis* em *Leucipe e Clitofonte* de Aquiles Tácio

Melissa de Castro Vitorelli (Unesp-FCLAr)
melissa.vitorelli@unesp.br
Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise da *métis*, entendida como uma forma de inteligência astuciosa, flexível e estratégica, na construção da personagem Leucipe, heroína do romance *Leucipe e Clitofonte* (séc. II d.C.), de Aquiles Tácio. Inserido no corpus do romance grego antigo, o estudo investiga de que modo a astúcia feminina atua como princípio estruturador da intriga narrativa e como elemento decisivo da caracterização heroica da personagem. O romance grego antigo, embora centrado na temática amorosa e na fidelidade do casal protagonista, confere às suas heroínas papel mais complexo do que tradicionalmente se supõe. Expostas a raptos, ameaças, falsas mortes e situações-limite, essas figuras mobilizam recursos de engano, dissimulação e adaptação que as aproximam do campo da *métis*, tal como definido por Marcel Détiene e Jean-Pierre Vernant: uma inteligência prática voltada para o domínio do instável, do ambíguo e do imprevisível. A partir da análise de episódios centrais, com especial foco nas falsas mortes de Leucipe, argumenta-se que as heroínas não se limitam a encarnar o ideal de fidelidade passiva, mas desempenham papel ativo na progressão dessas narrativas, transformando sua vulnerabilidade em recurso estratégico. A falsa morte, nesse contexto, configura-se como dispositivo que explora a duplicidade, a aparência e o engano, revelando a dimensão ambivalente da inteligência feminina no romance. Ao concentrar-se nas escolhas e ações da heroína, a análise evidencia que a dinâmica do romance se organiza em torno de situações nas quais a aparência e a realidade se tensionam continuamente. Nos episódios em que Leucipe é dada como morta, sacrificada ou perdida, o enredo explora o jogo entre visível e oculto, verdade e encenação, colocando em primeiro plano a dimensão performativa da sobrevivência. A astúcia manifesta-se não apenas como traço psicológico da personagem, mas também como mecanismo narrativo que sustenta o suspense e redefine as posições de poder dentro da trama.

Palavras-chave: romance grego antigo; *métis*; Leucipe; narrativa.

Epigrafia grega digital: uma introdução

Paula Camargo Boschiero (Unesp-FCLAr-Egressa)
paulaboschiero.sol@gmail.com

RESUMO: A Epigrafia Grega tem passado por transformações significativas ao longo da história: desde o surgimento do interesse de historiadores, ainda na Antiguidade, em compilar inscrições gregas, até compreender uma conjuntura de análises a partir de visões críticas e, no século XIX, alcançar o *status* de ciência, cujas tarefas de investigação constituem um método epigráfico. Atualmente, a área encontra-se em nova fase de transição devido aos impactos da tecnologia digital, que auxilia e otimiza os processos de estudo, além de facilitar o acesso da comunidade científica internacional aos acervos. No entanto, observa-se no Brasil uma incipiência de materiais em língua portuguesa que sistematizam o trabalho epigráfico grego para estudantes e pesquisadores. Diante disso, este trabalho realizou um estudo de caráter bibliográfico-comparativo confrontando o método epigráfico tradicional – pautado nas fases de Autópsia, Laboratorial (ou De Gabinete) e Publicação – com o método digital, com o objetivo de compreender o panorama atual da Epigrafia e as mudanças metodológicas, oferecendo um guia introdutório sobre a Epigrafia Grega Digital. Para esse fim, a pesquisa estruturou-se em duas frentes: I) o método bibliográfico, que resultou em uma revisão da literatura especializada, um repertório introdutório de técnicas epigráficas e um guia de ferramentas em Epigrafia Digital baseado na aplicação de *softwares*, linguagens computacionais, como o *EpiDoc* TEI-XML, e materiais técnicos da área; e II) o método comparativo, por meio do qual foram analisadas as similitudes e divergências entre as técnicas estudadas. A investigação incluiu um estudo de caso da primeira inscrição da coleção *Inscriptiones Graecae* – a IG I31–, que serviu como modelo ilustrativo para a aplicação prática do método: partindo da publicação em suporte impresso convencional para exemplificar, em seguida, as etapas de sua estruturação, estudo e publicação em ambiente digital. Concluiu-se que, embora a estrutura lógica do método epigráfico se mantenha, a incorporação de tecnologias digitais alterou a prática do ofício: a vertente digital não substituiu o método tradicional, mas o reconfigura em quase sua totalidade e o expande, enquanto a coleta em campo preserva o seu caráter artesanal, as fases de análise e publicação tornaram-se ambientes de interconexão de dados, promovendo a transição do pesquisador isolado para redes colaborativas globais e democratizando o acesso ao patrimônio clássico.

Palavras-chave: epigrafia grega; método epigráfico; epigrafia digital; humanidades digitais; *EpiDoc* TEI-XML.

Invocação das musas: a épica miltoniana em relação à virgiliana e homérica segundo C. S. Lewis

Rafael Carrer (Unesp-FCLAr)
CAPES

rafael.carrer@unesp.br

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)

RESUMO: A poesia épica, desde suas origens nas tradições orais até sua consolidação em formas literárias mais complexas, constitui uma das manifestações mais duradouras e representativas da imaginação humana. Ao longo dos séculos, esse gênero não apenas preservou narrativas heroicas e mitológicas, mas também acompanhou as transformações culturais, religiosas e estéticas das sociedades que o produziram. Nesse contexto, o presente trabalho propõe uma análise da obra de John Milton em diálogo com as tradições clássicas estabelecidas por Homero e Virgílio, tomando como base a interpretação crítica de C. S. Lewis. Segundo Lewis, a épica pode ser compreendida a partir de duas vertentes principais: a primitiva e a elaborada. A primeira está associada a produções oriundas da tradição oral, como os poemas homéricos, caracterizados por uma linguagem mais direta e por uma forte ligação com a cultura popular e coletiva. Já a vertente elaborada corresponde a uma fase posterior, marcada pela escrita e por um maior grau de refinamento estético e técnico, como se observa nas obras de Virgílio e Milton. A análise busca evidenciar de que maneira a épica miltoniana se diferencia das expressões anteriores, destacando-se a incorporação de elementos cristãos, que a diferencia significativamente das matrizes pagãs clássicas. Nesse sentido, a invocação da musa em Milton assume um caráter particular, pois, em vez de recorrer às divindades da mitologia greco-romana, o poeta invoca uma inspiração de natureza divina e cristã. Tal aspecto revela não apenas uma adaptação formal, mas também uma profunda transformação no conteúdo espiritual do gênero épico.

Palavras-chave: John Milton; tradição clássica; épica.

Apontamentos para tradução e introdução do poema *Sobre a Esfera* de George Buchanan

Rafael Serpa Antunes dos Santos (UFF)
rserpa@id.uff.br
Beethoven Barreto Alvarez (UFF)
Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)

RESUMO: O escocês George Buchanan (1506-1582) produziu uma vasta obra em latim, cuja importância para a história da ciência ainda é pouco explorada. Seu poema, *De Sphaera* (*Sobre a Esfera*), cuja composição remonta aos anos de 1560 e deixado incompleto, compreende cinco cantos (2483 hexâmetros dactílicos) e se insere na discussão astronômica do período, se opondo ao modelo heliocêntrico proposto por Copérnico no seu *De Revolutionibus Orbium* (1543). Nesta pesquisa, que se constitui monografia de conclusão de curso em Letras, proponho a revisão bibliográfica para introdução, tradução e notas ao primeiro canto do poema. Como parece ser o caso de diversos intelectuais de seu tempo, em *Sobre a Esfera*, o autor constrói um poema didático fortemente influenciado pela tradição literária latina, com vocabulário e alusões diretas a poemas como *De Rerum Natura*, de Lucrécio, *Metamorphoses*, de Ovídio e *Astronomica*, de Manílio (McOmish, 2020). Ao compor seu poema, Buchanan insere-se na história do pensamento científico em um período em que a poesia ainda representava uma possibilidade não só de exposição científica, mas também de autoridade conferida a partir da *imitatio* dos clássicos (Cf. Naiden, 1952). Para a tradução tomar-se-á como base o texto da edição de Ruddiman (1725), a mais recente edição crítica da obra completa de Buchanan estabelecida. Dada a ausência de traduções do poema para a língua portuguesa, a comunicação propõe fazer apontamentos de questões do processo tradutório, a partir da comparação com soluções encontradas pelos tradutores em língua inglesa, bem como da construção da introdução ao texto a partir das propostas teóricas feitas por McOmish (2008; 2020), que revisitam a história das ideias científicas no tempo da composição de *Sobre a Esfera* e a produção humanista neolatina na Escócia, bem como o processo histórico descrito por Grafton (1996) da relação entre a autoridade literária fomentada pelos autores do Renascimento Europeu e a ciência moderna. A apresentação se dará em três partes: na primeira apresentaremos um panorama das influências literárias de Buchanan quando da composição de *Sobre a Esfera*; na segunda discutiremos a inserção do poema na história das ideias para em um terceiro momento comentaremos o canto 1 do poema em si, bem como apresentaremos a tradução. Ao final da comunicação, buscarei traçar um breve panorama das fontes e referências mobilizadas pelo autor para a construção poética de *Sobre a Esfera*, bem como ter tratado do contexto de composição do poema em meio à polêmica dos sistemas astronômicos vigente no século XVI. Além disso, esperarei ter apresentado alguns dos principais recursos poético-literários do Canto I e algumas propostas de tradução.

Palavras-chave: neolatim humanista; astronomia; tradução; recepção dos clássicos.

**Uma ameaça velada: figurativização e argumentação na carta XVI, “Páris a Helena”,
das *Heroides*, de Ovídio**

Raquel da Fonseca David (Unesp-FCLAr)
raquel.fonseca@unesp.br
Giovanna Longo (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho visa desenvolver uma análise, por meio da semiótica discursiva, da epístola XVI, “Páris a Helena”, da obra *Heroides*, de Ovídio (43 a. C. – 18 d. C.). Esta obra poética reúne vinte e uma cartas de amor, escritas em dísticos elegíacos, cuja voz é concedida à diversas personagens, majoritariamente femininas, da cultura grega e romana. Nelas as personagens revelam aos seus destinatários, seus amados, suas próprias perspectivas sobre episódios mitológicos conhecidos. No caso da carta XVI, o narrador personagem que a escreve é uma voz masculina, Páris. Na ocasião de escrita, o príncipe troiano encontrava-se hospedado no palácio de Helena, em Esparta, e aproveitando a ausência de Menelau, seu esposo, que estava em viagem, escreve uma carta para a rainha declarando-se apaixonado e propondo que ela fugisse com ele para Tróia. Pretende-se demonstrar como Páris se utiliza de mecanismos discursivos na construção de uma ameaça que permeia seu discurso amoroso. Essa ameaça se revela com a análise da figurativização que compõe a persuasão desenvolvida na carta, podendo ser elencados três aspectos que se manifestam, concretamente, na argumentação: o aspecto divino, sustentado pela presença da deusa Vênus na história, a qual ele vincula a origem de seu amor, a sua própria dignidade, pois se reconhece como homem excepcional e merecedor de tal amor, e a impossibilidade de recusa por parte de Helena, diante do desejo de uma deusa e de um homem tão valoroso. Pretende-se demonstrar esse processo por meio de uma análise dos procedimentos discursivos usados na produção de efeitos de sentido.

Palavras-chave: semiótica discursiva; Ovídio; *Heroides*; persuasão.

As vozes da Medeia latina no palco paulista

Renata Cazarini (UFF)
recazarini@id.uff.br

RESUMO: O consagrado diretor Gabriel Villela, que já havia encenado a tragédia *Hécuba*, de Eurípides, em 2011, optou desta vez pela peça *Medeia*, de Sêneca, montada no palco do Teatro Anchieta, em São Paulo, entre 29 de janeiro e 8 de março deste ano. O ineditismo da montagem integral do drama latino em terras brasileiras, associado ao perfil de autor estoico de Sêneca, foi valorizado na promoção da temporada, mas o aparato de divulgação fotográfica, explorando as texturas dos figurinos e o visagismo, bem como a cenografia e as máscaras trágicas, certamente foi usado como dispositivo mais eloquente de sedução do público: os ingressos logo se esgotaram. Para quem pesquisa o teatro latino da Antiguidade e raramente tem a oportunidade de ver tais textos no palco, essa foi uma ocasião preciosa. Antes de tudo, comprovou-se a encenabilidade da dramaturgia de Sêneca, tema dos mais polêmicos na esfera acadêmica. Como não há registros de que as únicas peças trágicas em latim que nos chegaram íntegras da Antiguidade tenham sido encenadas à época de sua autoria (séc. I EC), a avaliação de que fossem poemas para leitura pública e/ou privada (*recitatio*) teve grande fôlego, contudo, não sem a contraposição de especialistas que as traduziram para a cena, como Fred Ahl e Florence Dupont. As diretrizes cênicas de Villela também confirmaram que as intervenções do Coro, personagem coletivo do teatro antigo, funcionam efetivamente como comentário às ações dos personagens, mais uma vez desautorizando argumentos contrários à dramaturgia de Sêneca. A aposta principal da montagem paulista foi apresentar três atrizes como “Medea”, grafia escolhida pela produção do espetáculo: “a coesão expressa no *Medea nunc sum* não é obtida sem um feroz embate interno da protagonista, daí a beleza do texto. E tamanha é a força deste redemoinho interno que são três as atrizes que emprestam suas vozes para Medea: Rosana Stavis, Mariana Muniz e, em participação especialíssima, Walderez de Barros” (diretor e diretor adjunto no Programa impresso). O efeito estético e teatral dessa multiplicação de vozes, bem como a presença contínua no palco da Ama, personagem sem nome identificada apenas pela sua função, que se configura como “a” testemunha ocular da trama, são aspectos da montagem brasileira abordados nesta comunicação sobre a recepção contemporânea da tragédia antiga.

Palavras-chave: Sêneca; tragédia latina; *Medeia*; Gabriel Villela; estudos de recepção.

O latim na sala de aula da Escola Pública

Ronie Péterson Leite da Silva (SEED-PR/UEL-Egresso)
ronie.peterson.filologo@uel.br / ronie.silva@escola.pr.gov.br

RESUMO: A proposta desta comunicação oral está alocada na área temática intitulada “Clássicas em Sala de Aula: Ensino e Extensão” posto que versa sobre o ensino do vernáculo, a nossa última flor do Lácio, Língua Portuguesa a partir da compreensão das noções introdutórias básicas e fundamentais da Língua Latina no período Clássico. Para alunos do Ensino Fundamental matutino e vespertino (9.os anos A e B) e Ensino Médio Noturno (1os anos A e B) foi planejado e vem sendo executado, e sofrendo ajustes, o projeto *Latim na Escola Pública: um retorno*. Este visa municiar os estudantes do Colégio Estadual Mustafá Salomão, situado no município de Matinhos-PR, com as ferramentas oriundas da compreensão da morfologia e sintaxe básicas do Latim Clássico (nomes, verbos, advérbios e preposições; sistema flexional), bem como de conceitos como etimologia, sincronia e diacronia a fim de proporcionar a melhoria da assunção e entendimento lógico, semântico, funcional e pragmático da morfologia e sintaxe da Língua Portuguesa e de seus fenômenos de flexão de gênero, de número, concordância verbo-nominal, bem como da função sintagmática dos elementos que compõem o período oracional. Tal projeto justifica-se pela necessidade de inovar em sala de aula para que os alunos, mais motivados, possam protagonizar o aprendizado e manuseio do vernáculo, bem como exercer conscientemente a autonomia do falante em relação ao uso do idioma nos mais variados contextos sociais que vivencia diariamente: entre outros, escola, comércio, igreja, mundo do trabalho. Deste modo, o fim último deste projeto é existir como possibilidade alternativa às inúmeras metodologias de ensino de língua portuguesa que, mesmo com seus méritos, por vezes resvalam na mesmice e no automatismo. Para tanto, a metodologia indutiva presente na série de livros *Lingua Latina: per se Illustrata* (LLPSI) de Hans Henning Ørberg é utilizada ao trabalhar seus textos iniciais (*Capitulum* 10). Cada aula apresenta seu conteúdo curricular conforme a grade estabelecida pela SEED-PR e a mediação é realizada pelo professor de modo a propor meios para a percepção dos fenômenos linguísticos como algo comum a várias línguas de modo a desmistificar a noção de que a Língua Portuguesa é muito difícil ou complicada. As atividades têm sido desenvolvidas geralmente em pequenos grupos aplicando a rotação por estações, metodologia ativa de sala de aula que promove engajamento, colaboração e autonomia. A análise preliminar deste projeto é de relativo sucesso, uma vez que os alunos não se indispõem em realizar as atividades e vêm obtendo maior rendimento nas atividades avaliativas.

Palavras-chave: latim; língua portuguesa; sala de aula; escola pública; método indutivo.

O conceito da *phantasia* e seus usos no período Imperial Romano

Samira Costa Jorge (Unesp-FCLAr)
s.jorge@unesp.br

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (Unesp-FCLAr)

RESUMO: A presente comunicação apresenta os resultados parciais de um projeto que tem por objeto estudar e refletir sobre um momento da história da cultura europeia que foi marcado pelo desenvolvimento de um novo gênero, o romance. Qual a reflexão filosófica e estética que embasa o surgimento desse novo gênero que, após mudanças nos modos de vida e descentramentos espaço-temporais, conhecemos hoje por ficção? Eis a pergunta da pesquisa que se pretende explorar, no âmbito do início do Principado da Antiga Roma (entre o século I e II d.C.), época de mudanças fundamentais na Europa, como a “co-incidência” da antiga ordem greco-romana (*eucumene [oikouménē]-imperium*) e o nascente cristianismo. A partir da leitura e comentário das reflexões do filósofo estoico Epicteto (50-138 d. C.), tais como compiladas nos diálogos *Dissertationes* atribuídos a Arriano (início do século II d. C.), este projeto explorará o contexto cultural de constituição do conceito de φαντασία ou *phantasia* – sendo esta última a transliteração romana da palavra grega, pois é neste idioma que se expressa o *corpus* de Epicteto –, no sentido de “aparição de coisas extraordinárias ou que evocam ilusão”, “faculdade de imaginar”, “fantasia”. A partir do discernimento proposto por Epicteto, pode-se contextualizar o exercício da literatura fantástica e mítica na sociedade de sua época e investigar o impacto da fantasia na formação ética e moral dos leitores e leitoras, traçando, mais ou menos idealmente, possíveis paralelos com os desenvolvimentos da ficção no passado que ainda ecoam no presente. Através do estudo de fontes primárias sobre fantasia, especialmente de Epicteto, e de textos teóricos sobre o tema, busca-se produzir reflexões sobre possíveis reflexos do pensamento estoico de Epicteto na literatura imperial greco-romana, especialmente em autores como os dois “Sênecas” (o pai e o filósofo), Petrônio, Lucano e Apuleio, atentando-se sempre para traduções e transformações desses modos de pensar no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: fantasia/ficção; Epicteto; literatura greco-romana imperial; narrativas ficcionais.

Evemerismo e *fake news* etimológicas na *Edda em Prosa*

Samuel Renato Siqueira Sant'Ana (Unesp-FCLAr)
CAPES
samuel.santana@unesp.br
Aparecido Donizete Rossi (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O estudo busca apresentar uma breve análise dos elementos evemeristas e as análises pseudoetimológicas que o historiador e político islandês medieval Snorri Sturluson (1179-1241) dispõe no prólogo de seu texto conhecido como *Snorra Edda* (c. 1220), e nas seções “*Gylfaginning*” e “*Skáldskaparmál*”, defendendo também a tese de que a primeira emula a estrutura dos diálogos platônicos, enquanto a segunda emula a dos tratados aristotélicos. Para tal, contextualizar-se-á a produção islandesa medieval em nórdico antigo, para, em seguida, se analisar como, no período medieval, diversos estudiosos trataram de textos mitológicos sob a ótica da hermenêutica do estudioso grego Evêmero (séc. IV a.C.). Se trará, então, a conexão que Sturluson realiza entre a mitologia nórdica e a clássica, trazendo, como exemplo, o surgimento dos *Æsir*, a principal família do panteão nórdico, a partir de mitos que concernem o ciclo troiano, demonstrando como o objetivo do autor se pautava na criação de uma distinção entre as figuras mitológicas com versões pseudo-históricas. Para ilustrar os conceitos de maneira mais prática, abordaremos a questão das etimologias ficcionais que o autor estabelece para os nomes próprios de deuses como Loki, Thor, Ali e Magni, que o autor aponta como originados dos nomes Ulisses, Heitor, Heleno e Enéias, respectivamente. Por fim, conclui-se que Sturluson se valeu de uma tradição comum do medievo para justificar os estudos de culturas antigas de uma maneira que o elemento da crença não entrasse em conflito com o cristianismo vigente da época. Guiam os nossos estudos trechos selecionados de Sturluson, com as contribuições de Faulkes (1995) e Hobson (2017).

Palavras-chave: *Edda em prosa*; evemerismo; nórdico antigo; medievalismo; mitologia.

Liderança e heroísmo na *aristeia* de Agamêmnon na *Iliada*

Sarah Ramos Rezende (Unesp-FCLAr)

CAPES

sarah.ramos-rezende@unesp.br

Emerson Cerdas (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Agamêmnon, rei de Micenas, é uma das personagens mais importantes da *Iliada*, responsável, juntamente com Aquiles, pela propulsão da narrativa do poema épico a partir do canto I. No canto XI, Agamêmnon ganha protagonismo ao iniciar o terceiro dia de batalha narrado na epopeia: sua armadura é descrita em detalhes, o herói vai para a guerra e se sobressai perante aos demais ao realizar grandes feitos; no entanto, é ferido e precisa se retirar da contenda. Essa é a estrutura típica das cenas de *aristeia* na *Iliada*, em que um herói destaca-se demonstrando bravura e honra ao realizar suas proezas bélicas que o renderão futura glória. De acordo com Krischer (1970), a cena de Agamêmnon segue todos os elementos típicos da *aristeia* até a cena do ferimento, em que é interrompida, mas apresenta mecanismos poéticos, por exemplo o uso dos símiles, que são característicos a todas as outras *aristeiai* do poema, como as de Diomedes, Pátroclo, Heitor e Aquiles. Esta apresentação busca, então, analisar especificamente as estruturas narrativas da *aristeia* de Agamêmnon, narrada dos versos 15 a 283, observando como os valores do código heroico homérico aparecem nesta cena. Para isso, usaremos as convenções de Krischer sobre a estrutura das *aristeiai*, o trabalho de Fenik (1968) sobre cenas típicas de batalha e de Adkins (1960) a respeito do papel do líder heroico na sociedade iliádica. Propomos também traduções dos trechos citados com base nos fundamentos de Berman (2007), a fim de melhor compreender as nuances do texto original e suas composições linguísticas, sendo esse passo essencial para a análise. Por meio disso, pretende-se ressaltar duas características diferenciadoras da *aristeia* de Agamêmnon: sua relação com a *aristeia* de Aquiles e a importância do papel do líder no contexto sociocultural do poema. Ao comparar a *aristeia* de Agamêmnon com a de Aquiles, notamos semelhanças, como a crueldade que é característica apenas nas cenas dos dois, mas também diferenças que exaltam Aquiles como o único herói capaz de derrotar os troianos. Além disso, percebemos que essa *aristeia* é necessária na *Iliada* para que Agamêmnon prove não só seu papel de líder dentro da sociedade, como também de guerreiro, funcionando como um contraponto às alegações de Aquiles contra o rei de Micenas no canto I.

Palavras-chave: *aristeia*; Agamêmnon; *Iliada*.

Ecoss da Tradição clássica em Baudelaire e as vozes do exílio: Andrômaca, os homens de Ovídio e o Cisne

Thais de Carvalho Eduardo (Unesp-FCLAr)
CAPES

thais.carvalho@unesp.br

Andressa Cristina de Oliveira (Unesp-FCLAr)

RESUMO: Neste trabalho, analisaremos os elementos da tradição clássica presentes e relacionados à alegoria do exílio em *Le Cygne*, poema publicado na segunda edição de *Les Fleurs du mal* de Baudelaire, à luz da interpretação de Benjamin (1984, 2009, 2019) e Hansen (2006) e de Chevalier (1994). *Le Cygne* é o segundo poema de uma série dedicada ao poeta bisontino Victor Hugo, exilado em 1851 por oposição ao golpe de estado empreendido por Napoleão III. Essa manobra política autoritária resultou no governo do II Império e nas reformas higienistas na cidade de Paris empreendidas pelo gestor municipal Haussmann, entre 1853 e 1870. Se a modernidade baudelaireana, a teoria estética e histórica do Belo, caracteriza a arte sob a égide de duas metades, a primeira: o transitório, o contingente, o atual; e, a segunda, o eterno e o imutável, a Tradição; a dialética entre essas duas instâncias apresenta-se de diversas formas, sobretudo, em alegorias do poeta moderno: o albatroz exilado. Em *Le Cygne*, as somas de metáforas alegóricas ao exílio de tradição clássica são convocadas ao ritmo dos passos do poeta-*flâneur*, para representar a solidão do homem moderno na cidade moderna, entre elas destacam-se, neste recorte: I) o cisne, ave imaculada por sua brancura, e, ao mesmo tempo, figura metamorfa utilizada por Zeus para aproximar-se de Leda; II) Andrômaca, viúva de Heitor e levada por Pirro como espólio da Guerra de Tróia, tem sua imagem refletida nas águas do rio troiano III) Simóeis, onde outrora chorou suas dores de viúva cativa. Nesse cenário, a agonia, para voz lírica do poema, equivale a um “*mythe étrange et fatal*” que o confere IV) “*comme l’homme d’Ovide*”. O operador lógico “*comme*” da figura retórica comparativa divide o sentido próprio do figurado (Hansen, 2006). Observa-se, no mesmo patamar, o cisne (sentido próprio) e a espécie humana, no fragmento “homens de Ovídio” (sentido figurado). O fragmento consiste em uma referência à origem da humanidade no Livro I das *Metamorfoses* de Ovídio, em que os homens são descritos como “entes dotados de mais inteligência”, diferenciando-se dos demais animais, pois o homem é o único ser, entre eles, capaz de elevar seus olhos, compreendendo assim, a infinitude universal. O cisne baudelaireano emerge de um cenário diverso, pois está circunscrito na atmosfera parisiense nostálgica. Apresenta uma postura humana que, todavia, não sobrepesa altivez, mas impotência, erguendo-se aos céus em posição de desespero, consciente de seus grilhões da modernidade, e não em plenitude como são descritos os homens na origem do mundo. Se o símbolo é uma unidade de significado universal e imediato, a alegoria, contrariamente, é uma abstração em que seu significado parte do sentido particular para o universal, por meio de um processo de “substituição” (Benjamin, 1984; Hansen, 2006). A imponência e a nobreza atreladas à simbologia do cisne é relegada diametralmente à representação da impotência humana, isto é, o animal personificado e vexado, a alegoria do homem moderno na metrópole parisiense, ecoando, portanto, o elemento clássico, para subvertê-lo à condição melancólica de seu tempo.

Palavras-chave: Baudelaire; tradição clássica; alegoria; Hansen; Benjamin.

De Lingua Latina, de Varro

Virna Pedrosa Sobral (Centro de Estudos Clássicos
de Brasília/UnB-Egressa)
virnasobralxxi@gmail.com

RESUMO: *De Lingua Latina*, de Marcus Terentius Varro (116 a.C. – 27 a.C.), é uma obra do período clássico, também chamado de Era de Ouro, que cobre aproximadamente o período do início do século I a. C. até a metade do século I d. C. Era composta originalmente por 25 livros, mas apenas seis capítulos (ou livros), do quinto ao décimo, além de alguns fragmentos, sobreviveram à passagem do tempo. O *Caput V* trata da etimologia de nomes de lugares de Roma e de objetos; o *Caput VI* fala da origem de meses, dias, festivais e dos verbos de ação e de fala; o *Caput VII* busca as raízes históricas de termos arcaicos em obras poéticas; o *Caput VIII* discute a estrutura da língua e os argumentos dos que dizem que a linguagem é irregular, e não fixa; o *Caput IX* apresenta a posição dos que defendem que a língua é lógica e flexionada de modo regular; o *Caput X* traz o autor, Varro, desejando conciliar as duas teorias anteriores, estabelecendo as regras da declinação e da conjugação, e diferenciando derivação e flexão gramatical. Uma proposta de tradução do latim ao português desta obra, que se encontra em andamento, é uma contribuição para o Brasil, pois não só fomenta os estudos clássicos brasileiros, mas também coloca nosso país quanto a traduções diretas no mesmo patamar de países como Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Itália e Espanha, que já têm sua própria tradução direta desse livro. Essa é uma obra importante para o entendimento da língua latina, pois analisa seu uso linguístico e mostra a linguagem em seu contexto histórico e intelectual. É, também, uma obra importante para as origens da língua portuguesa, já que sua tradução permite a pesquisadores e linguistas brasileiros contrastar a etimologia e morfologia da época clássica (considerada o período de auge da literatura latina) com nossos métodos modernos, mostrando como nossa linguagem é regular. Além disso, fornece uma visão rica sobre os estudos romanos do século I a.C., permitindo compreender a língua e a cultura antiga de Roma. Atualmente, a proposta de tradução encontra-se no *Caput V*.

Palavras-chave: Varro; *De Lingua Latina*; Roma; língua; raiz.

Genus, species et forma: o idioma de uma geração e a identidade estilística do orador em Cícero

Wanessa Almeida Ramos (Unicamp)
CNPq
w245469@dac.unicamp.br
Marcos Aurelio Pereira (Unicamp)

RESUMO: Não raro nos ocorre que a glória dos discursos antigos ainda reverbera na potência de suas palavras e na autoridade de seus oradores. Não é possível lê-los sem perceber que cada voz possui um timbre próprio: alguns discursos se erguem pela severidade austera, outros pela brandura; alguns persuadem pela razão, outros inflamam pelo vigor moral. Basta lembrar o contraste entre César (100-44 a.C.) e Catão (95-46 a.C.) na *Bellum Catilinae* (44 a.C.) de Salústio (86-34 a.C.): dois discursos igualmente grandiosos, porém díspares na intenção e no direcionamento: um sustentando a clemência, outro empunhando a rigidez. Essa tensão nos conduz à seguinte pergunta: como explicar que oradores contemporâneos partilhem um idioma comum e, ainda assim, afirmem formas singulares? É nesse ponto que se situa nossa investigação. No *De oratore* (55 a.C.), Cícero (106-43 a.C.) articula uma concepção de *imitatio* estruturada em dois eixos complementares. De um lado, sustenta que cada geração forma, por meio da imitação, um *genus dicendi* compartilhado, um verdadeiro idioma da época. De outro, reconhece que, dentro desse horizonte comum, emergem os *genera dicendi* pessoais, responsáveis pela identidade estilística do orador, mesmo quando formados sob o mesmo mestre e nas mesmas circunstâncias. Neste trabalho, examinaremos essa tensão entre idioma histórico e forma individual à luz da reflexão ciceroniana no *De oratore*. Nosso arcabouço teórico fundamenta-se principalmente nas leituras de Fantham (1978), McKeon (1936) e Kennedy (2002).

Palavras-chave: *genus dicendi; De oratore; imitatio.*

A Eneida e Os Timbiras: o canto da América Infeliz

Weberson Fernandes Grizoste (UEA/UFAM)
wgrizoste@uea.edu.br

RESUMO: Esta comunicação versa sobre *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, à luz da tradição antiépica da *Eneida*, segundo a qual, o poema indianista estrutura-se em um modelo profundamente virgiliano. Assim como Roma nasce do sangue troiano e itálico, também o Brasil emerge de uma fundação violenta, marcada por sacrifício, culpa e ambiguidade histórica. O sangue, com 39 ocorrências no poema, não simboliza prioritariamente a morte, mas a vida que se esvai – concepção coerente com a tradição antiga, na qual *sanguis* representa força vital e linhagem. Embora Gonçalves Dias declare inspiração na *Iliada*, seu projeto aproxima-se mais da lógica da fundação sacrificial da *Eneida*: uma sociedade destruída para que outra surja. A América Infeliz repete estruturalmente a queda de Tróia. A hospitalidade indígena aos estrangeiros – como a acolhida de Orapacén e, depois, dos europeus – ecoa o erro troiano diante do cavalo grego. A ruína não advém apenas da violência externa, mas também da confiança imprudente. O modelo virgiliano manifesta-se ainda na natureza solidária ao destino humano: árvores rubras, folhas que caem ou rebentam, símiles florais que antecipam morte e renovação. O excerto analisado articula-se entre dois polos: a utopia da América Feliz e sua queda. A sociedade indígena é idealizada sob a filosofia do “Bom Selvagem”, cujas raízes remontam tanto à épica homérica quanto à *Utopia*, de Thomas More. Entretanto, tal utopia é paradoxal: harmoniosa, mas governada por heróis implacáveis; pacífica, mas preparada para a guerra. Como na tradição clássica, trata-se de um “não-lugar” – de espaços sem localização histórica precisa –, reforçando a dimensão mítica. No “Canto da América Infeliz”, o poeta abandona o indianismo heroico e assume a voz profética. Denuncia a escravidão, a destruição ambiental e a formação de um Império erguido sobre “ossos frios”, “cinzas profanadas” aos pés de escravos. A fusão racial – indígena, europeia e africana – não aparece como síntese reconciliadora, mas como herança mal resolvida. Assim como teleologia romana, que culmina numa ambígua promessa de grandeza, Gonçalves Dias não vislumbra redenção clara: a fundação brasileira permanece fratura aberta. O silêncio divino reforça essa tensão. Se na *Eneida* o desígnio de Júpiter é insondável, mas eficaz, em *Os Timbiras* Tupã não decide os casos humanos. Assim, a responsabilidade histórica recai sobre os homens. O poema encerra-se sem consolação, num ambiente de incerteza e escuridão, ecoando o final abrupto da *Eneida*.

Palavras-chave: Os Timbiras; *Eneida*; utopia; América infeliz; fundação nacional.

Afrodite entre o mito e a tragédia: poder, desejo e punição na obra de Eurípides

Yasmim Magri (Unesp-FCLAr)

yasmim.magri@unesp.br

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (Unesp-FCLAr)

RESUMO: O presente trabalho analisa a reconfiguração da figura de Afrodite na tragédia *Hipólito* (428 a.C.), de Eurípides, investigando como a dramaturgia trágica subverte a representação tradicional da divindade associada à fertilidade, ao amor e ao erotismo. Nas tradições míticas arcaicas, a deusa vincula-se à potência vital do desejo e à coesão social promovida pelo *ἔρως* (*éros*); contudo, na peça euripídiana, Afrodite assume o papel de agente de punição, instaurando o processo que conduz à ruína do protagonista. Em *Hipólito*, o *ἔρως* deixa de operar como princípio harmonizador e passa a se configurar como potência trágica: não escolha subjetiva, mas imposição divina que evidencia os limites da autonomia humana. Partindo da concepção da tragédia como espaço de problematização do pensamento mítico (Vernant, 1984), o estudo demonstra que Eurípides não apenas mobiliza o mito, mas o reinscreve criticamente, expondo tensões entre liberdade humana e autoridade divina. A recusa de Hipólito em cultuar Afrodite, motivada por sua devoção exclusiva a Ártemis e pela rejeição da sexualidade, revela que a intervenção da deusa se articula às estruturas culturais que organizam o feminino no imaginário ateniense. Conforme Nicole Loraux (1990), o feminino trágico constitui uma construção simbólica capaz de evidenciar conflitos entre ordem racional e forças exteriores. Afrodite passa, assim, a encarnar uma alteridade cuja exclusão gera desestabilização e violência. Nessa perspectiva, a punição de Hipólito não decorre apenas da arbitrariedade divina, mas da tentativa de negar uma dimensão constitutiva da experiência humana: o desejo. Eurípides transforma Afrodite em princípio trágico que revela a impossibilidade de excluir o *ἔρως* da condição humana, evidenciando o caráter dramático do mito como forma de pensamento social e a ambivalência do feminino divino na experiência trágica grega.

Palavras-chave: Afrodite; Eurípides; tragédia grega; feminino divino.

OBSERVATÓRIOS

RESUMOS



Por que (ainda) ler os Clássicos? Uma experiência com os estudos clássicos na URCA

Adílio Junior de Souza (URCA)
adilio.souza@urca.br

Cicera Viviany Samara da Silva Monteiro; Maria das Graças Inácio dos Santos; Tiago Nascimento Silva

RESUMO: Desde a criação do *Grupo de Estudos de Literatura Clássica* (GELIC) no campus Cariri da Universidade Regional do Cariri (URCA) em 2024, já empreendemos o debate acerca das principais tragédias gregas (Ésquilo, Sófocles e Eurípides), acrescidas das comédias gregas e latinas (Aristófanes, Plauto e Terêncio), bem como de poemas épicos e líricos greco-romanos (Homero, Hesíodo, Safo, Virgílio, Ovídio e Catulo) e, além disso, fortalecemos nossas discussões sob o amparo teórico de Aristóteles e Horácio, entre outros. O objetivo central do grupo é propiciar e fortalecer o debate sobre a Antiguidade Clássica, mais especificamente o estudo de obras antigas gregas e latinas, refletindo sobre sua estética e recepção na modernidade. O GELIC é uma célula de um grupo maior, o *Grupo de Estudos de Língua Latina de Manaus* (GELLAMA), registrado no CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/324347>), que conta com a liderança da profa. Dra. Soraya Chain (PPGL/UFAM) e vice-liderança do prof. Dr. Adílio Souza (PPGL/URCA). O primeiro encontro do GELIC ocorreu em 19 de junho de 2024 e, desde então, os participantes já leram e discutiram mais de 60 obras entre epopeias, poemas, fragmentos, tragédias, comédias, tratados, cartas, romances, etc. Os encontros ocorrem a cada quinze dias, sempre com a leitura previamente definida, juntamente com textos de apoio. O grupo conta com o prof. Dr. Tiago Silva como colaborador do Projeto de Extensão “Introdução aos Estudos Clássicos”, contemplado com bolsa de estudos em 2025 pela Pró-Reitoria de Extensão da URCA. Nesse sentido, o GELIC abriga tanto os estudos de obras greco-latinas que já desenvolvia como também serve de ancoragem para o projeto de extensão desenvolvido no âmbito do curso de Letras da URCA. Várias produções acadêmicas foram originadas a partir dos membros do GELLAMA/GELIC, entre elas, publicações específicas, tais como *O ensino de latim em diferentes abordagens teórico-práticas* (Souza; Chain, 2024), *Estudos clássicos e filológicos: manuscritos latinos* (Souza, 2024) e *Os Estudos Clássicos no Brasil no século XXI: pesquisas acadêmicas* (Souza; Silva, 2026), *A importância do Latim na atualidade: um estudo das percepções dos estudantes de Letras da Urca* (Monteiro; Souza, 2024) e *Um relato de experiência sobre o ensino de literatura clássica através do projeto de extensão “Introdução aos estudos clássicos” no Campus Cariri da Urca/Missão Velha-CE* (Santos; Souza, 2025), entre outros. Nossa pretensão, neste ano de 2026, é darmos continuidade aos estudos de obras antigas, dessa vez, de base filosófica, com destaque para os seguintes autores: Epicteto, Sêneca, Marco Aurélio, mas também de Platão, Cícero, Claudiano, Aristóteles, Agostinho, Plutarco, Propércio, Pérsio, Catulo, etc.

Palavras-chave: estudos clássicos; literatura grego-latina; antiguidade clássica.

Tradução e recepção: breve panorama de atividades do LEC-UFF

Beethoven Alvarez (UFF)

balvarez@id.uff.br

Renata Cazarini (UFF)

recazarini@id.uff.br

Marcello Peres Zanfra (UFF)

marcellozanfra@id.uff.br

RESUMO: O LEC-UFF é um grupo de pesquisa (cadastrado no CNPq desde 2018) que reúne, em um espaço coletivo de troca e desenvolvimento, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, uma comunidade de interessados nos Estudos Clássicos e em áreas afins. Congrega professores e alunos (de graduação e pós-graduação) de Língua e Literatura Grega e Latina, de História Antiga e Medieval, de Filosofia, de Estudos da Tradução e de Recepção, e de outras áreas, da própria UFF e de outras universidades, como UFRJ, UFRRJ, UERJ, UFPR e UEPA. As atividades do LEC-UFF objetivam fomentar a área de Estudos Clássicos, na graduação e na pós-graduação, local e regionalmente, e se traduzem na orientação de estudantes (em projetos de monitoria, desenvolvimento acadêmico, IC, extensão, mestrado, doutorado etc.); no fomento à circulação dos resultados de pesquisa de seus membros e do restante da comunidade científica; na organização de eventos científicos (como o SEC-UFF); e no apoio a atividades de outros grupos. Nesta sessão do “Observatório de Grupos de Estudos e Pesquisas” da Associação Brasileira de Professores de Latim, apresentaremos, com algum detalhe, um breve panorama de atividades do LEC-UFF, destacando principalmente pesquisas em tradução e recepção. Integra o projeto de pesquisa de Marcello Zanfra a recepção dos clássicos e a intertextualidade, na lusofonia, e, sobretudo, no uso dos gêneros “baixos” da Antiguidade, como comédia e sátira, visando à legitimação e ao vitupério, por autores cristãos em contextos polêmicos. Beethoven Alvarez tratará de projetos, vinculados à Faperj e ao CNPq, de tradução em versos, retradução criativa, tradução coletiva e leitura dramatizada de comédias de Plauto, analisando, em especial, exemplos das peças *Curculio* e *Poenulus*. Uma frente de pesquisa já consolidada no LEC-UFF é a da recepção e da tradução sob a perspectiva dos Estudos Feministas, numa abordagem interseccional com os Estudos Clássicos; sob orientação de Renata Cazarini, pesquisas são desenvolvidas por alunas de língua e literatura latina, com bolsas CNPq e Faperj, abordando a poesia de Ovídio e Sêneca. Com este pequeno recorte, esperamos marcar nossa participação no evento, sem, contudo, podermos dar conta da multiplicidade e variedade de projetos e áreas de pesquisa investigadas pelos 17 docentes-pesquisadores do LEC-UFF, incluindo ainda Filosofia e História Antiga, Mitologia e Religião; Estudos Literários e Gêneros Poéticos; Teatro e Performance; Língua, História da Língua, Historiografia da Linguística e Educação.

Palavras-chave: literatura latina; recepção dos clássicos; tradução.

Pesquisas em gramática e retórica no Amazonas: desafios e avanços

Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)
cjesus@uea.edu.br

Francisco de Assis Costa de Lima (UEA/UNICAMP)
faclima@uea.edu.br

Fernanda Santos da Silva; Leillane Regina dos
Santos (CAPES); Wanessa Almeida Ramos (CNPQ)

RESUMO: O Núcleo “Giancarlo Stefani” de Investigação em Gramática e Retórica, Antigas e Modernas (NIGRAM), vinculado à Universidade do Estado do Amazonas, reúne pesquisadores e estudantes interessados na tradição dos estudos gramaticais e retóricos desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Partindo do legado greco-latino, o grupo busca compreender como as reflexões sobre a linguagem, o discurso e a normatividade linguística foram construídas historicamente e como ainda influenciam os estudos atuais em linguística, filologia e análise do discurso. Em um contexto geográfico marcado por desafios estruturais e pela distância dos grandes centros acadêmicos, o NIGRAM tem como propósito fortalecer os estudos clássicos na região amazônica, formando novos pesquisadores e criando um ambiente acadêmico estável e produtivo. O núcleo atua de forma integrada, articulando pesquisa, ensino e extensão, ao mesmo tempo em que promove o diálogo interdisciplinar entre gramática, retórica, história das ideias linguísticas e teoria do discurso. Entre suas atividades mais relevantes está a organização de eventos científicos regulares. Destaca-se a Semana Internacional de Estudos Clássicos do Amazonas (SECLAM), que reúne pesquisadores do Brasil e do exterior e contribui para a circulação de pesquisas sobre Antiguidade, Humanidades Clássicas e suas recepções. Outro espaço importante é o Seminário de Pesquisas em Andamento (SEPA), voltado à apresentação e discussão de projetos de graduação e pós-graduação, favorecendo a formação acadêmica, o amadurecimento metodológico e o intercâmbio intelectual. O grupo também desenvolve ações de extensão e divulgação científica, como minicursos, palestras e mesas-redondas dirigidos à comunidade acadêmica e ao público interessado. Essas iniciativas procuram apresentar, de forma acessível e fundamentada, temas como a origem da tradição gramatical, o papel da retórica na cultura ocidental e a atualidade dos estudos clássicos na compreensão da linguagem. Outro eixo fundamental de atuação é a produção e a difusão de conhecimento. O NIGRAM mantém um acervo digital com anais de eventos, cadernos de resumos, artigos e e-books resultantes de suas atividades, contribuindo para ampliar a visibilidade das pesquisas desenvolvidas no Amazonas e para inserir a produção regional no debate científico nacional e internacional. Assim, o NIGRAM vem se consolidando como um polo de referência regional em estudos de gramática e retórica. Seus principais desafios estão relacionados à consolidação institucional e à ampliação de redes de colaboração; seus avanços, por sua vez, evidenciam-se na continuidade das atividades acadêmicas, na formação de novos pesquisadores e na crescente inserção dos estudos clássicos produzidos na Amazônia no cenário científico mais amplo.

Palavras-chave: estudos clássicos; gramática; retórica; história das ideias linguísticas.

Minas com Rio no Círculo de Estudos da Antiguidade (CirceA/CNPq/SBEC)

Charlene Martins Miotti (UFJF)

charlene.miotti@ufjf.br

Fernanda Cunha Sousa (UFJF)

fernanda.cunha@ufjf.br

Ana Clara Vizeu Lopes; Emmanuele Souza Sales
de Lima; Isabella Guimarães Silva; Isadora de
Souza Belli; Laura Prates Bellozi Monteiro;
Luiza Diniz Araújo

RESUMO: Formado em 2012 sob a coordenação da Profa. Dra. Neiva Ferreira Pinto (UFJF), o antigo Grupo de Pesquisa “GREC – Grupo de Estudos Clássicos” mudou de nome em 2018, passando a se chamar “CirceA – Círculo de Estudos da Antiguidade”, sob coordenação das Prof.as. Dr.as. Fernanda Cunha Sousa e Charlene Martins Miotti (UFJF) desde 2015. Atualmente, o grupo conta com 12 professores pesquisadores de cinco Universidades Federais (UFJF, Unifal, UFU, UFMG e UFRJ) e mais de 40 estudantes, cujas atuações se dividem em nossas duas linhas de pesquisa: “Linguagem e Cultura em Grécia e Roma” (abrigo projetos sobre as inter-relações entre linguagem e cultura no mundo grego e romano, com ênfase na compreensão e representação das línguas e de seus usuários, com possíveis aportes teóricos contemporâneos, e nas tradições poética, retórica, filosófica e gramatical antigas) e “Performance, crítica e recepção” (abrigo discussões que toquem a crítica, a performance e a recepção — incluindo o ensino e a tradução — das línguas e literaturas grega e latina a partir de referenciais disciplinares e transdisciplinares, na busca por melhor compreensão das questões ligadas à memória cultural e aos fenômenos de leitura do passado). Com encontros mensais para debate sobre projetos e textos em andamento, o objetivo do CirceA é promover trabalho conjunto entre professores, pós-graduandos e graduandos interessados na área de Estudos Clássicos e provenientes de diferentes Unidades Acadêmicas e Instituições de Ensino Superior. Com isso, estreitam-se laços profissionais entre aqueles que estão vinculados à habilitação específica na área e aqueles que atuam em outras habilitações, compartilhando realidades diversas e fortalecendo a atuação de seus integrantes dentro e fora de seus cursos de origem. No X Encontro Nacional de Professores de Latim, os seguintes estudantes apresentarão brevemente suas pesquisas: 1) Ana Clara Vizeu Lopes (Doutoranda, orientada por Charlene Miotti, com o projeto “*Pauper et diues inimici*: tradução e estudo das *Declamações Maiores 7, 9 e 11* atribuídas a Quintiliano”); 2) Isadora de Souza Belli (Doutoranda, orientada por Charlene Miotti, com o projeto “*Venenum effusum*: tradução e estudo da *Declamação Maior 17* atribuída a Quintiliano”); 3) Luiza Diniz Araújo (Doutoranda, orientada por Carol Rocha, com o projeto “Pesquisas sobre as *Heroides* de Ovídio”); 4) Emmanuele Souza Sales de Lima (Bolsista de Extensão, orientada por Fernanda Sousa, com o projeto “Contos de Mitologia”); 5) Isabella Guimarães Silva (Iniciação Científica, orientada por Carol Rocha, com o projeto “Apresentando a Transantologia”); 6) Laura Prates Bellozi Monteiro (Iniciação Científica, orientada por Fábio Fortes, com o projeto “O *Micrologus* de Guido d’Arezzo (c. 995-1050)”).

Palavras-chave: grupo de pesquisa; estudos clássicos; tradução; culturas grega e romana.

De magistro: reconfigurar a formação de professores de latim para os desafios do século XXI

Fátima Margarida Mendes dos Reis de Sá Ferreira (UC)
titamargarida@gmail.com

RESUMO: O ensino das línguas clássicas exige, na atualidade, uma profunda reflexão sobre os modelos de formação inicial e contínua de docentes. Perante um paradigma educativo que privilegia a competência comunicativa e a literacia digital, o ensino do latim não pode permanecer refém de metodologias exclusivamente de tradução e de abordagem tradicional de gramática. A presente comunicação propõe uma visão integrada da formação docente, estruturada em torno de quatro domínios fundamentais que garantam a eficácia e a relevância da prática letiva. Em primeiro lugar, o conhecimento científico (morfologia, sintaxe e léxico) deve ser articulado com um sólido domínio da cultura e civilização romanas, permitindo aliar a língua ao contexto de uso. Em segundo lugar, defende-se o desenvolvimento de competências didáticas específicas, onde o futuro docente domine tanto o rigor da filologia como as metodologias que podem ser praticadas no ensino da língua latina, privilegiando, para além do texto e da língua, o trabalho dos domínios da oralidade, da escrita e da leitura. O trabalho com estes domínios permite transpor o conhecimento académico para uma aprendizagem significativa, tornando a língua latina um organismo vivo e compreensível. A proposta foca-se, ainda, na capacitação dos professores para a integração de recursos digitais e patrimoniais, ferramentas essenciais para a contextualização da aprendizagem. A competência para planificar sequências didáticas que equilibrem o rigor gramatical com a acessibilidade pedagógica é identificada como a chave para motivar alunos com perfis cognitivos diversos. O professor de latim deve atuar como um intermediário cultural, capaz de apresentar a língua como uma ferramenta crítica de compreensão linguística. Conclui-se que a qualidade da formação depende da superação do isolamento disciplinar. Apenas uma preparação que harmonize a excelência científica com a inovação pedagógica poderá formar docentes capazes de responder aos desafios atuais, assegurando que o latim permaneça não apenas como uma disciplina de currículo, mas como um campo de saber vibrante, motivador e essencial para a formação humanística integral.

Palavras-chave: formação de professores; didática do latim; metodologias; educação clássica.

Pecora Loca - Grupo de tradução e(m) performance

Guilherme Gontijo Flores (UFPR)
ggontijof@ufpr.br
Fábio Paifer Cairolli (UFPR)
Guilherme Bernardes (UFPR)

RESUMO: Pecora Loca é um grupo de poesia e performance de traduções de textos antigos e modernos fundado por Rodrigo Tadeu Gonçalves e Guilherme Gontijo Flores. Na formação atual, conta também com Guilherme Bernardes e, a partir de abril de 2025, Fábio Paifer Cairolli. O projeto formou-se em 2015 a partir do grupo que originalmente traduziu o poema 63 de Catulo em uma disciplina de graduação da UFPR. Na época, Acácio Stocco, Marina Grochocki, Alexandre Cozer, Raphael Pappa Lautenschlager, alunos da disciplina de Língua Latina VI, ofertada por Rodrigo Tadeu Gonçalves, acresceram-se Guilherme Gontijo Flores e Bernardo Guadalupe Lins Brandão. O grupo passaria por diversas formações, recebendo colegas como Marcelo Bourscheid, Leonardo Fischer, Luana Dorocinski, Sergio Maciel, Luciane Alves e Guilherme Bernardes. Ao longo dos anos, o grupo fez diversos experimentos sonoros até se tornar a banda que no presente faz performances musicais de traduções e originais de poemas greco-romanos e de canções do período moderno em outras línguas. Um repertório que conta com gregos como Safo, Alceu, Simônides e Anacreonte, romanos como Catulo, e Horácio, mas também com Carmina Burana, poesia provençal, murder ballads, e clássicos do cancionário moderno, que são performados em português e nas línguas originais numa singular mistura de estilos e épocas. Durante a apresentação, alguns dos critérios norteadores do processo compositivo do grupo serão apresentados, bem como comentários a alguns dos poemas que integram o repertório atual do grupo.

Palavras-chave: tradução poética; performance; recepção dos clássicos; poesia antiga.

A Presença do Latim no Curso de Letras da Unicamp: de 1988 a 2026

Patricia Prata (Unicamp)
pprata@unicamp.br
Isabella Tardin Cardoso (Unicamp)
icardoso@unicamp.br
Marcos Aurelio Pereira (Unicamp)
marcauper@unicamp.br
Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp)
odoricano@gmail.com

RESUMO: A presente comunicação, dedicada ao curso de Graduação em Letras, faz parte de pesquisa mais ampla desenvolvida pelos docentes de Latim da Unicamp, membros fundadores que atuam, alternadamente e junto com o Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira (docente de Grego Clássico) como Coordenadores do CEC-Centro de Estudos Clássicos do IEL. A investigação visa mapear a presença e o impacto acadêmico e social das disciplinas de língua e literatura latina, bem como de orientação em pesquisa em cursos de Graduação oferecidos no Instituto de Estudos da Linguagem da universidade. Parte-se de dados quantitativos, i.e. número de alunos atendidos anualmente em disciplinas obrigatórias e eletivas de língua e literatura (oito de língua, além de tópicos) e ainda em orientação em Iniciação Científica e Monografia de final de curso. Em seguida, passa-se a avaliar o impacto das disciplinas no percurso formativo dos alunos. Por exemplo, quanto à pesquisa, mapeiam-se os principais temas e abordagens explorados pelos alunos do curso de Letras optantes pela área, bem como a continuidade de estudos em Pós-graduação. Também se apresentam dados sobre a participação dos alunos em atividades de Extensão (como a Universidade de Portas Abertas) e de Divulgação Cultural, bem como, mais recentemente, em disciplinas de vetor extensionista. Entrevistas com amostra de egressos do Curso de Letras da Unicamp atuantes em Ensino Básico e Ensino Superior formam a base para avaliar o papel e importância do Latim na formação dos professores brasileiros nas áreas afins. Como resultado, na linha da curricularização da Extensão e da legislação acerca da reforma dos cursos de Licenciatura no país, propõem-se ações que visam ao incremento do diálogo entre a área de Estudos Clássicos do IEL e Instituições de Ensino Superior e de Ensino Básico no país.

Palavras-chave: latim; ensino; letras; licenciatura; extensão.

***Giz-en-Scène*: teatro antigo, divulgação e extensão universitária**

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (Unesp-FCLAr)
marco.aurelio@unesp.br

RESUMO: A presente apresentação propõe apresentar um panorama geral e discutir as atividades atuais do Grupo *Giz-en-Scène*. O, então, *Grupo de Leituras Dramatizadas Giz-en-Scène* consolidou-se, em sua forma atual, a partir de um conjunto de experiências desenvolvidas inicialmente em São Paulo, entre 1982 e 1986. Em 1987, uma terceira temporada realizada em Belo Horizonte ampliou o alcance do projeto; contudo, foi em Araraquara, na etapa posteriormente reconhecida como sua quarta temporada, que o grupo adquiriu identidade própria e continuidade orgânica. Nesse momento também foi definido seu nome, a combinação entre o “giz”, instrumento pedagógico emblemático da prática docente, e o termo francês *mise-en-scène*, que remete à disposição cênica e à construção dramática do espetáculo. A fusão dos termos sintetiza a vocação do grupo para articular práticas educativas e experimentação teatral. Ao longo de suas décadas de existência, o *Giz-en-Scène* passou por sucessivas reformulações, acompanhando transformações tanto no campo dos Estudos Clássicos quanto nas abordagens contemporâneas da performance. Atualmente, o grupo encontra novo impulso institucional com sua integração aos projetos de Extensão da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara e com a formalização de seu Grupo de Pesquisa, registrado na base do CNPq. Essa dupla inserção, extensionista e acadêmica, reforça seu compromisso com a circulação, mediação e atualização dos textos da Antiguidade Clássica, dirigindo-se a públicos diversos, especializados ou não. Em sua quinta temporada, o *Giz*, como é carinhosamente conhecido por seus integrantes, reúne alguns de seus membros fundadores e participantes veteranos, ao mesmo tempo em que se abre à incorporação de novos integrantes e às múltiplas possibilidades de leitura, performance e recepção dos clássicos que os debates do século XXI têm evidenciado. Assim, o grupo reafirma sua função como espaço de experimentação estética, reflexão crítica e diálogo intergeracional, mantendo viva a presença dos textos antigos no horizonte cultural contemporâneo.

Palavras-chave: *Giz-en-Scène*; teatro clássico; leitura dramatizada; grupo de pesquisa; extensão.

Ensinar latim na Amazônia: quando o texto vira exercício e o aluno vira autor

Vivian Gregores Carneiro Leão Simões (UFRR)
vivian.simoes@ufrr.br

Jhyovana Almeida Rocha; Lucas da Silva de Sá do
Nascimento; Sissi Wiecheteck; Willian Barros Afonseca

RESUMO: Em um espaço que, à primeira vista, parece pequeno dentro da grade dos cursos de Letras da UFRR, algo insiste em crescer. Talvez não com alarde, mas com persistência: o interesse pelos Estudos Clássicos, cultivado entre textos antigos, vozes distantes e alunos que, pouco a pouco, deixam de ser apenas leitores para se tornarem autores, protagonistas de sua formação como futuros docentes. Este trabalho nasce do encontro entre ensino e dois importantes espaços de formação acadêmica, o Programa de Monitoria e o Programa de Iniciação Científica, em um entrelaçamento de experiências que transforma a sala de aula em oficina e o texto latino em matéria viva. Ao ingressarem como monitores, os estudantes são convidados a atravessar um percurso que vai além do apoio pedagógico aos colegas novatos: mergulham na análise da gramática latina, enfrentam seus sistemas e formas e, nesse processo, veem-se também diante de outra tarefa: aprender a ensinar. Cada aluno que passa por esse projeto traz consigo um novo cópulo, um novo recorte, um novo olhar. De Higino a Ovídio, entre fábulas e mitos, essas narrativas, nas mãos desses estudantes, deixam de ser apenas objeto de estudo para se tornarem também ferramenta de ensino. No exercício das análises morfosintáticas e nas escolhas didáticas, constrói-se algo maior: uma reflexão sobre língua, sobre tradução e sobre o próprio fazer docente. O resultado desse trabalho coletivo, feito por muitas mãos e movido por um entusiasmo que resiste, materializa-se em um caderno de textos e exercícios voltado ao ensino de latim para as disciplinas *Latim I: língua e cultura* e *Latim II: língua e cultura*, dos cursos de Letras da UFRR. Mais do que um material didático, ele é testemunho de um processo formativo: ali se encontram não apenas estruturas gramaticais, mas também marcas de percurso, tentativas, descobertas e escolhas, e, sobretudo, a formação de novos olhares sobre a língua latina e o ensinar.

Palavras-chave: ensino de língua latina; formação docente; elaboração de material didático; Higino; Ovídio.

***Latinitates*: As representações do gênero e da sexualidade**

Weberson Fernandes Grizoste (UEA/UFAM)

wgrizoste@uea.edu.br

Elivelton Souza da Silva; Geovanne Amaral Borges
(CAPES); Taylla Larissa Leite Barbosa (CAPES)

RESUMO: O grupo de pesquisa *Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos*, na linha “As representações do gênero e da sexualidade”, desenvolve investigações que articulam literatura, história cultural e teoria do discurso, considerando o amor, o erotismo e a obscenidade como construções simbólicas atravessadas pelas relações de poder. Partindo da premissa de que a sexualidade antiga não se organiza segundo identidades fixas, mas sim segundo práticas, papéis e hierarquias sociais, alguns projetos em andamento examinam como a poesia e a prosa latinas elaboram, tensionam e representam essas dinâmicas. A pesquisa já concluída sobre a linguagem desbragada e obscena na poesia latina demonstrou que o vocabulário sexual integra convenções genéricas e estratégias retóricas próprias da invectiva, do epigrama e da sátira, evidenciando a centralidade da oposição ativo/passivo como matriz simbólica das relações de poder próprias de Roma. A obscenidade, nesse contexto, configura-se como um *topos* discursivo que dramatiza tensões morais, políticas e sociais. Em diálogo com esse fundamento teórico, uma das dissertações investiga a representação do homoerotismo nos *Carmina Catulli*, especialmente no ciclo de Juvêncio, examinando como desejo, virilidade, exclusividade e ciúme se articulam poeticamente. Ao tratar o amor como construção cultural e não como sentimento universalizante, o estudo insere o homoerotismo no horizonte legítimo das experiências afetivas romanas, evidenciando as convenções que regulam práticas e papéis. Outra pesquisa dedica-se às *Heroides*, de Ovídio, analisando a construção da voz feminina na elegia augustana. Ao explorar amor, abandono, ciúme e morte nas cartas de heroínas como Penélope, Fedra e Dido, o trabalho discute a representação da mulher em Ovídio e a possível inversão dos papéis tradicionais do gênero elegíaco, problematizando a condição feminina no interior de uma sociedade patriarcal. Por fim, o estudo sobre o *Satyricon*, de Petrônio, examina as categorias de beleza, amor e repulsa como dispositivos narrativos que estruturam hierarquias sociais e eróticas entre homens, jovens e mulheres. A obra é analisada como espaço de encenação da instabilidade dos papéis sexuais e da mobilidade social, onde o desejo revela tanto atração quanto degradação. Em conjunto, os projetos evidenciam que gênero e sexualidade, na literatura latina, constituem campos privilegiados de elaboração simbólica das relações de poder, permitindo compreender a Antiguidade não como espelho de categorias modernas, mas como sistema cultural dotado de lógica própria da época romana.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; erotismo; representação literária; poder.